

NICODEMOS DE ARAÚJO

VELA CRUZ



Edição "A FORTALEZA"

Nicodemos Araújo

B E L A C R U Z

DE PRÉDIO RÚSTICO A CIDADE

1730 - 1967

Edições A FORTALEZA
Fortaleza – Ceará
1967

DO MESMO AUTOR
HARMONIA INTERIOR
(Versos – 1935)
SANTA CRUZ DO ACARAÚ
(Esboço Histórico – 1936)
MUNICÍPIO DE ACARAÚ
(Monografia – 1940)
VOZES DA ALMA
(Versos – 1940)
MINHA PRECE
(Poema – 1947)
PELA GLÓRIA DO ALTAR
(Hinário – 1953)
O ANJO PROTETOR
(Teatro – 1954)
FALAS DO CORAÇÃO
(Versos – 1955)
FOLHAS DO OUTONO
(Versos – a sair)

À memória de:

MIGUEL LOPES DE ARAUJO COSTA
JOÃO BATISTA DA SILVEIRA
GABRIEL FLORÊNCIO DE VASCONCELOS
PROF. NICÁCIO BARBOSA CORDEIRO
JOSÉ LOPES DA SILVEIRA
FRANCISCO ROMÃO DE CARVALHO
MÁRIO DOMINGUES LOUSADA
MANOEL DUCA DA SILVEIRA
PROF. MARIA FLORINDA DOS SANTOS.

Cujos nomes estão ligados, muito de perto, à vida e ao engrandecimento de BELA CRUZ, dedico esta monografia.

À saudosa memória de JOÃO LOPES DE ARAUJO e FRANCISCA SILVEIRA LOPES, – meu pai e minha mãe, – tributo vivo e puro da minha filial veneração.

Aos meus irmãos:

LOPES,

AFONSO,

RAIMUNDINHA

GERALDA,

testemunho da minha profunda afeição.

"Foi ali que cavei, com minhas mãos ignorantes, êsse poço da infância, insondável na sua pequenez, que refresca o deserto da vida e faz dêle para sempre, em certas horas, um oásis sedutor".

Joaquim Nabuco

"Ama com fé e orgulho a terra onde nasceste".

Olavo Bilac

Bela Cruz

Á Alice, minha companheira de tôdas as horas

Oh! minha Bela Cruz, meu berço de veludo!
Oh! ninho que embalaste o meu primeiro sonho
Nesta data feliz, feliz eu te saúdo,
e nesta saudação meu grande amor eu ponho.

Abrindo da memória o livro que ora estudo,
teu retrato de outrora inteiro recomponho:
— as casas, a capela, o catavento... tudo...
a velha gameleira e o flamboiã risonho.

E, ao ver-te hoje cidade autônoma e bonita
na distinção do povo ordeiro que te habita,
num constante labor que ao progredir conduz,

noto que, enquanto aumenta a tua evolução,
mais te sinto crescer dentro do coração,
jóia do meu Brasil, fidalga Bela Cruz.

Em 25.3.1959

Uma carta do imortal acarauense, Padre Antônio Tomás, – príncipe dos Poetas Cearenses, – sôbre o livro intitulado "MUNICÍPIO DE ACARAÚ", da autoria de Nicodemos Araujo, e publicado em 1940.

"Santa Casa de Sobral, 7/10/1940

Prezado am.º. Nicodemos Araújo

Cordiais saudações.

Recebi e agradeço o exemplar que v. me ofereceu do – MUNICÍPIO DE ACARAÚ – de sua autoria.

Filho dessa boa terra e cioso como quem mais o seja de suas tradições, foi com o maior prazer e o mais vivo interesse que percorri todo o seu livro, admirando-lhe o paciente labor na pesquisa dos vários documentos nele enfeixados.

Felicito-o muito calorosamente por mais este marco plantado em sua carreira literaria, e faço votos para que surjam em breve, para honra e glória de nossa terra, novas produções de seu formoso talento.

Com a mais elevada estima do

patricio e am.º. mt.º. grato

Pe. Antonio Tomaz"

Duas Palavras

Alcântara Nogueira, em sua brilhante obra histórica intitulada IGUATÚ, informa: "O trabalho que escrevemos constitui uma pesquisa que se assenta, antes de tudo, em quatro bases principais: o documento, a tradição escrita, a tradição oral e a realidade presente".

Data vênia, fazemos nossas as palavras do egrégio historiador iguatense, porque os modestos apontamentos que compilamos e enfeixamos nestas páginas, se apoiam também nessas quatro bases.

E, para segurança dos informes contidos neste escasso trabalho, tivemos de recorrer a algumas fontes autorizadas, como: CEARÁ – HOMENS E FATOS, de João Brígido, HISTÓRIA DE SOBRAL, de Dom José Tupinambá da Frota, DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, HISTÓRICO E DESCRITIVO, de Álvaro Gurgel de Alencar, HISTÓRIA DO CEARÁ, de Filgueiras Sampaio, IGUATÚ, de Alcântara Nogueira, QUIXADÁ, de José Bonifácio de Sousa, NOTAS DE VIAGEM, de Antônio Bezerra de Meneses, Arquivo da Paróquia de Acaraú, Arquivo de Paróquia de Bela Cruz, Coleção de Leis da Assembléia Legislativa do Ceará, Arquivo da Prefeitura de Acaraú, Arquivo da Prefeitura de Bela Cruz, e outras.

Entretanto, não tivemos a veleidade de querer fazer história, quando coligimos as notas a que demos o título de – BELA CRUZ.

Apenas tentamos prestar um serviço, desvalioso embora, àquela querida parcela do solo cearense, que nos deu o bêrço nativo, neste ano em que se comemoram as Bodas de Prata de sua Paróquia e o décimo aniversário de seu município.

Longe de nós a pretensão descabida, de julgar êstes apontamentos outra coisa além de um diminuto subsidio para uma obra que porventura se venha a escrever sobre a vida e o desenvolvimento do município de Bela Cruz.

Todavia, conforta-nos o afanoso trabalho a que nos abalancamos, para conseguir esta monografia, e a certeza de havermos contribuído, modestamente embora, para tornar mais conhecida aquela futura comunidade cearense.

E isto nos basta,

ACARAÚ – Julho de 1967

Nicodemos Araújo

ALTO DA GENUVEVA

Segundo afirmavam os nossos antanhos, uma velha mestiça chamada GENUVEVA foi a primeira pessoa que habitou a localidade hoje denominada cidade de BELA CRUZ. Isto aí pelo ano da graça de 1730.

E, ainda consoante o que diz a tradição oral, essa mulata mandou construir uma casinha de taipa no ponto mais alto daquelas redondezas e próximo da hoje Lagoa de Santa Cruz. Adianta nossa fonte de informação, que essa anciã sabia rezar para tudo: tirava quebranto de crianças, rezava a Santa Apolônia, para curar dor de dentes, rezava a Estrêla do Céu, para matar lagartas nas plantações, fazia responsos a Santo Antonio, para achar os perdidos e abreviar casamentos, rezava para espinhela caída, para erisipela... Em fim, até sabia fazer uns *despachozinhos*.

E aquilo constituía, naquelas recuadas eras, como constitui ainda hoje, uma eficiente fonte de renda e de prestígio tal, que a localidade ficou sendo conhecida por ALTO DA GENUVEVA.

E, quando alguns anos mais tardes, Domingos Aguiar de Oliveira, Bernardo da Silveira, Inácio de Almeida, Nicolau da Costa Peixoto, e outros homens possuidores de recursos, alí vieram fixar residência, construíram suas moradas bem perto da casinha de Genuveva.

Tanto isso é verdade que, ao norte do ponto onde foi construída a primitiva capelinha de Nossa Senhora da Conceição, a gente encontra, ainda, pedaços de tijolos e telhas, coisa antiga, restante, provavelmente, dos escombros das mencionadas casas residenciais.

E, quanto ao denominar-se o local de Alto da Genuveva, o grande historiador Alvaro Gurgel de Alencar, em seu "DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, HISTÓRICO E DESCRITIVO", página 345, escreve o seguinte: "Antes de ter o nome – Santa Cruz – era a localidade conhecida por – Alto da Genuveva – nome esse que tinha uma mulata – sua primeira habitante. Sua primeira capela foi construída em 1732 e era conhecida por capelinha da Genuveva, nome que

um Frade Franciscano substituiu por Santa Cruz".

E a importante obra intitulada "CEARÁ", escrita pelos eminentes professores Raimundo Girão e Antônio Martins Filho, em sua edição de 1966, página 96, confirma: "Mais recuadamente denominou-se de Alto da Genuveva, em virtude, ao que se diz, de morar aí, uma mulata desse nome".

Diante do que escrevemos e transcrevemos, parece que não poderá haver mais dúvidas de que a primeira denominação da hoje cidade de Bela Cruz foi ALTO DA GENUVEVA.

CIDADE DE BELA CRUZ

A cidade de Bela Cruz, sede do município de igual nome, está localizada metade, a leste, à margem da varzea ribeirinha, e metade sôbre elegante colina, e, apesar de alguns acidentes do terreno prejudicarem um pouco o seu aspecto físico, oferece uma agradável perspectiva ao visitante. Está assim emoldurada: – ao Norte, acha-se a histórica Lagoa de Santa Cruz, que viu nascer o povoado, e, há mais de dois séculos, abrindo uma vasta *clareira* na densidade do carnaubal, serve de balneário natural para muita gente. Ao Sul, ergue-se o imponente Monumento de Fátima, mostrando, pelas suas amplas arcadas, a rodagem que demanda a Capital do Estado, ao longo da qual estão fincados os postes da CENORTE, aguardando a energia hidráulica do ARARAS e lembrando autênticos marcos do Progresso, apontando para o alto. A leste, é a encantadora varzea ribeirinha, com a carnaubeira perenemente lequeada "os belos grandes cachos exibindo, como tranças de enorme cabeleira", e a frondosa oiticica que nos estende alegre os galhos enfolhados, num grande abraço acolhedor e amigo. Ao Oeste, avulta a colina exuberante de verdura, de onde se descortina um panorama belíssimo, apanhando, com o olhar, a cinta-da-mata do outro lado do Rio Acarau, e onde se destacam as chaminés da IACOL, expelindo grossos rolos de fumaça escura, os quais tomam formas diversas, fazendo lembrar monstros enormes, galopando pelo espaço. E no centro da praça principal, como se fosse o próprio coração da cidade, ergue para o céu a sua torre esguia e formosa, a Igreja Matriz, – atalaia vigilante da Fé Cristã, – e no cimo da torre, a primorosa imagem da Virgem da Conceição, sua Padroeira, "tem as mãos juntas, como que pedindo que a nossa mente nunca mais a esqueça".

Seu perímetro urbano conta 17 ruas e 3 praças, tôdas com seus prédios numerados e emplacados, e colocadas na seguinte ordem: De Norte a Sul: Rua da Aurora, Rua Major João Albano, Praça Mário Lousada, Rua Cap. Miguel Lopes, Rua São Vicente, Praça 23 de Fevereiro, Rua Santa Cruz, Rua 17 de

Janeiro, Rua Cel. Duca Silveira, Rua Francisco Romão e Rua N.S, de Fátima. De Leste a Oeste: Rua Nicolau Peixoto, Rua Humaitá, Praça Dep. Manoel Rodrigues, Rua Nicodemos Araújo, Rua 7 de Setembro, Rua Prof. Nicácio, Rua Padre Odécio, Rua Cap. Diogo Lopes e Rua Domingos Aguiar. Possui dois bairros bem populosos, que se denominam "Chapadinha" e "Brasília", duas Avenidas com instalações de luz embutidas e bancos de marmorite e uma praça iluminada a mercúrio. Conta seis ótimos prédios escolares, Mercado Público, Matadouro Municipal, Correios e Telégrafos, Serviço Telefônico Urbano, Paço Municipal, Campo de Pouso, bons hotéis, bares, barbearias, mercearias, oficinas mecânicas e de calçado; boa luz, bem cuidada arborização e ótimo clima. Conta 910 prédios, com a população de 3.500 habitantes, sendo Bela Cruz, sem favor e sem bairrismo, uma das cidades mais lindas do interior cearense.



O GOVERNADOR PAULO SARASATE ASSINANDO A LEI QUE CRIOU O MUNICÍPIO DE BELA CRUZ.
VÊ-SE TAMBÉM OS DEPUTADOS VIRGÍLIO TVORA E MANOEL GOMES SALES, CEL MANOEL DUCA
DA SILVEIRA, PE. EGBERTO ANDRADE E OUTROS.

PRIMEIRO CAPITULO

BELA CRUZ E SEUS POVOADORES O PROTÔNIMO

Consoante está suficientemente demonstrado em outro local desta monografia, a hoje cidade de Bela Cruz, primitivamente chamou-se de Alto da Genuveva, denominação que, em 1733, foi substituída pela de Santa Cruz, pelo Frade Franciscano João de Maria. E, por força da Lei federal n.º 311, de 2 de março de 1938, recebeu denominação oficial de BELA CRUZ.

A SESMARIA DO GÓES

Pode-se afirmar que o território do município de Bela Cruz está localizado na Data de Sesmaria conhecida em tôda esta região pelas Nove Léguas do Góes.

Efetivamente, no ano de 1685, o engenheiro português Manoel Dias de Góes, requereu e lhe foi concedida, pelo então Capitão-mor Bento Macedo de Farias, "Governador da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção do Ciará Grande, em nome de Sua Majestade dona Maria I, Rainha de Portugal, que Deus guarde", uma posse de nove léguas de terra, na ribeira do baixo Acaraú, para criação de gados e lavouras.

Pois bem; ao que asseveram pessoas provectas e conhecedoras do assunto, o sesmeiro dr. Góes, recebendo autorização para medir o imóvel requerido, montou um cavalo bom estradeiro e partiu do "Marco do Guarda", em rumo do sul. Adiantam que êsse cidadão conduziu à mão um relógio de táboa, e, ao fim de cada hora decorrida, marvaca uma légua, até que a sesmaria de nove légua que lhe fôra concedida, foi terminar no lugar "Pau Ferrado", hoje pertencente ao município de Santana do Acaraú.

Eis porque o município de Bela Cruz, isto é, pelo menos dois terços de seu território, se localizam nas Nove Léguas do Góes.

PRIMEIROS POVOADORES

No que concerne aos seus primeiros povoadores e suas respectivas ocupações, mesmas foram a agricultura e a criação de gado. E nem podiam ser outras as ocupações do povo, ali, naqueles remotos tempos.

Aliás, João Brígido, em seu livro "CEARÁ – HOMENS E FATOS", escreve, à pág. 16: "No longo período da guerra holandesa, o interior do Ceará começou a receber população de origem portuguesa. Muitas famílias tiveram de abandonar o litoral para viver nas matas, ocupando-se de plantações, ou no sertão criando gado. O gado que situaram teve incremento espantoso. E procedia das Ilhas Portugêsas. Pelo litoral vieram também povoadores para o Ceará, sendo quase exclusivamente de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande. Desta região são as famílias que primeiro se estabeleceram na bacia do Acaraú".

Ora, daí se depreende que os primeiros povoadores de Bela Cruz, procediam daquela faixa do território brasileiro. E, ao que fomos informados, pelo menos Nicolau da Costa Peixoto e o capitão Domingos Aguiar eram pernambucanos.

E o município de Bela Cruz, cujos terrenos possuem as características próprias das várzeas do baixo Acaraú, se prestam à lavoura e à pecuária, indistintamente, sem divisão de zonas especiais, para uma ou para outra, pois tanto a agricultura como a criação se fazem na ribeira e nas matas, conjuntamente.

E naquelas redondezas não havia, pelo menos até fins do século XVIII, outra ocupação para a população, além da lavra e do pastoreio, que, até então, constituíam a única base da economia rural.

Ora, consoante escreve Pompeu Sobrinho, em "O CEARÁ", de 1966, pág. 17: "a agricultura rudimentar e a pecuária, pela falta de transporte e em consequência das frequentes sêcas, localizavam-se sobretudo no litoral, nos sopés das serras e nos pequenos vales úmidos", Assim, o ilustrado historiador cearense, de qualquer maneira, vem corroborar o nosso modo de pensar, relativamente à ocupação dos nossos antepassados.

Eis porque, não obstante o pavoroso fenômeno climático a que está sujeita esta larga parcela do território nacional, achamos que o povo belacruzenso tirava, então, o seu sustento e o seu desenvolvimento da criação e do cultivo do solo.

E graças às meticolosas pesquisas que tivemos de fazer em torno do assunto, chegamos a ter conhecimento de que apreciável quantidade de gado bovino vinha da zona da então povoação de Santa Cruz, para as charqueadas naquela época existentes aqui em Acaraú, que, na verdade, operavam um

movimento de marcante relêvo na vida econômica de toda esta região.

E, para robustecer nossa asserção, neste tocante, afirma o historiador Renato Braga, escrevendo sobre o município de Acaraú: "Quando surgiu a indústria da carne-sêca, em torno da qual girou toda a economia setecentista do Nordeste pastoril, coube a êsse lugarejo (Acaraú), centralizar-la ao norte da Capital. Para tanto lhe permitia a sua excepcional situação geográfica."

Por tudo isto, se chega à conclusão de que os primeiros habitantes do hoje município de Bela Cruz, eram agricultores e lavradores. Acrescenta-se, ainda, que, conforme se lê em "– CEARÁ – HOMENS E FATOS", pag. 373, a 27 de fevereiro de 1701, o então Governador da Província do Ceará, Francisco Gil Ribeiro, baixou um Alvará tornando obrigatório, com penas graves, o plantio de mandioca, em todo o território cearense.

Entre os primeiros povoadores da antiga Santa Cruz, segundo já mencionamos, figuram: João da Silveira, Antônio Lisboa da Silveira, Domingos Aguiar de Oliveira e Nicolau da Costa Peixoto. E, pelo menos, os dois últimos eram criadores de gado. Tanto isto é verdade que, quando êles fizeram doação à capela de Santa Cruz, de meia légua de terra que ainda constitui o patrimônio daquela Paróquia, o fizeram também de quarenta vacas. Tal fato comprova que êsses grandes amigos de Bela Cruz criavam gado, e não era pouco.

Desta maneira, dificilmente se pode duvidar de que o pastoreio e a lavoura constituíram as principais ocupações dos nossos primeiros patrícios de Bela Cruz.

TRONCO GENEALÓGICO DE BELA CRUZ

No que alude às famílias que constituem o tronco genealógico do município de Bela Cruz, ao que fomos informados, em fontes seguras, algumas derivam de d. Brites Vasconcelos, – uma das Sete Irmãs, – filha de Manoel Vaz Carrasco, do qual falamos em outro local dêste livro.

Entretanto, passamos a relacionar alguns nomes que representam aquelas famílias – começamos por Bernardo da Silveira e José da Silveira, dos quais procede a família Silveira, através de Miguel Francisco Fonteles, Albano José da Silveira, Miguel Teixeira Cavalcante e outros.

Dos lados do norte, pela Lagoa do Mato, temos o capitão Diogo Lopes de Araujo Costa, o qual, segundo o historiador Antônio Bezerra, "teve 35 filhos, dos quais sobreviveram 20., que constituem a família Araujo, uma das mais numerosas e consideradas do município".

Das bandas do sul, temos Felix Francisco de Vasconcelos, José Romão de Carvalho, José Manoel de Vasconcelos, Francisco José Ferreira, Florêncio José de Vasconcelos, Manoel Inácio de Vasconcelos, Antônio José de Moraes, Alexandre Bernardino de Albuquerque e José Pereira da Rocha.

De leste veio a numerosa família Rocha, de João Ferreira da Rocha e Manoel Ferreira da Rocha, ramificados com as famílias Sousa e Dutra.

E de "Olho D'água", de Acaraú, mandou seus rebentos até a antiga povoação de Santa Cruz, o sr. Ângelo Dias Leitão, de quem procedem João Facundo Leitão, José Sabino Leitão e Temístocles Navarro Leitão, pai do lustrado diplomata Hildefonso Navarro Leitão.

Com relação ao outro setor sócio-racial, desde o último quartel do século XVIII, Bela Cruz se representa pelas famílias – Faustino, que se ramifica com a família Bernardino da Costa; família Pontes, e famílias Fortunado, Reinaldo, Secundo, Patrício e Marinho.

Na segunda metade do século XIX alguns cidadãos pertencentes a outras famílias e oriundos de outros municípios, fixaram residência na então povoação de Santa Cruz. Integraram-se na comunidade e ali constituíram famílias, de modo que, com a sua numerosa descendência, deixaram a marca de suas atividades e de seu amor à gleba que amavelmente os acolhêra, Citemos meia dúzia desses saudosos filhos adotivos de Bela Cruz: Professor Nicácio Barbosa Cordeiro, Francisco Chagas Araujo Sobrinho, Manoel Neco do Prado Leão, Vicente Cardoso de Lima, Manoel Zacarias Adriano e Francisco das Chagas Maranhão.

E no século vigente, especialmente a partir de 1940, Bela Cruz continua recebendo famílias de outras comunas, que ali vivem, trabalham e, conseqüentemente, ajudam a construir o progresso daquele futuroso município.

SEGUNDO CAPITULO

DADOS GERAIS DO MUNICIPIO

SUPERFÍCIE – 780 km²

POPULAÇÃO: – (Estimativa do IBGE em 1-7-1966 – 14,106k.

SEDE DO MUNICÍPIO – Cidade de Bela Cruz.

POPULAÇÃO DA SEDE – 3.500 habitantes.

DISTÂNCIA DA CAPITAL DO ESTADO – (Via rodoviária – 240 kms

– Via aérea – 200 kms.

CRIAÇÃO DO DISTRITO – Ato estadual n.º 21, de 9-9-1917, confirmado por Lei Municipal n.º 94, de 29-6-1923.

ELEVAÇÃO À SUBPREFEITURA: – Lei Municipal n.º 10, de 18-2-1937.

CRIAÇÃO DA PARÓQUIA – Portaria Diocesana de 29-12-1941.

INSTALAÇÃO DA PARÓQUIA – 11 de Janeiro de 1942.

CRIAÇÃO DO MUNICÍPIO – Lei Estadual n.º 3.538, de 23-2-57

INSTALAÇÃO DO MUNICÍPIO – 25 de Março de 1959.

LIMITES: – A Leste e ao Norte, o município de Acaraú, com linhas divisórias bem definidas na Lei n.º 3.538. – Ao Sul, o município de Marco: – começa na parte mais meridional da Lagoa de Santa Rosa, nos limites com Acaraú; daí desce, em linha reta, até a embocadura do Riacho Bôca do Córrego no Rio dos Caibros, subindo, pelo referido riacho, até a confluência do Riacho Vaca Brava, e, por êste, até suas nascentes; daí diretamente ao desaguadouro da Lagoa do João de Sá, pelo qual prossegue até seu despejo no Rio Inhanduba. – Ao Oeste, com o município de Camocim: – partindo da foz do desaguadouro da Lagoa do João de Sá no Rio Inhanduba, passagem da Estrada do Ritiro, pouco acima do lugar Pedral, toma o divisor de águas entre os Riachos Guriú e da Prata, e continua até encontrar as nascentes do

Córrego de Dentro, limites com Acaraú.

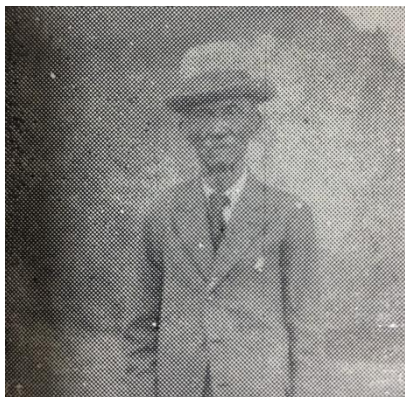
ASPECTO FÍSICO: – Terreno em geral arenoso e plano, porém, que na ribeira do Rio Acaraú, bem como, do Rio dos Caibros e da Impueira, existe terreno argiloso. É o conhecido barro massapê. Separando as terras da mata das terras da ribeira, encontram-se duas sucessões de colinas ou lombadas baixas, num conjunto ligeiramente ondulado", para usar uma definição do egrégio dr. Pompeu Sobrinho. Essas saliências, em terreno pedregoso, medem aproximadamente 200 metros de largura, em média. E uma fica à direita do Rio Acaraú, e começa no lugar denominado "Cajueirinho" e atravessa o território de Bela Cruz, e a outra, à esquerda, a qual tem início no lugar "Malassombrado", ao norte, e termina no lugar "Marquinho" nas terras dos Florêncios, registrando-se em tôda sua extensão apenas três interrupções: uma para a Lagoa do Mato, outra para a Lagoa de Santa Cruz e a outra para a Lagoa do Correguinho, as duas últimas lagoas já no perímetro suburbano da sede municipal.

Os pontos mais elevados do território de Bela Cruz, são: – O Alto da Lagoa do Mato, o Alto do Rufino Lopes, o Alto das Tabubas, Alto da Genuveva, Alto do Zé Pontes, Alto da Palmeira, Alto dos Dutras, Alto do Vicente Marinho e Alto dos Rochas. Entre as lagoas Tibira e do Serrote, existem as "Pedras Grandes". São pedras enormes que alí se localizam. Igualmente existem no município terrenos lajeados nas seguintes localidades: Serrote, São Gonçalo, Marquinho, Várzea da Pedra, Bôca do Córrego e Barreiras.

NATUREZA DO SOLO: – Afora pequenos pontos pedregosos, o solo belacruzense é arenoso na zona da mata, adaptando-se ao cultivo da mandioca, cajueiros e cereais; e argiloso, na várzea ribeirinha, prestando-se à cultura de algodão, Jerimum, Melancia e Milho, ao passo que nos leitos dos Rios, a terra é propícia para batata doce, feijão, cebola e alho, etc. Os Córregos são aproveitados para cultivo de cana e bananeiras, cujo plantio vem sendo intensificado, naquele município.

RIOS: – O Acaraú que é o segundo rio mais importante do Estado do Ceará, nasce no Vale que separa a Serra das Matas da Serra das Bêstas, a 5 quilômetros distante das nascentes de Quixeramobim; corre de S. a N., costeando a Ibiapaba, recebe, em seu percurso, inúmeros afluentes, passa pelos municípios de Tamboril, Sobral, Santana do Acaraú, Morrinhos, Marco, Bela Cruz, atravessa o município de Acaraú, banha a cidade de igual nome, e, depois de um curso de 370 quilômetros, deságua no Oceano, na Praia de "Cacimbas", por dois braços, formando um longo esteio que dá entrada a navios de pequeno calado. Pois bem: como ficou dito, êste Rio

== Homenagem Póstuma ==



**PROFESSOR NICÁCIO BARBOSA
CORDEIRO**

*Patriarca da Instrução em
Bela Cruz*



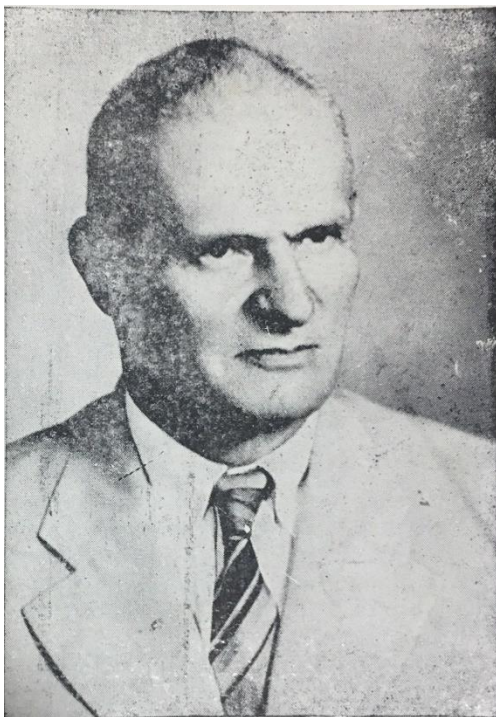
MÁRIO DOMINGUES LOUSADA

*1º Prefeito de Bela Cruz
25/3/59 a 19/12/61*

Prof. Nicácio Barbosa Cordeiro

Cel. Manoel Duca da Silveira

Mário Domingos Lousada



CEL. MANOEL DUCA DA SILVEIRA

Filho e grande amigo de Bela Cruz

atravessa o território de Bela Cruz, de cuja sede dista apenas 4 quilômetros, apanhando-o no lugar "Torrões" e deixando-o no lugar "Jenipapeiro", extrema com o município de Acaraú. *Rio dos Caibros*, que nasce no lugar "Cajueirinho", e faz junção com o Rio Acaraú, no lugar denominado "Duas Bôcas".

RIACHOS: O *Bôca do Córrego*, que nasce na lagoa do João de Sá, servindo de limite sul entre os municípios de Bela Cruz e Marco, e, no lugar "Várzea Feia", despeja no Rio dos Caibros. Riacho da *Várzea Comprida*: é um galho do *Bôca do Córrego*, que nasce em "Caraúbas", e deságua na "Ipueira". *Riacho São Gonçalo*, nasce no lugar "Pubas", atravessa o município de Bela Cruz e tem sua foz no Poço Doce, já com o nome de Riacho da Prata, no município de Acaraú. *Ipueira*, tem suas nascentes no Rio dos Caibros, em Várzea Feia, e vai despejar no Rio Acaraú, no lugar denominado "Guarda". *Riacho Corredor*, é uma bifurcação do Rio Acaraú, na "Varzota", atravessa, em pequena distância, o território de Bela Cruz, em "Taperá" toma a denominação de *Canema*, e vai desaguar no "Guarda". *Riacho Mata-bode*, nasce no "Juá", atravessa o território de Bela Cruz e despeja na Lagoa da Vaca Sêca, município de Acaraú, *Riacho do Novilho*, vem de "Caraúbas" para "Várzea Redonda", no Rio dos Caibros.

LAGOAS: – Contam-se, no território de Bela Cruz, mais de duas dezenas de lagoas, que passamos a relacionar, a partir do Norte: Lagoa do Nazário, Lagoa Sêca, Lagoa do Belém, Lagoa do Mato, Lagoa do Grosso, Lagoa do Alexandre, Lagoa da Ema, Lagoa da Polônia, Lagoa do Zé Adriano, Lagoa do Serrote, Lagoa da Tibira, Lagoa das Tabubas, Lagoa de Santa Cruz, Lagoa dos Carrascos, Lagoa dos Paus Brancos, Lagoa da Estrada, Lagoa do Correguinho, Lagoa do Zé Gomes, Lagoa dos Carões, Lagoa do Moraes e Lagoa do João de Sá, que serve de limite entre Bela Cruz e Marco.

CÓRREGOS: São os seguintes os córregos existentes no município de Bela Cruz: *Córrego Grande*, que nasce na Baixa do Guarim, depois de 5 quilômetros, toma o nome de Córrego das Flores, e despeja na Ipueira, já no subúrbio da sede municipal. *Córrego da Lagoa do Mato*, que tem suas nascentes no lugar "Poços", recebe um tributário em "São Roque", e corre a L. para a mesma lagoa. *Correguinho*, que nasce no "Camará" e corre para a lagoa do Correguinho, subúrbio de Bela Cruz, *Córrego da Tibira*, nasce a dois quilômetros e deságua na lagoa de igual denominação. *Córrego do Pereira*, é um arroio que nasce no "Mil Passos", e vai despejar na Lagoa de Santa Cruz. *Córrego da Mata*, vem das "Gameleiras" para o Córrego do Pereira.

REVESTIMENTO FLORÍSTICO: São bem numerosos os espécimes da flora brasileira encontrados no território do município de Bela Cruz, entre os

quais se destacam: a famosa Carnaúba, nativa da ribeira, e cuja produção de cêra, naquele município atinge o montante de 50.000 quilos anualmente; a Oiticica, que produz 800.000 quilos de sementes por ano, e a Ingazeira, que viceja mesmo na ribanceira dos rios, e vem sendo decantada pelos poetas, através dos séculos.

MADEIRAS DE LEI: – Malgrado a derriba que os nossos agricultores não cessam de fazer, em ritmo crescente, de ano para ano, afim de continuar a sua lavoura, ainda pelos métodos rotineiros, encontram-se naquele município várias espécies de madeiras de lei, entre as quais podemos enumerar o amargoso, o pau-d'arco, o sabiá, a aroeira, o pau-branco, o jatobá, o cumacú e muitos outros.

PLANTAS OLEAGINOSAS: Existem, entre outras, o marfim, a copiaba, a oiticica e a mamona.

PLANTAS FORRAGEIRAS: – Entre as plantas forrageiras nativas no município de Bela Cruz, podemos citar a umarizeira, a canafistula, o juazeiro, a tatajuba, o feijão bravo, o mandacarú e o xiquexique.

PLANTAS MEDICINAIS: – São realmente numerosas as plantas medicinais existentes em Bela Cruz. Entre elas mencionamos a jurubeba, cabeça-de-negro, ipepacunha, cambará, quina-quina, mussambê, vassourinha, batata-de-purga, janaguba e pau-d'arco.

FIBRAS TEXTEIS: – Podemos enumerar a embira de palha de carnaúba, o tucum, a mucunã, o paço-paço e a malva brava.

FRUTAS SILVESTRES: – É bem variada a produção de frutas silvestres comestíveis no município de Bela Cruz, isto é, nativas do território daquele município. Vamos citá-las. Da ribeira: Araticum – Batim – Canapum – Carnaúba – Croatá – Fruta-do-Rio – Goití – Gamela – Gurguri – Juá – Matafome – Mutamba – Umari – Ubaia e Veludo. Da mata: Ameixa – Açoita-cavalo – Batiputá – Baturapé – Bacumixá – Capitão – Chumbinho – Cajuí – Caipuna – Guaribara – Fruta-de-Pau d'Óleo – Jatobá – Mapirunga – Maracujá – Puçá – Tucum.

AGRICULTORES: – As condições dos agricultores em Bela Cruz, como em quase todo o território cearense, são bem dignas dos cuidados do governo. Sim, porque, antes de tudo, o nosso homem do campo desconhece quase todos os preceitos higiênicos e sociais, como também desconhece os rudimentos da instrução. Não carece dizer que tal fato se deve à falta de assistência dos poderes públicos, cujos benefícios dificilmente chegam aos meios campesinos. É de notar-se, também, entre os lavradores de Bela Cruz, a falta de uma entidade associativa capaz de promover e de elevar seu nível educacional, e que, ao mesmo tempo, lhes ministre os esclarecimentos de que necessitam, para que venham a conhecer os direitos e as prerrogativas

que lhes oferece a vigente legislação trabalhista brasileira.

Outro fator que vem tolhendo as atividades dos lavradores, naquela populosa comunidade, é a carência de uma Cooperativa de crédito, uma agência bancária ou outro qualquer estabelecimento creditício que lhes faculte possibilidades financeiras para o desenvolvimento do seu trabalho e o consequente aumento da produção.

AÇUDES: – Infelizmente o município de Bela Cruz não possui reservatórios d'água capazes de proporcionar acentuado benefício às lavouras. É assim que aquele município conta apenas os seguintes pequenos açudes ou barragens, se quisermos chamar, todos construídos por particulares: *Açude Pubas*, construído em 1945, pelo sr. Francisco Romão de Carvalho, com 400.000 m³; *Açude São Francisco*, no povoado de Matriz, construído em 1950, pela Paróquia, de capacidade ignorada; *Açude Tabubas*, construído em Tabubas, pelo sr. Manoel Duca da Silveira, em 1960, com 268.000 m³; *Açude Santa Cruz*, construído no Córrego do Pereira, pela Paróquia, em 1964, também de capacidade ignorada; e outra barragem, construída pela Paróquia em 1965, sôbre o Córrego Grande, de capacidade ignorada.

Afora êsses pequenos açudes, uma faixa de 2 quilômetros da represa do Açude Aranaú, construído pelo DNOCS, em 1955, com capacidade de 1.300.000 m³, e localizado já no município de Acaraú, atinge o território belacruzense.

INSTRUMENTOS AGRÍCOLAS – A enxada, a foíce e o machado de tantos séculos atrás, ainda constituem os recursos com que contam os nossos agricultores, para o exercício de sua utilíssima profissão. E acresce que, em Bela Cruz, praticamente não existem máquinas agrícolas, quer de propriedade do govêrno, quer de particulares, o que atrasa, de muito, o esforço dos que vivem do cultivo do solo, naquele município.

SALÁRIOS: – Os salários vigentes no município de Bela Cruz, são os seguintes:

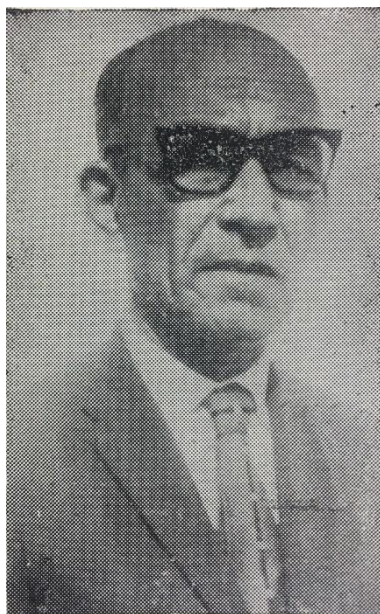
Trabalhador agrícola.....	1,50 diários
Trabalhador de carnaubal.....	2,00 “
Carpinteiro.....	3,00 “
Pedreiro.....	3,00 “
Ajudante de pedreiro.....	1,50 “
Lavadeira.....	0,02 por peça
Empregada de cozinha.....	6,00 mensais

Administração de BELA CRUZ



*EXPEDITO DEROCI DE
VASCONCELOS*

*3º Prefeito de Bela Cruz –
25/3/63 a 25/3/67*



*JOSÉ ANSELMO ARAÚJO
2º Prefeito de Bela Cruz –
20/12/61 a 24/3/63*



*JOSÉ LUDGERO DA SILVEIRA
4º Prefeito de Bela Cruz. Assumiu a 25/3/67*

TERCEIRO CAPITULO

FORMAÇÃO RELIGIOSA

Damos início ao modesto trabalho que nos propusémos escrever sôbre o município de Bela Cruz, tratando do setor religioso daquela hoje importante unidade cearense.

E assim fazemos porque em Bela Cruz, como em todo o Brasil, ninguém poderá escrever a história de um aglomerado humano, sem pôr em primeiro lugar a parte religiosa. A menos que a obra fuja à raiz da história propriamente dita.

Em verdade, é muito difícil encontrar-se, por êstes brasis, uma povoação qualquer, um ajuntamento residencial formando um quadro, que no centro não se erga uma capela dedicada a um santo da Igreja Católica. Capela que ali foi plantada no início do povoamento local. É sempre em tôrno de uma capela, que se forma um povoado que será vila, uma vila que será cidade.

Era a influência decisiva que os missionários exerciam na alma do povo, a quem êles vinham trazer, nos mais remotos lugares, a Mensagem do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. Mensagem que constituía, constitui e constituirá, por todo o sempre, a nossa luz e a nossa bússola, na caminhada que efetuamos pela vida, nêste mundo, em busca da Terra Prometida.

A PRIMEIRA CAPELA

Pois bem; a localidade denominada inicialmente de "Alto da Genuveva", e posteriormente de Santa Cruz, e afinal, Bela Cruz, têve o mesmo destino dos outros ajuntamentos humanos de nossa Pátria querida: iniciou a formação de sua gente e a sua própria formação, por uma pequenina capela ali construída no alto, em 1732, O humilde templo, construído de taipa e coberto de telhas de barro, foi ali encravado pelos habitantes da localidade, entre os quais podemos mencionar: Antonio da Silveira, Inácio de Almeida, João da Silveira, Bernardo da Silveira, Nicolau da Costa Peixoto e Domingos Aguiar de Oliveira. Êstes dois últimos, pernambucanos,

talvez fugidos *Guerra dos Mascates*.

Naquela pequena igreja ou casa de orações, passaram a ter lugar os atos do culto, pela comunidade local e vizinhas, até que, segundo deduzimos de alguns escritos que compulsámos, por ali passou o Visitador, Padre Sebastião Vogado Sauto Maior, que procedeu a bênção da capelinha. Êle vinha em visita às capelas da Freguezia de Nossa Senhora da Conceição da Caiçara, (hoje Sobral), que abrangia um extensão de 34 léguas de comprimento por 30 de largura. E a êsse território pertencia esta região do baixo Acaraú.

Entretanto, diversas pessoas com quem falamos relativamente ao assunto, e ainda segundo lemos em um velho caderno de notas que nos foi mostrado por uma dessas pessoas, a capelinha ficou sendo chamada igreja de Genuveva, e, somente em 1733, apareceu ali Frei João de Maria, que a benzeu e deu à localidade a denominação de Santa Cruz.

Consta, ainda, que êsse missionário ali se demorou por vários dias, nos trabalhos de evangelização e, como fôsse muito eloquente e virtuoso, o povo tinha por êle uma profunda veneração. Tanto assim que se chegou a fazer umas quadrinhas em homenagem ao abnegado filho de São Francisco de Assis.

Vamos transcrever duas dessas quadrinhas que lemos no velho caderno a que já nos referimos:

*"A vinte e cinco de Março
Chegou nosso Frei João,
Mandado por Jesus Cristo,
Pregar a santa missão"*

*"Até os mortos desejam
Subir p'ra cima do chão,
Para ouvir palavras santas,
Da bôca do Frei João".*

Para reforçamento destas notas, muitas das quais baseadas no que nossos avós disseram a nossos pais, e adquiridas em escassos alfarrábios que, a muito custo conseguimos adquirir, passamos a transcrever, da Revista do Instituto Histórico do Ceará, edição de 1909, um trecho das "Notas para a História de Sobral", ali publicadas por José Vicente França Cavalcante. Ei-lo: – "3.a. Capela: – a de N.S. da Conceição de Santa Cruz, erigida em 1732, segundo escritura no princípio do 1.o Livro da dita capela, de ordem do R. Dr. Visitador Manoel Machado Freire, no ano de 1747. Seu patrimônio foi creado da doação que fez Domingos Aguiar de Oliveira, de meia légua de

terra, 40 vacas, etc. Não consta, porém, de livros que nos foi possível compulsar, a provisão para a construção dessa capela. O patrimônio foi julgado por título canônico, pelo R. Dr. Visitador José Ferreira de Azevedo, que logo providenciou sobre a edificação da capela-mor da dita igreja, e sobre a reedificação do corpo dela que ameaçava ruir".

MUDANÇA E RECONSTRUÇÃO DA CAPELA

À medida que o tempo transcorria, em sua marcha ininterrupta, outras famílias vieram residir na localidade, porém, dando preferência, para construção de suas moradas, ao terreno quase plano que se estende ao sul do Alto da Genuveva. Ali os trabalhos de edificação se tornavam menos difíceis, já pela natureza do terreno; já pela proximidade da água, ali na Ipueira que hoje serve de limite suburbano da cidade, com a denominação de Rua Nicolau Peixoto.

É assim que em fins de 1798, a localidade já contava crescido número de habitantes. E, como a capelinha do Alto da Genuveva estava muito deteriorada, foi demolida, sendo reconstruída, com mais amplitude, no exato local onde hoje se ergue a majestosa Igreja Matriz da Paróquia de Bela Cruz.

Esse trabalho, segundo afirmavam nossos avós, foi efetuado sob a direção do famoso orador sacro, Frade Vidal de Frescarolo, vulgarmente conhecido por Frei Vidal da Penha, autor de uma célebre profecia, muito conhecida em todo o território brasileiro.

E, efetivamente, esse abnegado missionário percorreu, nessa época, uma grande parte do Ceará, em seu labor evangélico. João Brígido diz, às páginas 426, de sua obra intitulada "CEARÁ – (Homens e Fatos): – "1796. Em Dezembro deste ano, chegou à Fortaleza o célebre Frei Vidal de Frescarolo, frade da Penha, que a câmara tinha pedido a seu chefe em Pernambuco, Veio abrir as missões, nunca esquecidas", etc. etc.

A ampulheta do tempo continuou derramando a areia dos anos, e quase um século depois, isto é, em 1894, o então Coadjutor de Santana, Pe. Francisco Teótimo de Maria Vasconcelos, procedeu a uma sensível reforma na capela, construindo um consistório e fazendo outros reparos e pintura geral, para cujo trabalho ali permaneceu durante dois meses, chegando a 31 de outubro e saindo a 31 de dezembro. Para esse serviço contou o Pe. Teótimo com a colaboração vontadosa dos Srs. José Fonteles da Silveira, Florêncio José de Moraes, João Lopes de Araújo, Manoel Antônio de Vasconcelos, Antonino Lopes de Araújo e Manoel Silveira, então Fabriqueiro do Patrimônio da capela.

Ao que fomos informados, para ajudar no custeio dos mencionados trabalhos, foi retirada dos cofres do Estado a importância de 500 cruzeiros, da Loteria concedida à mesma capela, pela Lei. n.º 2.016, de 15 de setembro de 1882, promulgada pelo Bacharel Sancho de Barros Pimentel, então Presidente do Ceará. Após essa reforma a capela ficou medindo 120 palmos de comprimento por 50 de largura.

No ano de 1923, uma Comissão constituída dos srs. Emílio Fonteles da Silveira, Manoel Damião da Silveira, Francisco Chagas Silveira, Gabriel Florêncio de Vasconcelos, José Lopes da Silveira e Francisco das Chagas Maranhão, com licença do Exmo. Sr. Bispo Diocesano e apoio do Vigário de Acaraú, Revmo. Pe. Antônio Tomás e do Fabriqueiro do Patrimônio, Sr. Manoel Duca da Silveira, deu início a uma total remodelação na capela. Desejava mudar-lhe o aspecto arcaico que a enfeiava, emprestando-lhe linhas arquitetônicas condizentes com as exigências da época.

Os trabalhos foram dirigidos pelo Revmo. Pe. Joaquim Severiano de Vasconcelos, que ali se demorou alguns meses. O teto foi arrancado e demolidas quase todas as paredes, levantando-se então um prédio de 45 palmos de altura, embora com as mesmas dimensões anteriores. No patamar da capela foi erguido um grande cruzeiro de madeira, com pedestal de alvenaria, cuja bênção foi efetuada somente a 18 de dezembro de 1934, pelo Pe. Pedro Vermoulen.

Pois bem: os trabalhos prosseguiram, porém, com manifesta morosidade, até que, em 1932, estacionaram, não sabemos por qual motivo. A capela, no entanto, que estava limpa e pintada internamente, continuou sendo utilizada para os atos do culto, até 1945, quando o Pároco de Bela Cruz, Revmo. Pe. Odécio Loiola Sampaio, deu início à sua restauração total e de que nos ocuparemos em outro capítulo desta obra.

AS IMAGENS DA PADROEIRA DA CAPELA

Nossa Senhora da Conceição é a Padroeira da capela de Bela Cruz, desde a ereção da humilde igreja, no "Alto da Genuveva" até a suntuosa Matriz que embeleza a linda cidade de igual nome.

A primeira imagem da Virgem da Conceição, esculpida em madeira, ao que nos consta, foi adquirida em 1732 e então exposta à veneração dos fiéis, em sua capelinha. Mede dez centímetros e, em 1945, foi enviada ao Museu Diocesano de Sobral.

No dia 8 de setembro de 1932, comemorando o bicentenário daquele templo, o povo de Bela Cruz mandou construir, no local onde a mesma capela fôra edificada, uma coluna de alvenaria, na qual foi aberto um nichozinho e

pôsto o vulto da Padroeira que ali permaneceu até sua retirada para Sobral.

Sôbre os festejos comemorativos da efeméride religiosa, transcrevemos a seguir, trechos de uma reportagem publicada no "Correio da Semana", de 15 de setembro de 1932, pelo saudoso Professor Nicácio Barbosa Cordeiro:

"A postes de madeira caprichosamente descascados, prendiam-se extensos cordões de galhardetes multicolores a divergirem das 4 faces do sacro templo para o presbitério e edifícios fronteiros, emprestando, destarte, à respectiva praça, uma perspectiva de festival alacridade".

"Desde a véspera aqui permanecia o jovem vigário Pe. Sabino de Lima no árduo pugilato de seu magno e sublime apostolado em prol da salvação das almas dos fiéis que, sedentos do pão espiritual, aproximaram-se da sagrada mesa".

"Eram 5 horas da tarde quando uma onda humana acompanhava, procissionalmente o digno pároco rumo à colina a meio quilômetro a noroeste, em cujo cimo fôra erecta sobre os escombros da primitiva igreja, uma pirâmide quadrilátera, onde havia uma abertura com porta de vidro contendo a minúscula estátua da Virgem da Conceição, de mãozinhas postas, relembrando o culto de veneração que ali rendiam os antanhos".

Pois bem: quando foi da mudança da capela da colina para a praça onde atualmente permanece, aí por 1798, o povo fêz aquisição de um outro vulto da Padroeira, medindo 40 centímetros.

Em 1894, uma comissão constituída de piedosas senhoras da povoação, angariou donativos e adquiriu, para a capela, outra imagem da Imaculada Conceição, obra de arte, trabalhada em madeira de primeira qualidade, medindo mais de um metro. Esse vulto da Virgem é o que ocupa, hoje, o altar mór da Matriz de Bela Cruz.

O PATRIMONIO DA CAPELA E SEUS DOADORES

O capitão Domingos Aguiar de Oliveira e Nicolau da Costa Peixoto, num gesto de benemerência que eternamente será abençoado pelo coração agradecido dos habitantes de Bela Cruz, criaram, em 1732, um valioso patrimônio para N.S. da Conceição, – Padroeira da capela, – doando-lhe meia légua de terra e uma porção de gados.

A DOAÇÃO

Como se vê, o Patrimônio da capela de Bela Cruz é um dos mais ricos desta zona. A escritura de doação do patrimônio foi passada em data de 12 de Setembro de 1732, pelo Tabelião de Notas, Manoel de Araújo Ferreira, que veio de Fortaleza especialmente passar o referido documento doatório.

Aconteceu, entretanto, que não esteve presente ao ato de doação, Nicolau da Costa Peixoto, um dos doadores. Porisso, o mesmo Nicolau, em Fevereiro de 1739, foi à Fortaleza e requereu ao Juiz Peralta de Tal, lhe fôsse mostrado o registro da aludida escritura de doação.

Segundo se pode deduzir de documentos existentes no Livro de lançamento de Receita e Despesa do Patrimônio, Mancel Inácio de Vasconcelos que, ao que nos consta, foi o primeiro Administrador do mesmo Patrimônio, faleceu em 1830, ficando a dever à capela a importância de 340\$00, e deixou em paga dêsse débito, um sítio sobre a Serra da Meruoca, denominado "Santa Luzia".

Em 1840, como estivesse algo danificada a escritura de doação, o Senhor Joaquim de Araújo Costa, então Administrador do Patrimônio, requereu ao então Juiz de Orfãos de Sobral e Provedor de Capelas, Tenente José Saboya, fôsse tirada, pelo Tabelião competente, uma pública forma da referida escritura, e transcrita no Livro de Visita da capela.

Para conhecimento dos leitores, transcrevemos, linhas abaixo, "ipse verbis", sem tirar nem pôr uma vírgula, do Livro de Receita e Despesa do Patrimônio, todos os documentos referentes à doação e para ali trasladados a requerimento do Administrador Joaquim de Araújo Costa, em 1840.

Ei-los:

"Registro das terras de bens semoventes que fazem objecto do patrimonio da Capella de N.S. da Conceição de Sta Cruz, ordenada por provimento do Dor. Juiz de Direito da Comarca de 2 de Julho de 1854 exarada a fla. do L. dos Tombos de Capellas".

*O requerimento do Administrador
do Patrimonio*

"Copia – Diz Joaquim d'Araújo Costa como Administrador da Capella de Nossa Senhora da Conceição no sitio Santa Cruz na Ribeira do Acaraú que estando em termos difficeis e imprecitivel por sua integridade a escriptura de duação que fizerão Nicolau da Costa Peixoto e Domingo Aguiar Oliveira, à mesma Capella de huma porção de Gados e Meia legua

de terra pegando da dita Capella para sima, quer o supplicante, a bem da mesma que o escrivão deste Juizo da Provedoria havista do Livro das visitas que o supplicante apresentar lhe passe por certidão verbo adverbium o theor da mesma escriptura que consta as folhas sete as folhas oito passada a certidão lhe torne aintregar o referido Livro pede a Vossa Senhoria Illustricimo Juiz e Orphãos e Provedor da Capella se sirva assim o mandar do que recebrá mercê.

O DESPACHO

"Passe

Sobral, 22 de Janeiro de 1840

Saboya"

A CERTIDÃO

"Ricardo de Sousa Nery escrivão d'Orpfãos nesta Villa e Comarca de Sobral Ribeira do Acaracú Provincia do Ceará Grande por S. Majestade Imperial e constitucional que Deus guarde etestera.

"Certifico que pelo Administrador Joaquim d'Araújo Costa me foi apresentado o Livro de visita, onde se acha entranhada a escriptura de duação a folhas sete do mesmo Livro athe folhas oito verço de que trata a petição retro cujo theor de verbo adverbium he da forma e maneira seguinte:

O REQUERIMENTO DO DOADOR NICOLAU PEIXOTO

"Senhor Juiz ordinário – Diz Nicolau da Costa Peixoto, morador na Ribeira do Acaracú que para bem de sua justiça lhe he necessário o traslado de hum escriptura de duação que elle supplicante e Domingos d'Aguiar d'Oliveira fizerão a capella do Sitio Santa Cruz da mesma Ribeira, cuja escriptura se acha nas notas do Tabellião João Lobato de Macedo portanto pede à Vossa Mercê seja servido mandar lhe dar o dito traslado, em modos que faça fé e receberá mercê.

L

O DESPACHO

"Como pede

Peralta"

A CERTIDÃO

"Aos desenove dias do mez de Fevereiro de mil setecentos trinta e nove annos nesta Villa de Furtalza de Nossa Senhora de Assunção, do Ciará Grande no escriptorio de mim Tabellião ao diante nomeado aparece o Capitão Nicolau da Costa Peixoto a quem dei o juramento dos Santos Evangelhos para que debaixo d'elle declarasse o para que queria e pedia o

traslado da escriptura inclusa em sua petição, o qual debaixo do dito juramento declarou que pedio o dito traslado da escriptura para mostrar não estava assignado na dita escriptura mas fizera a duação na forma dita e que não se achou presente ao fazer da dita escriptura, e de como assim o disse fiz este termo de juramento em que assignou e eu João Lobato Macêdo escrevão que o escreví.

as) Nicolau da Costa Peixoto

O TRASLADO DA ESCRIPTURA DE DUAÇÃO

"Traslado da escriptura que se pede a qual se acha em poder e escriptorio feito por Sro. Tabellião Manoe Id'Araujo Ferreira.

"João José Lobo de Macêdo, Tabelião Publico do Judicial e Notas da Villa de Fortaleza, de Nossa Senhora da Assumpção do Ciará Grande, por Sua Majestade que Deus guarde etcetera.

"Certifico que em meu escriptorio e poder se acha a escriptura concebida em modos de duação cuja he do theor seguinte:

"Escriptura de duação que faz o Capitão Domingos d'Aguiar e Nicolau da Costa a Nossa Senhora da Conceição da Ribeira do Acaracú, etcetera.

"Saibão quantos este publico instrumento de duação como para sua validade e melhor nome e lugar haja a dizer se passou que sendo no anno do Nosso Senhor Jesus Christos de mil setecentos e trinta e dois annos, aos dose dias do mez de setembro do dito anno neste Sitio de Santa Cruz Ribeira do Acaracú termo da Villa de Fortaleza de Nossa Senhora da Assumpção Capitania do Ciará Grande, ahonde eu Tabellião ao diante nomeado fui vindo aqui sendo alli appareceu o capitão Domingos d'Aguiar e Nicolau da Costa, pessôas que reconheço pelos proprios do que se trata do que dou minha fê e faço menção por elles me foi dito em minha presença tistimunhas ao diante nomeadas que elles duavão como de facto logo duarão quarenta vacas e seis egoas e meia legua de terras que pega do norte da Capella para cima da Capella que elles ditos duadores fazem a Nossa Senhora da Conceição para que dos lucros dos ditos gados e bestas faça patrimonio da dita Capella, e mais que para ella lhe for necessário a qual duação fazia a dita Senhora da Conceição deste dia para todo o sempre sem constrangimento de pessoa alguma e sim do seu moto proprio e desde logo desistirão de todo poder e domínio que tinham na dita terra e nos mais bens nomeados, por meio desta duação e pelos ditos duadores, foi dito que para fazer esta duação firme e valiosa obrigavão suas pessoas havidas e por haver e os mais bens amparados de sua fazenda e se comprometião a não

vir em tempo algum contra este instrumento, que requeriam fosse feito nestas notas e mencionado ausente, a quem a favor deste possa tirar como pessoa publica estipulante e aceitante que o estipulei e aceitei, sendo presentes por testemunhas Luiz Martins Gonçalves e José Pereira pessoas que reconheço pelos proprios de que dou fé e que todos assignarão. Eu, Manoel d'Araújo Ferreira Tabelião de notas que o escrevi.

Domingos Aguiar d'Oliveira

Luiz Martins Gonçalves

José Pereira Silva.

E não se achou assignado em dita duação e escriptura o dito Nicolau da Costa Peixoto, em a qual eu João Lobo de Macêdo Tabellião do Judicial e notas da Villa de Fortaleza de Nossa Senhora da Assumpção e seu termo Capitania do Ciará Grande, tirei e trasladei em meos livros de notas que em poder e cartorio fica o que me reporto a tudo e por tudo com a qual este traslado conferi e concertei e assignei-me ao meu signal raso costumado de que uso".

O SITIO SANTA LUZIA

Aos desenove dias do mez de Fevereiro de mil setecentes e trinta e nove annos, e eu João Lobo de Macêdo o escrevi e subscrevi em fé de verdade. O Tabellião João Lobo de Macêdo, conferido e concertado comigo proprio escrivão João Lobo de Macêdo e com migo escrivão Grigorio d'Amorim Dantas. Seguido que tudo isto assim tão comprido e declaradamente se continha e declarava e hera outro sem contheúdo espreço escripto e declarado em dita scriptura e duação que eu sobre dito escrivão d'Orphãos retro declarado infra assignado em comprimento do despacho do actual Juiz de Orphãos desta Villa de Sobral o Tenente José Saboia proferido na petição do suplicante bem e fielmente copiei do próprio livro que me foi apresentado pelo sobre dito Administrador e a elle me reporto e tornei a entregar ao mesmo Administrador e fico na verdade sem causa que duvida faça por que com o proprio original este traslado conferi com migo proprio concertei escrevi e assinei nesta sobre dita Villa e comarca de Sobral aos vinte e nove dias do mez de Janeiro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos e quarenta, annos, decimo nono da Independência e do Imperio escrevi e assignei. Em fé de verdade o escrivão d'Orphãos conferido e concertado com migo proprio Ricardo de Souza Nery verbas exaradas as fls do inventario de partilha que se procedeu nos bens do inventario do falecido Manoel Ignácio de Vasconcelos a que se refere a provimento em comição do Doutor Juiz de Direito da Comarca Domingos

José Nogueira Jaguaribe, exarado às fôlhas do livro dos Tombos das Capellas deste termo e quaes são do theor seguinte:

"Declarou o mesmo inventariante herdeiro, haver ficado em seu poder por obito do dito seu pay hum sitio de terras de plantar lavouras em sima da serra Meruoca no sitio denominado Santa Luzia do termo desta Villa de Sobral, que extremão da parte de sima com terras do sitio frecheiras de Pedro Rodrigues Lima e da parte de baixo em hum lagedo de pedras, junto a hum pão Barriga com terras do sito Sam Thomé de José Ferreira da Ponte as quaes terras houve o casal do seo dito fallecido pay a titulo de compra della feita a Juão Prado Leão avaliada pelos avaliadores em preço de quatrocentos mil reis que se sae a margem, Declarou o mesmo inventariante herdeiro dever o casal do dito fallecido seu pay a Capella de Nossa Senhora da Conceição de Santa Cruz producto do rendimento da mesma Capella de que elle se utilizou, a quantia de trezentos e quarenta e trez mil reis que se sae a margem. Deu-se-lhe no valor do Sítio de terra de palntar lavouras em sima da serra da Meruoca no sitio denominado Santa Luzia de termo desta Villa de Sobral que extrema da parte de sima com terras do sitio Frecheiras de Pedro Rodrigues Lima e na parte de baixo em hum lagedo de pedra junto a hum pau barriga, com terras do sitio denominado Sam Thomé de José Ferreira da Ponte as quaes terras ouve o casal do fallecido Manoel Ignacio de Vasconcelos a titulo de compra que della fez a João do Prado Leão pelo valor do inventário a quantia de cem mil reis que sae a margem".

DESPACHO DO JUIZ

"Visto em comição e aos bens dos roes que foram adjudicados ao Patrimonio de Nossa Senhora da Conceição de Santa Cruz tornem a correr em praça pelo preço da adjudicação para ver se pode evitar amortisação de mão morta". Sobral desenove de Julho de mil oito centos e trinta. Vieira". Está conforme aos originaes, donde para aqui trouxeram de verbo-adverbium e vae sem causa que duvida faça não o fazendo emendas graves ou lapsus de penna os quaes vão todos por mim resalvados neste com os ditos originaes, conferi, concertei escrevi e assignei nesta sobe dita Villa do Acaracú aos 14 de Julho de 1858 comigo proprio escrivão José Ignacio Pessoa. Conferi e concertei P.M. p. or. escrivão, José Ignacio Pessoa".

MOVIMENTO FINANCEIRO DO PATRIMONIO

EM 1818 – 1822

Para conhecimento dos nossos leitores, transcrevemos, linhas abaixo, "ipse liter extraídas de um livro escrito em 1818, que compulsamos, as notas referentes ao movimento financeiro do Patrimônio da Capela de Nossa Senhora da Conceição, de Santa Cruz, relativo aos anos de 1818 a 1822.

As contas aludidas, conforme se vê, foram apresentadas ao Desembargador Manoel José de Albuquerque, então Provedor das Capelas adidas à Vila de Sobral, pelo então administrador do Patrimônio de Santa Cruz, Manoel Inácio de Vasconcelos.

Ei-las:

"Rendimentos dos bens da Capella de Santa Cruz como consta das contas que dei em 30 de 7 corrente anno de 1818 ao Illustrissimo Senhor Desembargador Manoel José d'Albuquerque como sevê no Livro 1.º que servia de lançar as contas dos Rendimentos e Despezas como tudo consta das fôlhas 91 A 92 onde findou o dito Livro, e logo pelo dito Senhor Desembargador foi Rubricado o dito referido Livro para lançar em conta viva a quantia que no Livro 1.º se acha e ficou declarado a quantia de cento cetenta e dois mil e trezentos e oitenta e trez reis 182\$383".

"Rendimentos de 30 de Setembro de 1818 para 1819.

"Venda de 4 coiros de vaca de 640 que fez a quantia de dois mil seiscentos e cecenta reis assim mais trez novilhos e dois bois por vinte e cinco mil reis 2\$660 e 25\$000.

"Rendimentos do ano de 1820.

"Recebí de meias a quantia de mil e ceicentos reis 1\$600 Venda de sete coiros de vaca a setecntos e vinte reis fez a quantia de cinco mil e quarenta reis 5\$040.

Venda de sete bois a sete mil reis que fez a quantia de quarenta e nove mil reis 49\$000".

"Rendimentos do ano de 1821.

"Vendi dois bois a João de Andrades a sete mil e quinhentos e oitenta reis que soma a quantia de quinze mil cento e sesenta reis 15\$160".

"Rendimento do ano de 1822.

"Vendi dois bois por nove mil e quinhentos e outro por cinco mil reis que soma a quantia de quatorze e quinhentos 14\$500 Vendi mais dois novilhos brabos por preço de dez mil reis 10\$000. Vendi nove coiros de vaca a preço de cetecentos e vinte que faz a quantia de seis mil quatrocentos e oitenta 6\$480 O Administrador Manoel Ignacio de Vasconcellos".

E assim, afora o saldo de 172\$383, existente em cofre no mês de Agosto de 1818, o Patrimônio da Capela de Santa Cruz rendeu, durante o período 1818 a 1822, a importância de 129\$340.

PRESTAÇÃO DE CONTAS

No objetivo de oferecer aos nossos leitores uma informação positiva, sobre como os Fabriqueiros ou administradores do Patrimônio da Capela efetuavam as prestações de contas de suas administrações, há 130 anos atrás, transcrevemos, linhas abaixo, extraído do Livro n. 2, de Registro de Receita e Despesa da Capela, fôlha 43 (verso a 48), o balancete relativo ao movimento financeiro da mesma Capela, nos anos de 1836 a 1839, assim como o processado de tomada de contas referente aqueles anos, apresentados ao Juiz de Órfãos da Comarca de Sobral e Provedor de Capelas, Tenente José Saboya, pelo então gestor do Patrimônio, Joaquim de Araújo Costa.

"BALANCETE:

Receita

17 de agosto até 31

de Dezembro de 1837 – 10 bois que vendi a José

	Pedro Soares a preço de 12\$000	120\$000
1838	3 bois que vendi a diversos a 13\$000	39\$000
	1 dito que vendi a Placido Ferreira Gomes	10\$000

Soma 169\$000

1839 Nada

Gado que existe:

39 Vacas parideiras
4 Novilhas
7 Garrotes
24 Bizerros maxos e femias
7 Novilhos Pais
3 Boiotes
6 Garrotes

90

1 Cavallo capado

Despesa

1836	19 de Agosto – Pello que paguei a Proveduria de contas da Capella nos anos das fls. 41 verço	9\$975
1837	Pelo que pago ao Carpina Gonçallo de fazer as grades do arco da Capella	10\$000
1838	Nada	
1839	Emportancia de hum Cavalho que comprei para tratar dos bens da Capella	24\$000
	Disithelhar a Igreja paguei a Placido Ferreira a quantia de	3\$200
		47\$775
Disimo que thenho pago		
1836	1 Bizerro, digo dois quartos	\$160
1837	2 quartos	\$160
1838	Pelo que despendi com o pagamento do sello deste Livro, a quantia de sete mil novecentos e vinte reis	7\$920
		55\$415
Joaquim de Araújo Costa"		

O AUTO DA TOMADA DE CONTAS

"Auto de contas que mandou fazer o actual Juiz de Orphãos e Provedor de Capellas, o Tte. José Saboya, para tomadas ao actual administrador da Capella de N.S. da Conceição de Santa Cruz Joaquim de Araújo Costa, dos annos de mil oitocentos e trinta e seis até o presente anno de mil oitocentos e trinta e nove.

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e trinta e nove annos, decimo oitavo da Independência e do Imperio, aos vinte e nove dias do mez de Agosto do dito anno nesta Villa Comarca do Sobral, ribeira do Acaracú, provincia do Ceará Grande, em casa deresidencia do actual Juiz de Orphãos e Provedor de Capellas, o Tte. José Saboya aonde eu escrivão de orphãos ao deante nomeado me achava; sendo ahi appareceu o presente Joaquim de Araújo Costa, Administrador da Capella de Nossa Senhora da Conceição da Capella de Santa Cruz, para effeito do mesmo Juiz de Orphãos e Capellas, tomar-lhe conta de tôda a sua Receita e Despeza do anno de mil oitocentos e trinta e seis, até o presente de mil oitocentos e trinta e nove, por ainda as não haver prestado; o mesmo Juiz de Orphãos e Provedor da Capellas,

na conformidade do seu regimento dever tomar-as; e para dar princípio a ellas mandou fazer o presente auto de contas em que assignou: eu Ricardo de Souza Neves scrivão d Orphãos o escreví. (a) Saboya".

Primeiramente achou elle dito Juiz de Orphãos e Provedor de Capellas; depois de bem visto e examinado este livro, ter ficado o sobredito Administrador alcançado nas contas passadas na quantia de cicoenta e trez mil cento e oitenta e cinco reis, como vai a margem. Achou o mesmo Juiz de Orphãos e Provedor de Capellas ter o sobre dito Administrador vendido dez bois a José Pedro Soares a preço de doze mil reis cada hum nos annos destas contas constantes da parcella lançada neste mesmo livro a folhas quarenta e duas verço, que emportarão na quantia de cento e vinte mil reis, com que se sahe a margem.

Achou mais o mesmo Juiz de Orphãos e Provedor de Capellas, ter o sobredito Administrador vendido trez bois a diversas pessoas a preço de treze mil reis cada hum nos annos destas contas, constante da parcella lançada neste mesmo livro as folhas quarenta e verço que emportarão na quantia de trinta e nove mil reis com que sai margem.

Achou mais o mesmo Juiz de Orphãos e Provedor de Capellas ter o sobredito administrador vendido um boi a Placido Ferreira Gomes, em preço de dez mil reis nos annos destas contas, constante da parcella lançada neste mesmo livro as folhas quarenta e duas verço, com que se sai a margem.

Achou o mesmo Juiz de Orphãos e Provedor de Capellas, depois de sommadas as quatro parcellas de Receita que apresentou o sobredito Administrador, inclusive a o alcance das contas passadas que prestou, emportarão todas ellas na quantia de cento e secenta e nove mil reis com que sai margem.

Achou o mesmo Juiz e Provedor de Capellas, ter sobredito Administrador despendido com o que pagou as custas das contas a Provedoria, constante da parcella lançada neste mesmo livro as folhas quarente e trez, nos annos destas contas a quantia de nove mil novecentos e setenta e cinco reis que se sai a margem.

Achou mais o mesmo Juiz e Provedor de Capellas, ter despendido o sobredito Administrador com o que pagou ao Official de Carpina as grades do arco da Capella, nos annos destas contas, constante da parcella lançada nesse que sai a margem.

Achou mais o mesmo Juiz e Provedor de Capellas, ter despendido o sobredito Administrador, com hum cavallo que comprou para fabrica dos bens da Capella, nos annos, destas contas, constante da parcella lançada as folhas quarente e trez deste mesmo livro a quantia de vinte e quatro mil reis com que sai margem.

Achou mais o mesmo Juiz de Orphãos e Provedor de Capellas, ter despendido o sobredito Administrador nos annos destas contas, com o que

pagou a Placido Ferreira, o retelhamento da Capella constante da parcella lançada neste mesmo livro a folhas quarenta e trez, a quantia de trez mil e duzentos reis com que sai margem.

Achou mais o mesmo Juiz e Provedor de Capellas, ter despendido nos annos destas contas, com o que pagou os quattros dos bezerros constantes das duas parcellas lançadas as folhas quarenta e trez deste mesmo livro, o sobredito Administrador, a quantia de trezentos e vinte reis com que se sai a margem.

Achau finalmente o mesmo Juiz de Orphãos e Provedor de Capellas ter despendido o sobredito Administrador nos annos destas contas, com o sello que pagou deste livro constante da parcella lançada a folhas quarenta e trez deste mesmo livro, quantia de sete mil novecentos e vinte reis, com que se sai margem.

Acou o mesmo Juiz de Orphãos e Provedor de Capellas, depois de sommadas as seis parcellas de Despeza que apresentou o sobredito Administrador feita nos annos destas contas que emportarão na quantia de cincoenta e cinco mil quatrocentos e quinze reis com que se sai margem.

Achou o mesmo Juiz de Orphãos e Provedor de Capellas, que combinada a Receita com a Despeza, feitas nos annos destas contas pelo sobredito Administrador Joaquim de Araújo Costa, vinha aquella a exeder a esta na quantia de cento e treze mil quinhentos e oitenta e cinco reis, com que sai margem.

Achou finalmente o mesmo Juiz de Orphos e Provedor de Capellas, que somadas as duas parcellas da Despeza, a alcance, ambas samão a quantia de cento cetenta e nove mil reis com que se sai margem.

Achou mais o mesmo Juiz de Orphãos e Provedor de Capellas, existir de gado mesmo pertencente a mesma confraria noventa cabeça de toda sorte, constantes das parcellas neste mesmo livro as folhas quarenta e duas verço, a saber – trinta e nove vacas – quatro novilhas – sete garrotas – vinte e quatro bezerros, entre machos e femeas – sete bois – trez novillos pais e seis garroles.

Achou mais o mesmo Juiz e Provedor de Capellas, existir de cavallar, pertencentes a mesma confraria, hum cavallo capado, somente, constante da parcella lançada neste mesmo livro a folhas quarenta e duas verço.

E por esta forma ouve dito Juiz de Orphãos e Provedor de Capellas estas contas por tomadas, salvo quaesquer erro que nellas possa aver e mandou que se lhe fizesse conclusas para as julgar por sua sentença definitiva; e de tudo para constar escrevo este auto: eu Ricardo de Souza Neves, escrivão de orphãos a escrevi.

"TERMOS DE CONCLUSÃO"

Aos trinta dias do mez de Agosto de mil oitocentos e trinta e nove annos, decimo oitavo da Independencia e do Imperio; nesta villa, e comarca de Sobral, ribeira do Acaracú, Provincia do Ceará Grande, em casa de residencia do Actual Juiz de Orphãos e Provedor de Capellas, o Tenente José Saboia, aonde eu esvrião de orphãos ao nomeado me achava: sendo ahi faço estes autos de contas conclusas ao mesmo Juiz de Orphãos e Provedor de Capellas, para o sentencear por sua sentença definictiva, e como for a justiça, do que para constar fiz este termo: eu Ricardo de Souza Neves, esvrião de orphãos o escreví; (a) R. S. Neves".

SENTENÇA

"Julgo as presentes contas por tomadas firmes e valiosas e condeno o Administrador na quantia de cento e cessenta e seis mil setecentos reis em que fica alcançado; e ordeno-lhe mui positivamente a arrecadação das dividas permanentes a Capella, sob pena de se lhe lançarem em receita nas futuras contas: O esvrião passe novo provimento ao mesmo para continuar na administração; e pague as custas pelos bens da Capella.

Sobral, 30 de Agosto de 1839

José Saboya"

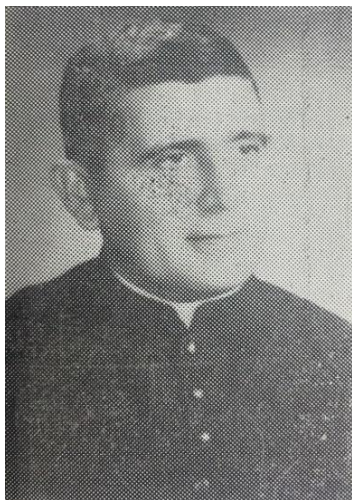
OS ADMINISTRADORES DO PATRIMÔNIO

Antigamente os Administradores do Patrimônio eram nomeados pelos Provedores de Capelas, perante quem prestavam contas de suas gestões. Com a extinção do cargo de Provedor de Capelas, as nomeações passaram a ser do Exmo. Sr. Bispo Diocesano, e os Administradores passaram a denominar-se Fabriqueiros.

Não conseguimos saber quando foi nomeado o primeiro gestor do Patrimônio da Capela de Bela Cruz. Entretanto, pelos livros que compulsamos conseguimos saber que até 1825 exerceu aquelas funções o sr. Manoel Inácio de Vasconcelos, do qual já nos ocupamos.

A partir daquela época ou ano, sucederam-se no cargo de Fabriqueiro daquêl Patrimônio, os seguintes cidadãos: – De 1825 a 1832, Felix Francisco de Vasconcelos; de 1832 a 1840, Joaquim de Araujo Costa; de 1840 a 1849, Manoel Ferreira da Rocha; de 1849 a 1860, Capitão Inácio Gomes da Frota; de 1860 a 1870, Capitão Alexandre Bernardino de Albuquerque; de 1870 a 1880,

FILHOS ILUSTRES DE BELA CRUZ



*Pe. Odécio Loiola
Sampaio*
Vigário de Bela Cruz



IGREJA MATRIZ DE BELA CRUZ

Manoel Antônio de Vasconcelos; 1880 a 1886, Florêncio José de Vasconcelos; de 1 de janeiro de 1887 a 31 de dezembro de 1908, Manoel da Silveira; de 1909 a 1910, Padre João Saraiva Leão; de 1911 a janeiro de 1916, Inácio Ribeiro Pessoa Filho; de 1916 a janeiro de 1918, Padre Antônio Tomás, então Vigário de Acaraú; de 1918 a 1924, a administração do Patrimônio passou a uma Comissão constituída de: João Batista da Silveira, Miguel Lopes de Araujo Costa, José Lopes da Silveira, Antônio Romão de Carvalho e Francisco Romão de Carvalho; de 1924 a setembro de 1935, Manoel Duca da Silveira. A partir desse ano a administração do Patrimônio passou a ser feita pelo Pároco de Acaraú, Pe. Sabino de Lima, até o ano de 1942, quando o mesmo foi entregue ao Pe. Odécio Loiola Sampaio, Vigário de Paróquia de Bela Cruz.

OS MISSIONÁRIOS

Êstes escassos apontamentos ficariam de tôdo incompletos, se não dedicássemos atenção á obra grandiosa e meritória dos Missionários que, naquele pedaço do Ceará estiveram, desde a construção de sua primitiva capelinha, em seu trabalho de evangelização. Por que "eram êles que o verbo do Messias pregavam, desde o vale ás serranias, do Polo ao Equador; como disse o imortal Castro Alves.

Pois bem; começemos, então, por Frei João de Maria, já mencionado ao falarmos sôbre a igrejainha do Alto da Genuveva, e que alí estêve, em princípios do século XVIII, difundindo a divina mensagem da Cruz.

É que, bandeirantes do Evangelho, foram os missionários da Igreja Católica que primeiro desbravaram a floresta brasileira, no exercício de seu apostolado sublime e sacrossanto.

Tendo em uma das mãos a Cruz de Cristo e na outra a Sagrada Escritura, o coração cheio de bondade e a alma cheia de fê, êles embrenhavam-se em nossas selvas, á procura do índio bravo e traiçoeiro.

E quantos dêsses "vândalos sublimes do Cordeiro" não perderam a vida nos trabalhos de evangelização dos selvícolas.

Entretanto, o sangue por êles derramado, em solo brasileiro, nessa batalha gloriosa e santa, era uma prodigiosa sementeira de onde nasciam novos heróis para a luta; de onde brotavam novos operários para a empreitada de Cristo. E as tribus iam sendo visitadas, e novos seres humanos eram trazidos para a comunidade cristã, lavados nas águas lustrais do batismo.

Era assim o labor de todos os instantes dos Ancriêtas e dos Nóbregas, arrancando ao convívio das feras êsses obscuros patrícios, e mostrando-lhes

as luzes da civilização e os lampejos da Fé.

Agora, os missionários que visitaram Bela Cruz, após Frei João:

Em 1735 trouxe a Mensagem do Evangelho àquela povoação outro Frei João, que ali demorou uma semana, ministrando os sacramentos da Igreja entre os fiéis da localidade e vizinhanças.

No ano de 1740, Frei Lino de Sta. Terêsa também esteve em Santa Cruz alguns dias, espalhando a palavra do Senhor entre os fiéis da comunidade nascente. E logo em 1747 ali "estêve o Revmo. Dr. Manoel Machado Freire, e por sua ordem se fez o Livro da Capela de N. S. da Conceição, de Santa Cruz". Vinha de Sobral a cuja Freguesia pertencia toda esta região do baixo Acaraú.

Após meio século, isto é, em 1798, a povoação recebeu a visita do célebre Frei Vidal da Penha, de quem já falámos. O grande missionário ali demorou cerca de um mês, presedindo os reparos então efetuados na capela.

O tempo decorreu, e aí por 1834, chegou á Bela Cruz, demorando vários dias, Frei Bernardo Clemente da Cruz. Oito anos depois, isto é, em 1842, permaneceu naquela povoação durante 4 meses, o Pe. Daví Miguel Delgado Freire, o qual, apesar de cego, celebrava diariamente e ministrava todos os sacramentos. Nêsse mesmo tempo ali estêve o Pe. Joaquim de Menezes Nóbrega. Assim, á medida que a população aumentava, ia recebendo uma assistência mais frequente de missionários.

É assim que em 1854, o orador sacro, Pe. João José Mendes de Melo, estêve naquela povoação cerca de uma semana, no desempenho de seu sagrado ministério.

Ao que podemos colher sómente em 1827, aquela comunidade recebeu a visita o famoso missionário, Pe. José Antônio de Maria Ibiapina, que durante 10 dias, prégou a Mensagem evangélica àquela gente. E logo em 1837, ali estêve Frei Serafim.

Em 1878, Santa Cruz hospedou durante um mês, os Frades Antônio e Guilherme, em seu trabalho apostólico.

No ano de 1886, o Bispado de Fortaleza mandou àquela povoação o Pe. José Gifoni Sobrinho, o qual demorou mais de um ano, seguindo, depois, para Acaraú, a serviço da causa do Senhor. E em 1904, o Pe. Joaquim Severino de Vasconcelos, então coadjutor da Paróquia de Acaraú, trabalhou em Bela Cruz vários meses, dividindo seu tempo entre a ministração dos sacramentos, a evangelização do povo e a construção de um cemitério, no local onde está situada a Praça do Patronato.

Em 1933, celebrou a Missa do Ano Novo na capela de Santa Cruz, o orador sacro, Pe. Manoel Negreiros. E logo em 1934, a 14 de dezembro, ali chegaram os missionários holandeses, Pedro, Tiago e João, demorando uma semana em sua missão evangelizadora, naquela comunidade cristã.

No dia 29 de setembro de 1935, Santa Cruz recebeu em festa seu ilustre filho, Pe. Francisco Olinto de Araujo Leitão, que ali veio celebrar sua 1ª. missa, o que constituiu um fato da mais alta relevância, na história religiosa da terra.

E afora os missionários aqui referidos, certamente numerosos outros, cujas visitas ignoramos, ali estiveram. E, além desses desde a criação da Paróquia de Acaraú, por Decreto Geral de 5 de setembro de 1832 aquela comunidade teve sempre a dedicada assistência de seus Vigários e Coadjuutores, entre os quais podemos citar: Pe. Antônio Xavier Maria de Castro, Pe. Antônio Tomás, Pe. João Saraiva Leão, Pe. Raimundo Monteiro Dias, Pe. Joaquim Severiano de Vasconcelos, Pe. Francisco Araken da Frota, Pe. José Arteiro Soares e Pe. Sabino de Lima.

VISITAS PASTORAIS

Ao que estamos informados, o primeiro Bispo que visitou a capela de Bela Cruz, o fez em agosto de 1885, e foi Dom Joaquim José Vieira, 2.º Bispo do Ceará, Aliás, queremos corrigir aqui um engano registrado em nosso opúsculo "Santa Cruz do Acaraú", quando demos mencionada visita como realizada em setembro de 1882.

Em 1913, ali estive, de 2 a 5 de outubro, Dom Manoel da Silva Gomes.

No ano de 1917, Dom José Tupinambá da Frota, 1.º Bispo desta Diocese, realizou sua primeira Visita Pastoral à Bela Cruz, demorando de 11 a 13 de julho, E logo em 1925, de 3 a 6 de agosto, novamente aquele grande Antiste levou ao rebanho belacruzense a mensagem do Cristo. Cinco anos depois, isto é, em 1930, conforme seu programa de apostolado, outra vez ali esteve Dom José, nos dias 17 a 20 de julho.

Em 1935, ali veio o Visitador Diocesano, Monsenhor Olavo Passos, para administrar o sacramento do Crismo, em virtude de o estado de saúde de Dom José não o permitir.

Entretanto, a 11 de janeiro de 1942, ali esteve Dom José Tupinambá, para dar posse ao 1.º Pároco de Bela Cruz, o Pe. Odécio Loiola Sampaio.

No ano de 1945, novamente Dom José visitou Bela Cruz, em missão Pastoral, demorando de 20 a 25 de outubro.

E, de 29 de agosto a 2 de setembro de 1949, outra vez Monsenhor Olavo Passos, veio administrar o Crisma àquela porção do rebanho de Dom José.

Cinco anos após, isto é, em 1954, ali estive, nos dias 6 a 10 de agosto, Monsenhor José Osmar Carneiro, em Visita Pastoral, por delegação do senhor Bispo.

O 2.º Bispo de Sobral, Dom José Bezerra Coutinho, efetuou sua primeira visita à Bela Cruz, nos dias 3 a 6 de setembro de 1959, administrando o Crismo e outros sacramentos.

Dom João José da Mota e Albuquerque, 3.º Bispo de Sobral, ali veio, em visita de contato, a 28 de agosto de 1961. E Dom Valfrido Teixeira Vieira, atual Bispo desta Diocese, também visitou aquela cidade a 28 de novembro de 1966, afim, de tomar parte nas comemorações do jubileu de prata de seu Vigário, Pe. Odécio Loiola Sampaio.

CRIAÇÃO DA PARÓQUIA E POSSE DE SEU VIGÁRIO

Concomitantemente, isto é, enquanto êsses legionários da Mensagem do Cristo iam disseminando a semente bendita da Fé entre o rebanho daquela comunidade, a gente de Bela Cruz trabalhava pela consecução de seu objetivo máximo, que era a criação de sua paróquia, suprida do respectivo vigário.

Aquilo que ha um quarto de século era apenas um sonho distante alimentado por João Batista da Silveira, Professor Nicácio Barbosa Cordeiro, Miguel Lopes de Araujo Costa, Gabriel Florêncio de Vasconcelos, Francisco Romão de Carvalho e outros, se tornava, agora, numa esperança quase realidade, para Emilio Fonteles da Silveira, José Jorge de Vasconcelos, Francisco das Chagas Silveira, Francisco das Chagas Maranhão, Vicente Lopes da Silveira, Manoel Zacarias Adriano, Alfredo Silveira e mais uma dúzia de moços solidamente integrados na aspiração, no desejo de ver Bela Cruz conquistar o objeto de seu sonho coletivo.

Em 1933, escrevíamos, no jornalzinho "ALVORADA", que ali circulava, em sua edição de 15 de junho :

"De fonte merecedora de inteira fé, acabamos de saber que S. Excia, Revma. Dom José Tupinambá da Frota, eminente Bispo desta Diocese, está interessado pela divisão da freguezia de Acaraú, em duas, ou seja a criação da paróquia de Santa Cruz.

"O valor de uma tão auspiciosa notícia, antecipadamente afirma-o, com possante eloquência, o bem incomensurável que a efetivação dessa providência trará a êste torrão querido.

"De feito, a criação de uma paróquia nêste distrito e a consequente permanência aqui de um ministro de nossa religião, constituirão o benefício mais oportuno e precioso que no momento nos pode advir".

E, no mesmo jornal, edição de 15 de dezembro do mesmo ano. tornávamos ao assunto:

"Não nos assiste autorização para duvidar da criação da paróquia de Santa Cruz, isto é, na divisão, em duas unidades eclesiásticas, da freguezia

de Acaraú, sendo a segunda sediada nesta povoação."

"Somando-se as amplas possibilidades que vão ao encontrar dessa idéia ha anos alimentada bondosamente pelo nosso ilustrado Antiste e a boa vontade que o nosso operoso e querido Vigário, Pe. Sabino de Lima, ha demonstrado, por que se realize essa divisão, chega-se facilmente á conclusão de que já não paira muito distante a transformação em pujante e consoladora realidade, dêsse nosso grande desejo, dessa nossa justa aspiração."

"Que a Divina Providência não nos tarde mais com essa tão alta e tão suspirada mercê."

E, finalmente, no dia 29 de dezembro de 1941, o grande Bispo Conde de Sobral, Dom José Tupinambá da Frota, assinou Portaria instituindo a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Bela Cruz. E logo no dia 31 do mesmo mês e ano, o grande Prelado firmou provisão nomeando o Revmo. Pe. Odécio Loiola Sampaio, Primeiro Pároco da nova unidade eclesiástica.

É desnecessário salientar a imensa alegria que plenificou o coração da comunidade belacruzense, ante êsse acontecimento de tão marcante significação para o futuro de Bela Cruz, e que, por isto mesmo, veio converter em consoladora realidade uma aspiração coletiva de mais de meio século.

Relativamente ás festas com que foi instalada a Paróquia de Bela Cruz e ás solenidades de posse do Sacerdote que vinha dirigir os destinos espirituais daquela importante unidade da Diocese de Sobral, como documento histórico, transcrevemos, a seguir, a reportagem que, sôbre o acontecimento, inseriu o "Correio da Semana", órgão oficial da mesma Diocese, em sua edição de 16 de janeiro de 1942:

"A família católica de Bela Cruz viveu momentos de intensa e justa alegria, nos dias 10 e 11 do corrente. Às 5, 1/2 da tarde do dia 10, recebia por entre as mais vivas demonstrações de júbilo, a visita do egregio Bispo de Sobral, Exmo. e Sr. D. José Tupinambá da Frota, acompanhado do Revdmo. Pe. Odécio Loiola, primeiro vigário daquela importante localidade, Pe. Joaquim Arnobio, Pe. Domingos Araújo, Teólogo José Palhano e Seminarista Francisco Monte.

A entrada de Bela Cruz até a casa do cel. Mario Louzada onde se hospedou S. Excia, Rvdma, estavam caprichosamente ornamentadas as ruas.

Ao se aproximar o automóvel em que viajava S. Excia. Revdma. girandolas de foguetões feriam o ar enquanto a enterpe acarauense executava escolhidos trechos de seu vasto repertório.

Á chegada no luxuoso palacete do cel. Mario Louzada proferiram empolgantes discursos de saudação ao Exmo. e Revdmo. Sr. Bispo, e ao Revdmo. Vigário Pe. Odécio Loiola, respectivamente, os senhores Lauro Menezes e Nicodemos Araújo.

O Exmo. e Revdmo. Sr. Bispo e o muito digno Vigário agradeceram em brilhantes improvisos aquela bela demonstração de respeito e de mui sincero aprêço.

A multidão compacta que ali se encontrava aplaudiu no maior dos entusiasmos os ilustres oradores.

O Revdmo. Vigário de Acaraú, Pe. Sabino de Lima, ali se achava, notando-se também a presença do digno Prefeito da mesma cidade, cel. Raimundo Rocha e de vários elementos de destaque da fina flôr acarauense.

Às 6 horas, precisamente, efetuou-se grande banquete de 50 talheres, aproximadamente.

Ao champagne, S. Excia. D. José elevou sua taça, brindando o primeiro Vigário de Bela Cruz e a hospitaleira e distinta família daquela próspera localidade.

No dia 11 S. Excia. Revdma, às 7 ½ da manhã, seguiu com o Pe. Sabino de Lima e cel. Raimundo Rocha, até Acaraú, regressando às 10 horas.

Às 9 horas do mesmo dia foi empossado o primeiro vigário. Às 11 ½ houve mais um banquete, dominando em tudo uma nota "chic" de distinção, própria de gente esmeradamente educada.

As 2 ½ da tarde regressaram todos, trazendo a mais viva e a melhor recordação das solenidades ali verificadas.

Notou-se ainda ali a presença do Revdmo. Vigário de Marco, Pe. Francisco Apoliano e dos inteligentes seminaristas: Aristides Sales, Edmilson Cruz, Vicente Albuquerque e José Sebastião Silva.

Esteve também presente o Revdmo. Pe. Gonçalo Eufrásio, competente mestre de cerimoniais, regressando para Marco, às primeiras horas do dia 11.

A casa preparada para o primeiro Vigário estava luxuosamente mobiliada.

Muito de coração agradecemos o fidalgo convite que recebemos dos belacruzenses para as grandes solenidades ali verificadas.

Associamo-nos às suas alegrias e mandamo-lhes nossos melhores parabéns pelo êxito das pomposas festas e pelo grande acontecimento de sua vida religiosa.

Ao Pe. Odécio Loiola desejamos feliz paroquiato e mandamos também nossos parabéns por ter sido o escolhido para dirigir os destinos espirituais de um povo bom, trabalhador e essencialmente católico".

Integrava o território da Paróquia de Bela Cruz, a capela de Santo Antônio, na localidade do mesmo nome. Mencionado templo foi construído em 1936, sob os auspícios dos srs. Francisco de Oliveira Magno que lhe doou 40 palmos de terra, José Sabino de Sousa e outros.

Entretanto, com a criação da Paróquia de Nossa Senhora de Fátima,

no distrito de Itarema, no dia 2 de Janeiro de 1954, uma apreciável faixa do território, na ribeira do Rio Mirim, foi desmembrada da Paróquia de Bela Cruz, em benefício da nova unidade diocesana, inclusive a capela de Santo Antônio.

VINTE E CINCO ANOS DE PAROQUIATO

Assumido, no dia 11 de janeiro de 1942, as funções ministeriais e administrativas, para que fora escolhido, pelo seu Bispo, o Pe. Odécio Loiola Sampaio, o fêz possuído de zelo apostólico e boa vontade de trabalhar no amanho da Sagrada Vinha.

Nestas condições, o jovem sacerdote iniciou seus trabalhos em diversos setores, simultaneamente, como era preciso que o fizesse, mesmo porque a unidade eclesiástica que lhe fôra confiada era bem vasta e populosa, pois cobria uma área de 1.000 km², e contava uma população de 18.000 almas.

Imbuído, portanto, dêsse louvável objetivo, enquanto cuidava de novas diretrizes para vida religiosa e social de seus paroquianos, tratava de desenvolver a instrução, não somente pela difusão da catequese, mas também pela fundação e manutenção de estabelecimentos do ensino religioso. Ao mesmo tempo procurava insentivar os jovens para a vida religiosa, aproveitando as vocações nascentes, e organizava associações pias, incrementando, desta maneira, o espírito de classe e de equipe, e plantando e cultivando a semente bendita da fé na alma do numeroso rebanho, para a vivência do verdadeiro ideal cristão, na organização comunitária.

Desta maneira foram constituídas as seguintes sociedades religiosas, sob os auspícios da Paróquia e a supervisão direta do Vigário:

- Obra das Vocações Sacerdotais, que fôra fundada a 26 de Novembro de 1939, pelo Pe. Sabino de Lima, e que foi reorganizada em 1942, contando atualmente 324 Zelados.

- Associação da Doutrina Cristã, criada em 1940, pelo Pe. Sabino de Lima, e que também foi reorganizada pelo atual Vigário, em 1942, cujo número de associados soma 146.

- Apostolado da Oração, fundada a 12 de junho de 1942, com 420 Zelados, presentemente.

- Pia União das Filhas de Maria, fundada a 8 de Dezembro de 1942, e conta 37 agremiadas.

- Congregação Mariana de Homens, fundada a 15 de agosto de 1943, e que conta 29 congregados.

- Cruzada Eucarística Infantil, fundada a 29 de junho de 1944, e conta 150 Cruzadinhos.

– Associação das Teresinhas, fundada a 3 de outubro de 1949 e extinta a 10 de junho de 1962.

– Benjaminas da Virgem Maria, fundada a 16 de agosto de 1960, e conta 27 agremiadas.

– Associação Santa Luiza de Marilac, fundada a 27 de setembro de 1960, conta 23 Luizas.

– Clube das Mães, fundado a 11 de março de 1963, conta atualmente 70 associadas.

Convém salientar que, quando o Pe. Odécio ali chegou, havia naquela Paróquia apenas a Matriz, em construção, e as Capelas de S. Vicente, na sede, construída pela Conferência Vicentina, graças aos esforços do Sr. João Venceslau de Araújo, e inaugurada a 19 de julho de 1941; a Capela de S. João Batista, de Tapera, inaugurada em 1903, e que foi convenientemente reparada em 1956 e a Capela de Sto. Antônio, que, em 1954, passou a integrar a Paróquia de Itarema.

Agora, passamos a relacionar as capelas construídas pelo atual Vigário, e que são as seguintes:

– *Capela de S. Pedro*, no arraial Lagoa do Carneiro que foi inaugurada a 29 de junho de 1943, e em cujos trabalhos contou o Pe. Odécio com a colaboração dos srs. Raimundo Rodrigues Araújo, Manoel Frutuoso Freitas, João Luiz de Farias e outros, e de d. Maria Expedita Araújo e Franciné Araújo.

– *Capela de São Francisco*, no povoado de Matriz. Os trabalhos dessa capela foram iniciados em 1938, pelo sr. Francisco Romão de Carvalho, recebeu o Vigário cooperação dos srs. José Adiodato da Rocha, José Manoel de Oliveira e outros.

– *Capela de Santo Antônio*, no Arraial São Gonçalo, que foi inaugurada a 2 de outubro de 1961, e em cuja obra muito auxiliou o velho Antônio Faustino de Maria com sua família.

– *Capela de São Miguel*, no povoado do Riacho da Prata, inaugurada a 12 de novembro de 1961. Entre os homens que auxiliaram nos trabalhos desta capela, estão em primeiro lugar os srs. Francisco Abílio da Costa e Geraldo Sebastião.

– *Capela de São José*, no Arraial Cajueirinho, inaugurada a 14 de novembro de 1965, em cujos trabalhos de construção cooperaram os srs. Raimundo Magalhães Rocha, Manoel Teixeira Sampaio e Francisco Cordeiro.

– *Capela de Nossa Senhora de Fátima*, no arraial Correguinho, inaugurada a 18 de novembro de 1966. Naquela construção a Paróquia contou com a colaboração dos srs. Diogo Silva Araújo e Francisco Gabriel dos Santos.

– *Capela de São João*, no arraial Belo Horizonte. Esta Capela vai substituir a de Tapera, que por conveniência de local e de população, o Pe. Odécio Loiola Sampaio mandou demolir, em 1966, sendo o material

aproveitável transportado para a localidade mencionada, á margem da estrada de rodagem Acaraú á Fortaleza, onde foi erguida uma capela ampla, em forma de cruz, a qual já está totalmente coberta de telhas. Naquela construção já foram despendidos 3.400.000 cruzeiros, afora a ajuda que o povo vem oferecendo, com a melhor boa vontade. E para maior aceleramento dos trabalhos muito se têm esforçado os srs. Epitácio Rodrigues Araújo e Manoel Gonçalves de Carvalho, credenciados pelo Vigário para a sua administração. Hoje Belo Horizonte e Celsolândia já se acham quase unidos, tal é o número de prédios que se vêm construindo nas proximidades da Capela.

E ao lado de cada uma dessas capelas o Vigário mandou construir uma casa, para os sacerdotes que vêm realizar os atos do culto. Casas boas e convenientemente mobiliadas.

Todavia entre as construções citadas avulta a reconstrução da Igreja Matriz, obra digna de real admiração e em que o Vigário se empenhou e trabalhou incessantemente, desde 1945 até fins de 1948. É um dos templos mais belos e mais bem construídos do Ceará. A antiga Igreja Matriz foi totalmente derribada, para dar lugar a um Templo moderno, cujas linhas arquitetônicas muito bem recomendam o conhecimento e o bom gosto de seu supervisor que foi o grande artista italiano Agostinho Baume, tendo como arquitetos Antônio Rodrigues e outros.

Sôbre a tórre, que mede 35 metros de altura, foi colocada uma artística escultura de Nossa Senhora da Conceição, Padroeira da Paróquia, e que mede 3 metros de altura. É uma primorosa obra de arte.

A benção da Matriz teve lugar no dia 21 de setembro de 1948, e constituiu, como era natural, uma das efemérides mais importantes ocorridas naquela Paróquia, para onde afluíu, naquele dia, milhares de pessoas não somente da Paróquia, como também dos municípios e de Fortaleza.

Como documentação histórica, passamos a transcrever a reportagem publicada pelo jornal "O ACARAÚ", em sua edição de 1.º de dezembro de 1948, sôbre as festas inaugurais daquele sentuoso templo: "Conforme estava amplamente anunciada, teve realização, a 21 de novembro último, a benção da Igreja Matriz da Paróquia de Bela Cruz, dêste Município. A festa inaugural daquele templo, veio concretizar em positiva e consoladora realidade, uma antiga aspiração do povo belacruzense, o que sobejamente justifica a satisfação e o entusiasmo com que êsse mesmo povo festejou o memorável evento religioso. Efetivamente, as cerimônias da benção daquela Matriz, em cuja reconstrução total foram despendidos cerca de oitocentos mil cruzeiros, conforme fomos informados, se revestiram de excepcional brilhantismo, assinalando um dos capítulos mais significativos da história daquela Paróquia, que, destarte, se acha enriquecida de um dos templos mais

belos e suntuosos do Ceará.

S. Excia. Revma, o Sr. Dom José Tupinambá da Frota, eminente Bispo Diocesano, impossibilitado, em consequencia de seu precário estado de saúde, de presidir as solenidades, delegou poderes para tão importante missão, ao Revmo. Mons Olavo Passos, Vigário Geral da Diocese, que ali chegou às 17 horas do dia 20, em companhia dos Revmos. Srs. Conego José Osmar Carneiro, Mons. José Aloísio Pinto, Pes. Gerardo Ferreira Gomes, José Aristides Cardoso, José Inácio Parente, Expedito Silveira e Egberto Rodrigues de Andrade. Essa ilustrada comitiva, foi saudada pelo jovem intelectual João Damasceno Vasconcelos, que proferiu eutusiástica saudação, em nome da família belacruzense. Ali já se encontravam os Revmos. Pes. Sabino de Lima, Cauby Jardim Pontes, Joviano Loiola Sampaio e Francisco Apoliano, respectivamente, Pároco e Cooperador de Acaraú, e Vigários de Licania e Marco.

No dia 21, Bela Cruz apresentava um espetáculo verdadeiramente impressionante, pela incalculável massa popular que afluía de vários pontos deste município e vizinhos, enchendo as ruas, num belíssimo testemunho de fé católica. Às 8 horas, teve lugar a benção dos sinos, seguindo-se a magna cerimônia da benção da matriz, pelo Revmo. Mons. Olavo Passos, no que foram obdecidos todos os requisitos da liturgia. Às 9 horas, iniciou-se a Missa solene, cantada pela "Escola Cantorum", do Seminário de Sobral, composta de 35 elementos, sob a profícua direção do Revmo. Pe. José A. Cardoso, tendo como harmonista o Pe. Joviniano Sampaio, acompanhado a flauta, pelo Pe. Cauby Pontes. Foi oficiante, o Pe. Gerardo Gomes, tendo como cerimoniários, Mons, Aloisio Pinto, e como Diácono e Subdiácono, os Pes. Egberto Andrade e Expedito Silveira. Fez o panegírico da benção da Matriz, o sr. Conego José Osmar Carneiro, testemunhando, mais uma vez, o seu talento de orador sacro. Ao finalizar a Missa, o SS. Sacramento foi transportado da Capelinha de São Vicente de Paulo para a Matriz, entre o profundo respeito dos fiéis, sendo, então, realizado solene Te Deum".

A Matriz está muito bem aparelhada de bancadas e alfaías, dispondo de possante amplificadora e de um amplo salão, no segundo andar, destinado às reuniões das associações paroquiais.

Entertanto, com o aumento da população, foi se intensificando o movimento religioso da Paróquia, de maneiras que aquela Matriz já se tornou insuficiente para comportar o número de fiéis, em seus dias festivos. E foi por isto que o Pe. Odécio houve por bem mandar ampliar os braços ou naves laterais, uma obra de vulto que foi iniciada em 1966 e que já se encontra em fase de conclusão.

CONSÊLHO PAROQUIAL

Por portaria datada de 8 de setembro de 1961, do Exmo. Sr. Bispo Diocesano, foi nomeado o Consêlho da Fábrica da Paróquia de Bela Cruz, composto dos srs. João Venceslau Araújo, Raimundo Magalhães Rocha e José Maria Pinto Vasconcelos, os quais prestaram compromisso no dia 7 de outubro do mesmo ano.

NO SETOR EDUCACIONAL

Passamos agora a uma ligeira notícia relativamente á obra sem dúvida, gigantêscas, empreendida e realizada pela Paróquia, ou melhoramento, pelo seu Pároco, no setor da instrução e da educação.

Esse trabalho do incontestável mérito, teve início com a instalação, a 29 de junho de 1945, do Centro Catequético Pio XII, destinado ao ensino da doutrina cristã e do curso primário. Seguiu-se o Instituto Imaculada Conceição, inaugurado a 17 de fevereiro de 1947. E logo no ano de 1950 teve lugar a inauguração da Escola São João Bosco, no arraial "Araticuns", destinada ao ensino do catecismo, e onde funcionaram algumas escolas municipais.

Concomitantemente, o esforçado Vigário trabalhava na construção de um vasto edifício, onde seriam ministrados não somente a instrução primária, mas também alguns cursos do ensino médio. Mencionada construção, iniciada em 1954, foi terminada em fins de 1959, e nela foi instalado o Patronato Imaculada Conceição, o qual encampou o Instituto Imaculada Conceição. É um edifício de amplas proporções, que cobre 8.455 m², com uma área coberta de 2.143 m².

E, não sem grandes esforços, foi conseguida a vinda das Irmãs de Caridade que, depois de examinarem a cidade e o prédio, resolveram aceita-lo, para que nêle fôsse instalada mais uma casa dessas abnegadas operárias do Bem.

E foi assim que a 14 de fevereiro de 1960 foi inaugurado, na cidade de Bela Cruz, o Patronato Imaculada Conceição, com os cursos de ensino primário, ginásial e normal, sob a direção da Emérita Irmã Catarina Brasileiro, Superiora da Casa. Contando com a assistência e a colaboração direta do Vigário, as esforçadas filhas de São Vicente vêm efetuando em Bela Cruz uma obra relevante e altamente meritória, não somente no que diz respeito á instrução e á educação dos jovens, mas também no campo assistencial.

Quanto ao Patronato, logo no dia 1.º de março de 1960 foram inaugurados alí os cursos ginásial e normal. E aquela conceituada casa de instrução tem se havido com tanto esforço e êxito, que já no dia 11 de dezembro de 1966 conferiu o diploma de Professôras á uma turma de dez jovens

Belacruzenses, inaugurando, desta maneira, um advento novo na vida cultural daquele futuroso município. E, na mesma data, forneceu Certificado do Curso Ginásial à 3.^a turma de Humanistas, constituída de trêze jovens de ambos os sexos.

E sucede, que, inaugurado o Patronato, o Vigário iniciou os trabalhos de conclusão e adaptação ao funcionamento de um ginásio, do chamado Prédio Mariano, uma bela construção localizada á Rua Humaitá e que em 1945 lhe fôra entregue, pela Congregação Mariana de Homens, tendo á frente seu idealizador e construtor, João Venceslau Araújo, atual Vice-Prefeito daquele município. Pois bem; mencionado edifício já se acha em fase de conclusão, prestando-se maravilhosamente ao fim a que se destina. Nêle funciona presentemente, o Externato Santa Luiza e Marilac, para crianças, sob a direção da Revda. Irmã Brasileira.

BELA CRUZ, VIVEIRO DE VOCAÇÕES RELIGIOSAS

O trabalho do Pe. Odécio Loiola, procurando estimular e amparar as vocações religiosas em sua Paróquia, produziram resultados compensadores e magníficos para a obra evangelizadora da Igreja.

Sim, porque, durante o período de nove anos apenas, subiram á Montanha Santa, os seguintes jovens belacruzenses, e que celebraram suas primeiras missas na Matriz de Bela Cruz:

- Padre Francisco de Assis Lopes, que celebrou sua primeira Missa no dia 1.^o de novembro de 1955.

- Padre Joaquim Diomar de Araújo, cuja primeira Missa foi celebrada a 15 de dezembro de 1955.

- Padre Aureliano Diamantino da Silveira, que celebrou sua primeira Missa a 8 de dezembro de 1956.

- Irmão José Getúlio da Silveira, que ingressou na Ordem dos Maristas no dia 2 de fevereiro de 1958.

- Padre Benedito Valter Araújo, cuja primeira Missa foi celebrada a 19 de julho de 1959.

- Padre João Delmonte de Carvalho, que celebrou sua primeira Missa a 10 de dezembro de 1961.

- Irmão José Arimatéia Freitas Filho, que ingressou na Ordem dos Maristas no dia 8 de dezembro de 1964.

E 6 outros moços belacruzenses estão cursando seminário em diferentes pontos do território nacional.

E ainda mais: durante um curto período ingressaram na vida religiosa as seguintes jovens filhas de Bela Cruz:

- Irmã Maria Luiza da Silveira, recebeu o Hábito a 25 de outubro de 1950.

- Irma Maria Pureza de Freitas, recebeu o Hábito a 20 de novembro de 1949.
- Irma Rosalba Arací Vasconcelos, recebeu o Hábito a 10 de março de 1954.
- Irma Maria José de Araújo, recebeu o Hábito a 14 de julho de -951.
- Irma Adalgiza Ferreira de Freitas, recebeu o Hábito a 21 de Janeiro de 1957.
- Irma Tereza Neuma Vasconcelos, recebeu o Hábito a 14 de agosto de 1962.
- Irma Maria Aurea de Freitas, recebeu o Hábito a 25 de janeiro de 1964.
- Irma Maria do Perpétuo Socorro Carvalho, recebeu o Hábito a 2 de fevereiro de 1964.
- Irma Maria das Graças Pinto, recebeu o Hábito a 21 de janeiro de 1967.

MOVIMENTO SACRAMENTAL DA PARÓQUIA

Relativamente à vida sacramental e doutrinária da Paróquia de Bela Cruz, isto é, doutrinária no que alude á catequese, registramos, a seguir, o movimento durante o quarto de século de sua existência, e que é o seguinte:

N.º de Batisados	–	16.545
N.º de Casamentos	–	2.570
N.º de Comunhões	–	954.246

E nos trabalhos de instrução da doutrina cristã, a Paróquia conta atualmente com 27 Centros catequéticos, dirigidos por uma turma ed 146 Catequistas de curso, com uma matrícula que atinge 2.349, alunos, de ambos os sexos.

JUBILEU PAROQUIAL

Responsável por uma obra de evangelização tão relevante, o Revmo. Pe. Odécio Loiola Sampaio, ao ensejo da transcorrência das Bodas de Prata daquela unidade eclesíastica, empenhou-se, com tôdas as suas forças por que tão marcante efeméride religiosa e social fosse comemorada com o brilhantismo e a significação com que realmente o foi.

E por uma feliz coincidência, com uma diferença apenas de 40 dias,

aquêle Pároco também completou 25 anos de sacerdócio, pois que fôra ordenado a 30 de novembro de 1941, ao passo que a Paróquia fôra instalada a 11 de Janeiro de 1942.

Nestas condições, quis aquêle Sacerdote realizar a dupla comemoração com Missões Religiosas, em tôdas as Capelas, sessões de estudos e sessões solenes. As Missões foram efetuadas nos períodos de 19 a 31 de julho, e de 4 a 22 de novembro de 1966. Foi elaborado e fielmente cumprido um vasto programa, tendo lugar uma Semana Eucarística, de 23 a 30 de novembro de 1966, e uma Semana do Povo de Deus, de 7 a 11 de janeiro de 1967. Nada menos de 12 sacerdotes tomaram parte nas comemorações, e tôdas as Paróquias do Baixo Acaraú alí foram, em datas previamente designadas, prestar sua homenagem áquela unidade da Diocese de Sobral. No dia 28 de novembro alí estêve o Exmo. Sr. D. Valfrido Teixeira Vieira, Bispo Diocesano, e para as sessões de estudo foi escolhido um bem elaborado temário. O Patamar da Matriz e a praça adjacente serviram de sala para diversos atos litúrgicos e representações de artes, pois aquêle vasto templo se tornou insuficiente para conter a enorme quantidade de fiéis que afluíam, para assistir os atos realizados.

A praça principal estava engalanada com faixas alusivas às comemorações e cordões de flamulas de várias dimensões, mandadas confeccionar especialmente para as duplas Bodas de Prata.

A normalista Francisca Chagas Vasconcelos compôs um belo Hino Jubilar cuja música foi posta pelo Pe. Francisco Sadco Araujo, sendo gravado em disco pelo "Conjunto Nordeste", dirigido por um filho de Bela Cruz, o Clérigo Francisco de Assis Magalhães Rocha, no Seminário de Afogados da Ingazeira, em Pernambuco.

Finalmente, a paróquia de Bela Cruz, viveu, de novembro de 1966 a janeiro de 1967, três meses de festas, em as quais todos os belacruzenses tomaram parte espiritual e materialmente. Ninguém recusou sua cooperação; ninguém negou o seu quinhão de trabalho e boa vontade, para o maior brilhantismo das solenidades jubilares daquela unidade diocesana.

Solicita ao convite de seu guia espiritual, Bela Cruz, mais uma vez, numa belíssima unidade coletiva, atestou de público o seu espírito cristão e o seu ideal comunitário, na vivência da Fé que sempre constituiu o apanágio daquela gente.

RESIDÊNCIA PAROQUIAL

No ano de 1918, o Revmo. Pe. Antônio Tomás, então Vigário de Acaraú, mandou construir, a expensas do Patrimônio da capela, uma casa destinada á hospedagem dos sacerdotes que viessem a demorar na povoação,

a serviço do culto, cujos trabalhos foram dirigidos pelo Sr. João Batista da Silveira, – um dos esteios do progresso de Bela Cruz.

Entretanto, com a instalação da Paróquia, o movimento religioso aumentou, como era natural, sendo comum a visita de padres que iam a serviço do Evangelho.

E foi então que o Revmo. Pe. Odécio Loiola Sampaio, houve por bem mandar ampliar a residência paroquial, que já se tornava insuficiente para os serviços e o movimento da Paróquia. Assim pensando, aquele sacerdote fêz aquisição de uma parte do prédio vizinho, adaptando-a convenientemente, e transformando, destarte, a antiga Casa Paroquial em uma residência confortável, dispondo de compartimentos para o Vigário, para os padres que o visitam e para Secretaria da Paróquia, etc.

Mencionado prédio está localizado á Rua Professor Nicácio, n.º 288.

Portaria de criação da Paróquia de Bela Cruz

(cópia autêntica)

"DOM JOSÉ TUPYNAMBÁ DA FROTA, POR MERCÊ DE
DEUS E DA SANTA SÉ APOSTÓLICA, BISPO DE
SOBRAL, PRELADO DOMESTICO DE SUA SANTIDADE
E ASSISTENTE AO SÓLIO PONTIFÍCIO.

Aos que esta Nossa Portaria virem, saudação, paz e benção em
Nosso Senhor Jesus Cristo.

Fazemos saber que, atendendo ao argumento progressivo da população da parochia de Nossa Senhora da Conceição do Acarahú, e desejando promover o bem espiritual dos Nossos Diocesanos, Havemos por bem desmembrar da dita parochia do Acarahú o territorio da nova parochia de Nossa Senhora da Conceição de Bella Cruz, e elevar á dignidade de Matriz a egreja existente na dita villa de Bella Cruz; e tendo ouvido o parecer e o voto dos Revmos. Consultores Diocesanos, e do Revmo. Párocho do Acaraú, em virtude da Nossa Autoridade Ordinária, pela presente Portaria Erigimos e Creamos a nova parochia amomivel de Nossa Senhora da Conceição com séde na sobredita villa de Bella Cruz, cujos limites são os seguintes: Ao norte limita-se com a parochia de Acarahú, Começa no rio AracatyAssú no logar Porteiras (inclusive) e numa linha recta até a nascente do Corrego-Preto, segue por este até a sua foz no rio Aracaty-Mirim, continuando na embocadura do Corrego Grande neste mesmo rio e seguindo pelo referido Corrego atéa Affluencia do Corrego da

Água Branca acima do lugar Catharina; dahi prosegue por este último até a sua nascente e dahi numa recta para a fazenda Junco (inclusive) continuando pela estrada que vae para a lagôa de Itapuará (inclusive) e seguindo pela mesma estrada até a fazenda (inclusive) dahi, pelo travessão desta, atravessando o rio Canema no lugar Carapina, continuando pelo mesmo travessão até o rio Acarahú no lugar Poço do Mafumbo, descendo pelo mesmo rio até encontrar a embocadura do Corrego do Nazario, e subindo por este até a fazenda Santa Thereza (exclusive) e dahi tomando a estrada, que vae para a fazenda Pimenteira (exclusive), seguindo na mesma estrada até o Cambota, donde parte numa recta para as fazendas Embiratanha, Aroeira, São Geraldo e Lagoinha (exclusive) e dahi sobe pelo Corrego de Dentro passando pela fazenda Santa Terezinha até os limites da Parochia de Granja. Ao oeste com a Parochia de Granja. Ao sul com a nova Parochia de São Manuel do Marco. Começando do rio Aracaty-Mirim, acima de Ema, 3 kilometros, segue numa recta até a fazenda Corrego Salgado, continuando noutra recta para a fazenda Santa Cecilia (exclusive) e dahi pelo Corrego da Lagoinha até a estrada que vae para a fazenda Pereiras; dahi segue na mesma estrada até a lagoa de Santa Rosa, donde partindo em linha recta para o lugar Bocca do Corrego, e continunando por outra linha recta para o lugar Victoria (inclusive) e dahi ainda, noutra linha recta para o rio Inhanduba na fazenda Varzea Comprida, segue por esta até os limites da Parochia de Granja. Ao leste com a Parochia de de São Bento d'Amontada.

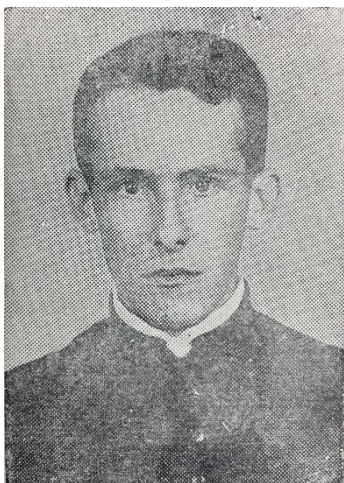
Seja esta Nossa Portaria lida nas Matrizes de Acarahú, Granja, Sant'Anna, Marco e Bella Cruz, para conhecimento dos interessados, em um Domingo ou dia santificado, á estação da Missa Parochial, transcripta integralmente no Livro do Tombo das ditas parochias e archivada na fórmula do costume.

Dada e passada nesta cidade de Sobral e Camara Ecclesiastica, sob o Nosso signal e sello das Nossas armas, aos 29 de Dezembro de 1941.

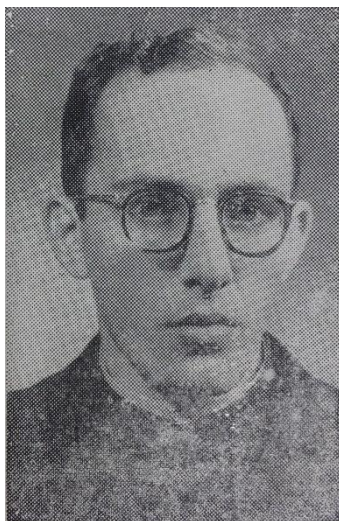
L-|- S.

-|- JOSÉ, Bispo Diocesano".

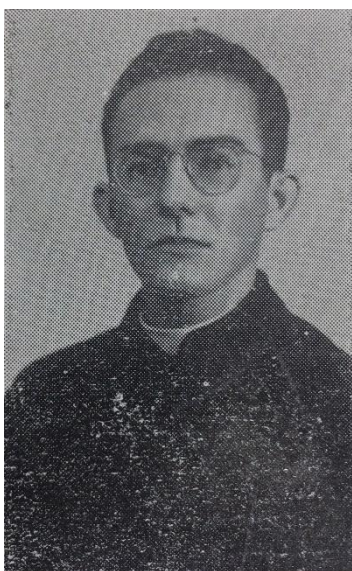
FILHOS ILUSTRES DE BELA CRUZ



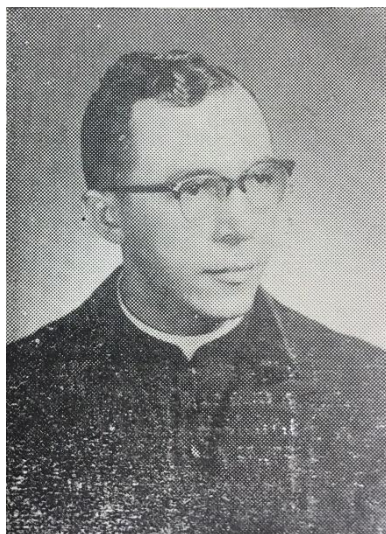
*PE. JOAQUIM DIOMAR DE
ARAÚJO*



*PE. FRANCISCO DE ASSIS
LOPES*



*Pe. Francisco Olinto de Araújo
Leitão*



Pe. Aureliano Diamantino da Silva

QUARTO CAPITULO

FORMAÇÃO POLÍTICA **PRIMEIROS PASSOS**

Em outro capítulo dêste modestos apontamentos já tivemos oportunidade de falar sobre a meia légua de terra doada á Capela de Nossa Senhora da Conceição, de Santa Cruz, em 1732, pelos srs. Nicolau da Costa Peixoto e capitão Domingos Aguiar de Oliveira.

Pois bem; nessa meia légua de terra foi plantado o arraial que mais tarde se tornou povoação, depois vila e, finalmente, cidade de Bela Cruz.

Ao que conseguimos saber, desde metade do século XVIII, diversos cidadãos se foram organizando, naquêlo núcleo populacional, e procurando fazê-lo conhecido do governo provincial, para obtenção de alguns favôres. Entre êsses nossos primeiros patrícios podemos citar: Bernardo da Silveira, com o auxílio dos dois doadores, que eram pernambucanos. Mais tarde têve atuação também importante nessa campanha, o capitão Diôgo Lopes de Araujo Costa, até que, no ano de 1888 conseguiram a criação do Juizo de Paz, que, naquêlo tempo, representava um grande passo na vida política de um povo em formação.

Entretanto, para encontrar-se a raiz da formação política de Bela Cruz, em seu sentido partidário, temos que ir busca-la na história do município de Acaraú, recuando no tempo 118 anos. Sim, porque, se aquêlo município é originário do território de Acaraú, deve começar daqui a história daquela futura comunidade irmã.

A CÂMARA DE ACARÁ E OS VEREADORES DE BELA CRUZ

Desde o começo de sua autêntica vida política, o município de Acaraú está ligado á Bela Cruz, isto é, desde sua primeira Câmara Municipal, criada pela Lei provincial n.º 475, de 31 de julho de 1849, e

instalada a 5 de fevereiro de 1851. Sim, porque integraram essa Câmara dois belacruzenses, como representantes do então povoado de Santa Cruz, naquele poder legislativo. E foram eles: Manoel de Araujo Costa e Simplício de Araujo Costa, que serviram na primeira legislatura.

Da minuciosa busca que efetuamos nos arquivos da Câmara Municipal de Acaraú, muito pouco podemos aproveitar, porque mesmos arquivos estão desfalcados de vários livros e documentos, e outros se acham ilegíveis. Em todo caso, ao que nos consta, aí pelo ano de 1870, o sr. Simplício de Araujo Costa foi novamente eleito Vereador, servindo até 1872 ou 1874. Em 1910, foi também eleito Vereador por Bela Cruz, o sr. Gabriel Florêncio de Vasconcelos, que permaneceu nas funções até 1914. Seguiu-se Manoel Nicodemos Araujo, o qual foi eleito e representou o distrito de Bela Cruz, naquela casa de legislação municipal, durante o período de 14 de março de 1928 a fins de outubro de 1930, quando perdeu o cargo em virtude do movimento revolucionário daquele ano. Outra vez Manoel Nicodemos Araujo foi eleito para a Câmara de Acaraú, a 29 de março de 1936, daí saindo a 10 de novembro de 1937, quando foi estabelecido o Estado Novo, pelo Presidente Getúlio Vargas. Após mais de 10 anos, isto é, em 1948, elegeu-se Vereador por Bela Cruz o sr. Francisco das Chagas Silveira, que serviu até 1952. Seguiram-se, como Vereadores de Bela Cruz, os srs. João Damasceno Vasconcelos e Benedito Lopes da Silveira, os quais compuseram a Câmara de Acaraú, de 24 de março de 1955 a 24 de março de 1959, quando já estava criado o município de Bela Cruz.

Entretanto fora criado o distrito de Bela Cruz, por ato do Governo Estadual, datado de 21 de setembro de 1917, e ratificado por Lei municipal n.º 94, de 26 de julho de 1923. E o Decreto n.º 10, de 18 de fevereiro de 1937, do então Prefeito Manoel Duca da Silveira, elevava aquele distrito à categoria de Subprefeitura.

A Lei federal n.º 311, de 2 de março de 1938, mudou a denominação do distrito de Santa Cruz, para Bela Cruz.

CAMPANHA PELA CRIAÇÃO DO MUNICÍPIO

Todavia, desde o alvorecer deste século que o povo belacruzensense aspirava a elevação daquele distrito à categoria de município. Assim pensavam seus dirigentes daquele tempo, entre os quais podemos mencionar: João Albano da Silveira, Miguel Lopes de Araujo, Professor Nicácio Barbosa Cordeiro, Gabriel Florêncio de Vasconcelos, José Lopes da Silveira e Francisco Romão de Carvalho.

A ampulheta do tempo prosseguia, em seu labor de todos os minutos, e a gente de Bela Cruz não deixava de acalantar o seu sonho máximo e mais

justo, que era á sua elevação á unidade autônoma da federação brasileira, mesmo porque Bela Cruz atingia tais proporções, em sua marcha evolutiva, que já não era mais possível retardar a realização daquilo que tanto almejava o seu povo. É assim que, no jornal "O Acaraú", edição de 1.º de outubro de 1952, escreviamos esta notícia:

"Esboça-se na florescente vila de Bela Cruz, desta Comarca, um movimento, no sentido de elevar aquele distrito á categoria de município, na próxima divisão territorial da República, a realizar-se em 1933, de conformidade com o que preceitua o Decreto federal n.º 1.114.

"Muito justa a pretensão dos belacruzenses, pois aquela diantado distrito conta uma população estimada em doze mil habitantes, sendo cêrca de dois mil no perímetro urbano da vila sede".

O tempo decorreu, e, em 1953, aproveitando a faculdade do Decreto 311, de 2 de março de 1938, a gente de Bela Cruz empreendeu e realizou mais uma ofensiva, perseguindo a sua aspiração de tantos anos. E assim, procurando usufruir proveito da nova divisão territorial do Brasil, a vigorar de 1953 a 1958, o atual Prefeito José Ludegero da Silveira, um dos primeiros baluartes da campanha municipalista de Bela Cruz, conseguiu um requerimento, com assinaturas de 130 eleitores daquele distrito, pedindo sua ereção á condição de município. Mesmo requerimento foi entregue á Assembléia Legislativa do Estado, pelo mesmo sr. José Ludgero da Silveira, em data de 1.º de setembro de 1953.

Seguindo seus trânsitos legais, mencionado requerimento foi encaminhado, por aquela Casa do Povo, á Câmara Municipal de Acaraú, afim de que a mesma oferecesse parecer sôbre a matéria, sendo aqui recebido a 19 daquele mês e ano.

Acontece que o poder legislativo de Acaraú não se conformou com a criação do nôvo município, dentro dos limites estabelecidos no referido requerimento. E assim, aquela casa, por intermédio do Vereador Antônio Ferreira Sales, protestou contra a pretensão, devolvendo o processado á Assembléia, com os motivos de seu protesto.

Nestas condições, transcorreu o ano de 1953, sem que Bela Cruz obtivesse o que tanto aspirava, pois o requerimento em causa fôra arquivado na Assembléia, perdendo-se aquela oportunidade, com o fracasso da primeira tentativa concreta.

Sucede, no entanto, que, quem peleja por uma causa justa triunfa sempre. E a população de Bela Cruz, perserverante como sempre foi, ao aproximar-se a época da nova divisão territorial do país, reencetou sua campanha de liberdade, que desde 1953 se achava na estaca zero.

Outra vez, e agora pelo Deputado Manoel Gomes Sales, que inegavelmente, foi o grande soldado dessa batalha, entregava á Assembléia

nôvo requerimento, porém, com os limites do futuro município algo modificados. Isto foi no ano da graça de 1956.

Aludido requerimento foi, como o outro, enviado à Câmara de Acaraú, a qual, em sessão realizada a 19 de setembro de 1956, aprovou, por unanimidade, o desmembramento do território destinado a construir o futuro município de Bela Cruz. Diga-se, como homenagem a um grande filho de Bela Cruz, que essa memorável campanha sempre contou com a boa vontade do Cel. Manoel Duca da Silveira, então Prefeito de Acaraú.

Já no dia 20 de setembro de 1956, o processado era entregue àquela Casa do Povo, pelo mesmo Deputado Gomes Sales. Pois bem: a Assembléia, em sessão de 10 de outubro de 1956, distribuiu o referido processado à Comissão de Constituição e Justiça da casa, para dar parecer sobre a matéria, nomeando o Deputado Manoel Gomes Sales, seu Relator. E logo em sessão de 14 de dezembro do mesmo ano, aquela casa de legislação estadual aprovou a realização do Plebiscito. Na oportunidade foi nomeada a respectiva Junta Plebiscitária, composta dos srs. Pe. Odácio Loiola Sampaio, Francisco das Chagas Silveira e Manoel Nicodemus Araújo.

O PLEBISCITO DESTRITAL

A Junta Plebiscitária foi instalada a 17 de novembro de 1956, e seguiram-se as providências necessárias à realização do Plebiscito, ou seja, a qualificação eleitoral, para a grande consulta popular. Finalmente, conforme deliberara a Assembléia, o Plebiscito foi realizado no dia 30 de dezembro de 1956.

Relativamente à realização do Plebiscito, passamos a transcrever, como documento histórico, a reportagem publicada pelo jornal "O Acaraú", edição de 15 de janeiro de 1957:

"Teve lugar, no dia 30 de dezembro último, o Plebiscito para criação do município de Bela Cruz, a ser desmembrado do território de Acaraú.

"A população de toda a área coberta pelo futuro município, e representada pelos seus eleitores, foi chamada a pronunciar-se sobre o momentoso assunto, afirmando, nas urnas eleitorais, o modo como recebia o amplo movimento coletivo.

"E a Junta Plebiscitária, nomeada pela Assembléia Legislativa do Estado, e constituída pelos srs. Pe. Odácio Loiola Sampaio, Francisca das Chagas Silveira e Manoel Nicodemus Araújo, desde a sua instalação, vinha orientando os trabalhos de qualificações, que atingiram a alta cifra de 1,283 eleitores.

"Funcionaram 5 Seções, sendo 3 na sede do distrito, uma na

povoação de Prata e a outra em São Gonçalo, tendo votado 1.060 eleitores. O resultado foi o seguinte: 1.053 SIM, 1 NÃO e 6 votos em branco.

"O Deputado Manoel Gomes Sales ali permaneceu até o final dos trabalhos, emprestando a sua colaboração à causa daquele populoso e adiantado distrito, que deseja erigir-se em célula autônoma da federação.

"Todo o material e documentos empregados no Plebiscito, de acôrdo com o diploma legal que rege a matéria, foram remetidos à Assembléia Legislativa que, certamente, em sua atual reunião extraordinária, fará sua conveniente apreciação e pronunciamento".

CRIAÇÃO DO MUNICÍPIO DE BELA CRUZ

Poucos dias depois a matéria era apreciada e, em sua sessão de 29 de janeiro de 1957, a Assembléia aprovou, por unanimidade de seus membros presentes, o Plebiscito realizado, outorgando ao Poder Executivo a necessária autorização para a criação do município de Bela Cruz.

Em cumprimento à palavra tão patrioticamente empenhada, o então Governador Paulo Sarasate Ferreira Lopes, fêz questão de vir até à vila de Bela Cruz, especialmente para assinar ali, a Lei n. 3.538, de 23 de fevereiro de 1957, que erigiu em município aquele distrito.

E novamente damos a palavra ao jornal "O Acaraú", edição de 25 de março de 1957, que descreveu os festejos com que foi recebida a comitiva do Governador Sarasate, e a solenidade de assinatura do diploma legal que outorgou autonomia política ao distrito de B. Cruz.

"Bela Cruz, antigo distrito dêste município, viveu, no dia 23 de fevereiro último, a data mais importante de sua história política, com a assinatura, em sua própria sede, do diploma legal que lhe confere emancipação judiciária.

"O sr. Governador Paulo Sarasate, cumprindo a promessa administrativa feita quando de sua campanha de candidato, veio àquela novel cidade, apôr sua assinatura à referida Lei, fazendo-se acompanhar de brilhante comitiva constituída (dos srs. Deputados Vírgilio Távora, dr. Marcelo Sanbord. Diretor do Departamento de Estradas de Rodagem, Cel. Manoel Albano, e outros. Os ilustres visitantes foram recebidos no Campo de Pousio local por uma Comissão composta dos srs. Deputados Gomes Sales, drs. Olavo Ataíde e Geraldo Benoni Silveira, Cel. Manoel Duca da Silveira, Pe. Odécio Loiola Sampaio, Pe. Egberto Andrade, Manoel Damião da Silveira, Manoel Lousada Gonçalves, Subprefeito Mário Lousada,

Francisco Chagas Silveira, Ambrózio Araujo e outros vultos influentes da terra. Uma banda de música da Fôrça Policial do Estado e os Serviços do Autofalantes "A Voz de Bela Cruz" emprestaram sua cooperação aos festejos, e as ruas estavam lindamente ornamentadas, tendo sido erguido um palanque em frente do palacete do Subprefeito Mário Lousada, onde o sr. Governador ficou hospedado com sua comitiva.

"A sessão teve lugar no amplo palanque, falando, pela ordem do programa organizado, os srs. Vereador João Damasceno Vasconcelos, Deputado Gomes Sales, Damião Silveira, o Vigário Pe. Odécio Loiola Sampaio, Professora Neuma Vasconcelos e, finalmente, o Governador Paulo Sarasate. A palavra de S. Excia. foi recebida com intensa vibração, pela multidão que enchia literalmente a praça, e que foi estimada em cinco mil pessoas. Como um feliz prenúncio para o novo município, caiu uma boa chuva no instante em que falava o sr. Governador, que disse experimentar um grande prazer, cumprindo o que prometera àquele nobre povo que tão justamente desejava a sua autonomia. Em seguida o sr. Governador assinou a Lei do "Município, e no momento em que o fazia, numerosas girândolas de foguetes vieram juntar-se aos foguetões que desde a madrugada estrugiam no ar, manifestando a justa alegria daquela gente idealista e trabalhadora.

Às 12 horas realizou-se um lauto banquete oferecido ao sr. Governador e sua comitiva e convidados, sendo que S. Exia, regressou à Fortaleza às 13,30 horas. Encerrando os festejos comemorativos da notável efeméride, à noite daquele dia realizaram-se três festas dançantes, que decorreram num ambiente de perfeita alegria e cordialidade".

ELEIÇÃO DO PRIMEIRO PREFEITO E PRIMEIRA CÂMARA

Apesar de o município haver sido criado em fevereiro de 1957, somente no dia 3 de outubro de 1958 tiveram realização as eleições para os postos eletivos da nova unidade. Para os cargos de Prefeito e Vice-Prefeito compareceu às urnas sòmente uma chapa composta dos srs. Mário Domingues Lousada e José Anselmo Araújo. As eleições decorreram em perfeita ordem, tendo votado 2.157, dos 2.879 eleitores inscritos. Quanto a primeira Câmara de Bela Cruz, ficou assim constituída: Raimundo Magalhães Rocha, Presidente; Geraldo Fonteles de Carvalho, Secretário, e os Vereadores Benedito Lopes da Silveira, João Batista da Rocha, João Osmar de Freitas, Marino Pereira Brandão e Geraldo Silveira Rocha.

OUTRAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS

A 7 de outubro de 1962, novas eleições foram realizadas em Bela Cruz, para renovação dos poderes municipais, concorrendo, então, os seguintes cidadãos, ao cargo de Prefeito: José Ludgero da Silveira, Expedito Deroci de Vasconcelos, Dr. José Mozart de Araújo e Marino Pereira Brandão. Para Vice-Prefeito se apresentaram cidadãos: Vicente Lopes Araújo, Manoel Duca da Silveira Neto e João Venceslau Araújo. Foram eleitos os srs. Expedito Deroci de Vasconcelos, para Prefeito, com 756 votos, e João Venceslau Araújo, para Vice-Prefeito, com 930 votos. A Câmara então ficou composta dos seguintes Vereadores: Benedito Lopes da Silveira, Benedito Meneres de Carvalho Filho, Francisco Cirineu das Chagas, João Batista da Rocha, João Bernardino Pontes, Manoel Jácomo Teófilo e Moisés Areia Leão. Nessas eleições compareceram às urnas 2.130 eleitores.

Mais uma vez o eleitorado de Bela Cruz foi convocado para votar, nas eleições de 15 de novembro de 1966, Duas chapas, então, disputaram os postos de Prefeito e Vice-Prefeito: uma, com os srs José Ludgero da Silveira e João Venceslau Araújo, e a outra, com os srs. Benjamin Mendes de Sousa e José Osvaldo Carneiro. Compareceram às urnas 2.083 eleitores, sendo eleitos os srs. José Ludgero da Silveira, com 1.217 votos e João Venceslau Araújo, também com 1.217 sufrágios. A Câmara ficou constituída dos seguintes Vereadores: Benedito Lopes da Silveira, Francisco Cirineu das Chagas, João Bernardino Pontes, Manoel Jácomo Teófilo, Moacir Lopes de Carvalho, Benedito Edmar de Maria e João Batista da Rocha, seu atual Presidente

RELAÇÃO DOS DIRIGENTES DE BELA CRUZ

Passamos a relacionar, para a história de Bela Cruz, os nomes dos cidadãos que exerceram a administração daquela unidade cearense, desde a instalação da Subprefeitura até o presente:

SUBPREFEITOS: – Benedito Meneres de Carvalho, de 20 de fevereiro de 1937 a 30 de abril de 1945 – Osvaldo Damasceno Maranhão, de 2 de maio de 1945 a 31 de janeiro de 1946 – José Ludgero da Silveira, de 1 de fevereiro de 1946 a 13 de dezembro de 1946 – Ibério Murilo Zacas, de 13 de dezembro de 1946 a 16 de março de 1947 – Mário Domingos Lousada, de 17 de março de 1947 a 27 fevereiro de 1951 – Benjamin Mendes de Sousa, de 28 de fevereiro de -951 a 28 de fevereiro de 1952 – Agripino Bias da Silveira, do 1.º de março de 1952 a 26 de março de 1955 – Mário Domingues Lousada, de 26 de março de 1955 a 2 de setembro de 1957 –

Benedito Lopes da Silveira, de 3 de setembro de 1957 a 24 de março de 1959.

PREFEITOS MUNICIPAIS: – Mário Domingos Lousada, de 25 março de 1959 a 19 de dezembro de 1961 – José Anselmo Araujo, de 20 de dezembro de 1961 a 25 de março de 1963 – Expedito Derocí de Vasconcelos, de 25 de março de 1963 a 25 de março de 1967 – José Ludguero da Silveira, que teve posse do cargo a 25 de março de 1967 e ainda se acha no exercício das funções.

MOVIMENTO DEMOGRÁFICO

Não desejamos encerrar estes ligeiros apontamentos relativos à formação política de Bela Cruz, sem registrar o aumento gradativo de sua população, através dos informes colhidos nos Recenseamentos e estimativas realizadas, nas três últimas décadas, isto é, no período

Este registro, no entanto, é feito primeiro com relação ao 20º ano 1940 a 1966. Este registro, no entanto, é feito primeiro com relação ao distrito, e, depois,

com referência ao município. Isto porque sucede que a área coberta por este é exatamente igual à superfície daquele, que são 780 quilômetros quadrados.

ANO	Fonte de Informação	Pop. Urbana	Pop. Rural	TOTAL
1940	Recens. – IBGE	765	6.661	7.426
1950	Recens. – BGE	1.257	9.549	10.806
1964	Censo E. Estadual	3.179	9.830	13.009
1960	Recens. – IBGE	2.509	10.221	12.730
1966	Estimat. de 1.7.66, Ibge	3.500	10.601	14.101

MESA DA CÂMARA DE BELA CRUZ

Na conformidade do que estatui a Lei de Organização Municipal e a Constituição do Estado, realizou-se no dia 24 de março de 1967, a eleição da Mesa Diretora da Câmara Municipal de Bela Cruz, para o período legislativo que vai de 25 de março de 1967 a 24 de março de 1968, a qual ficou assim constituída: Presidente – João Batista da Rocha; Vice-Presidente – Moacir Lopes de Carvalho; 1.º Secretário – João Bermardino Pontes; 2.º Secretário – Benedito Lopes da Silveira.

"LEI N. 10, de 18 de fevereiro de 1937

Estabelece a Subprefeitura no distrito de Bela Cruz

A Câmara Municipal de Acaraú decretou e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei:

Art. 1.o – Fica estabelecida Subprefeitura no distrito de Bela Cruz, dêste município de Acaraú, de acôrdo com o que dispõe o art. 43, da Lei n. 32, de 30 de dezembro de 1935.

Art. 2.o – A presente Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço da Prefeitura Municipal de Acaraú, em 18 de fevereiro de 1937.

MANOEL DUCA DA SILVEIRA

Prefeito Municipal

Manoel Nicodemos de Araújo

Secretário da Prefeitura"

"LEI N. 3.538 DE 23 DE FEVEREIRO DE 1957

Cria o Município de Bela Cruz, com os limites que indica.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ

Faço saber que a Assembléia Legislativa decretou e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei:

Art. 1.o – Fica criado o Município de Bela Cruz com sede na vila deste nome, com os seguintes limites:

a) A leste, com o Município de Acaraú:

Começa no ponto onde a rodovia Itapipoca-Acaraú incide com a reta que parte da confluência do riacho dos Caibros à parte mais meridional da Lagôa de Santa Rosa, nos limites com os municípios de Marco e Acaraú; daí, desce pela mesma rodovia até encontrar o projetado ramal rodoviário que liga esta rodovia à Vila de Bela Cruz; daí segue pelo referido ramal rodoviário até o rio Acaraú, e por êste desce até o lugar Genipapeiro.

b) Ao norte, ainda com o município de Acaraú:

Começa no lugar Genipapeiro e segue pela estrada carroçável que vai de Acaraú à povoação de Prata (inclusive); daí prossegue rumo ao lugar Baixinha, fazendo de José Fanteles, inclusive, pelo travessão existente, separatório das terras de Minervino Vasconcelos com Luis Pereira Brandão; daí prossegue pela estrada carroçável referida, passando pelos lugares Calderão e Juazeiro, seguindo ainda pela mesma carroçável, até o lugar Aroeira, fazenda de Virgílio Romão, inclusive; daí, por uma reta, vai ao Córrego de Dentro até

encontrar a carroçável que recebe o seu nome, e por ela prossegue até os limites com o município de Camocim;

c) A oeste, com o município de Camocim:

Os limites são os existentes entre este município e o de Acaraú até as nascentes do Córrego de Dentro.

d) Ao sul, com o município de Marco:

Os limites são os existentes entre este município e o de Acaraú, até o ponto onde a rodovia Itapipoca-Acaraú, incide com a reta que vai da confluência do riacho dos Caibros à parte mais meridional da Lagoa de Santa Rosa.

Art. 2.o – Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio do Governo do Estado do Ceará, em Fortaleza, aos 23 de Fevereiro de 1957.

PAULO SARASATE
Odilon Aguiar Filho.

ATA DA INSTALAÇÃO DO MUNICÍPIO DE BELA CRUZ **(CÓPIA AUTÊNTICA)**

"Ata da sessão de inauguração da legislatura, de posse do Prefeito, compromisso do Vice-Prefeito e instalação do Município de Bela Cruz.

Às catorze horas do dia vinte e cinco (25) do mês de março do ano de mil novecentos e cinquenta e nove (1959), nesta cidade de Bela Cruz, sede do Município de igual denominação, no edifício destinado ao funcionamento da Câmara Municipal, presentes o Exmo. Sr. Mário Domingues Louzada, Prefeito desta Comuna, e o Sr. José Anselmo Araújo, Vice-Prefeito, eleitos no pleito de três (3) de outubro de mil novecentos e cinquenta e oito (1958), reuniu-se a Câmara com a presença dos Srs. Vereadores Raimundo Magalhães Rocha Geraldo Fonteles de Carvalho, João Batista da Rocha, e Benedito Lopes da Silveira, sob a presidência do Sr. Raimundo Magalhães Rocha, comigo Vereador Geraldo Fonteles Carvalho, Secretário da Mesa. Havendo número legal, o Sr. Presidente abriu os trabalhos desta sessão, cuja finalidade é de inaugurar a primeira legislatura da Câmara, dar posse ao Prefeito e tomar o compromisso do Vice-Prefeito eleitos a três (3) de outubro de mil novecentos e cinquenta e oito (1958) e, com as suas presenças, proceder a instalação deste Município criado pela Lei Estadual n. 3.538, de 23 de fevereiro de 1957, com território

desmembrado do Município de Acaraú, Presente a maioria absoluta dos Vereadores, foi lida e aprovada a ata da sessão preparatória, realizada às catorze (14) hors de ontem, nesta cidade. Logo depois o Sr. Prefeito declarou instalada a primeira legislatura da Câmara Municipal de Bela Cruz. A seguir, convidou o cidadão Mário Domingues Louzada, Prefeito eleito desta Comuna, e o cidadão José Anselmo Araújo, Vice-Prefeito, a proferirem o compromisso legal do cargo. De pé, perante a Câmara, cada um por sua vez prestou o seguinte compromisso: "Prometo com lealdade desempenhar as funções de Prefeito, defender as Instituições e cumprir as Leis". Diante do juramento prestado, a Mesa, pela palavra do seu Presidente, declarou empossado no cargo de Prefeito de Bela Cruz, o cidadão Mário Domingues Louzada. E então com sua presença e a do Vice-Prefeito compromissado, declarou instalado o nôvo Município de Bela Cruz, criado pela Lei Estadual n.o 3.538, de 23 de fevereiro de 1957, e constituído com território desmembrado do Município de Acaraú. Concedido, após estas cerimônias, pelo Sr. Presidente, o uso livre da palavra, usaram-na, pela ordem cronológica, os Srs. João Damasceno Vasconcelos que saudou as autoridades assim empossadas, em nome do povo de Bela Cruz, e Deusdetit Freitas, Agente dos Correios e Telégrafos nesta cidade, pronunciando um verdadeiro panegírico às autoridades eleitas e empossadas. Em seguida, o Revmo. Sr. Pe. Odécio Loiola Sampaio, DD. Vigário desta Paróquia, pronunciou empolgante discurso sôbre a significação desta solenidade, convidando as autoridades e o povo em geral, a cooperarem com a união de vistas e patriotismo esclarecido, para a grandeza e o progresso de Bela qual, para constar, lavrei esta ata que vai assinada pela Mesa, pelos Comuna, é extraída, agora, cópia autêntica desta ata, afim de ser encaminhada ao Conselho de Assistência Técnica aos Municípios e Secretaria do Interior e da Justiça, E, como nada mais houvesse, a tratar, o Sr. Presidente levantou os trabalhos da presente sessão, da qual, para constar, lavrei esta ata que vai assinada pel Mesa, pelos Vereadores presentes, pelo Prefeito empossado, Vice-Prefeito compromissado e Revmo. Vigário da Paróquia. (Ass) Raimundo Magalhães Rocha. Geraldo Fonteles de Carvalho. João Batista Rocha. Benedito Lopes da Silveira. Mário Domingues Louzada. José Anselmo Araújo. Pe. Odécio Loiola Sampaio".

LEI MUNICIPAL N. 14, de 23 de julho de 1959

Delimita os quadros urbano e suburbano da cidade de Bela Cruz, do município de Bela Cruz.

Faço saber que a Câmara Municipal decreta e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei:

Art. 1.o – Ficam delimitados os quadros urbano e suburbano da cidade de Bela Cruz, do município de igual nome:

a) Perímetro Urbano: Partindo do ponto onde a Rua Domingos Aguiar incide com o Travessão existente entre as terras do Patrimônio de N. S. da Conceição e os herdeiros de João Tiburcio da Rocha, até atingir a Rua Nicolau Peixoto, que serve de limite leste; seguindo por esta, até a margem norte da Lagoa do Correguinho, ao Sul, pela qual prossegue, rumo ao Poente, até a Rua Domingos Aguiar, por esta descendo ao ponto inicial, acima referido.

b) Perímetro Suburbano: Partindo do ponto terminal da linha divisória do oeste, servo de limite Norte a margem Sul da Lagoa de Santa Cruz, até encontrar-se com a Ipueira, a Leste; prosseguindo até o desaguadouro da Lagôa do Correguinho, ao Sul, a cuja margem meridional passa o caminho que serve do limite até encontrar-se com a Estrada do Campo de Pousos, ao Poente, por ela prosseguindo até atingir aquele logradouro público, na extremidade Leste, daí partindo, numa rota, na mesma direção Norte, até o ponto inicial, na margem da Lagoa de Santa Cruz.

Paço da Prefeitura Municipal de Bela Cruz, em 23 de julho de 1959.

Mário Domingues Lousada

Prefeito Municipal

João Damasceno Vasconcelos

Secretário Municipal

FILHOS ILUSTRES DE BELA CRUZ



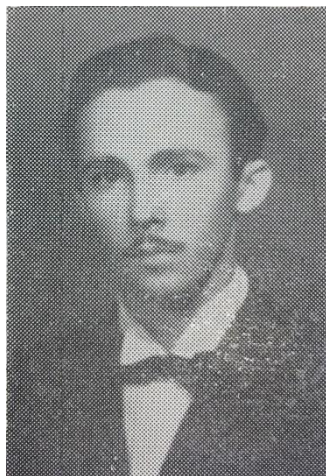
*DRA. TERÊSA DE JESUS
S E N A*



DR. JOSÉ HUMBERTO ARAÚJO



*JOÃO DAMASCENO
DE VASCONCELOS*



*DR. JOSÉ MOZART DE
A R A Ú J O*

QUINTO CAPÍTULO

ENSINO E EDUCAÇÃO

No intuito de prestar algumas informações aos nossos hipotéticos leitores, sôbre o movimento educacional no município de Bela Cruz, vamos recuar no tempo, começando o nosso registro em 1857, ano em que foi criado o seu primeiro estabelecimento de ensino público.

ENSINO ESTADUAL

A primeira escola instalada na povoação de Santa Cruz, o foi em Janeiro de 1860, criada pela Lei n. 801, de 5 de agosto de 1857, do então Presidente da Província do Ceará, dr. João Silveira de Sousa.

Ao que soubemos, o primeiro professor a ocupar aquela cadeira, chamava-se Aureliano Pessoa, e que alí ensinou até 1870. Em seguida veio Manoel Jorge Vieira e, finalmente, em junho de 1876, chegou àquela localidade o saudoso professor Nicásio Barbosa Cordeiro, o qual, pela sua exemplar dedicação à causa do ensino e pela sua profunda cultura, (falava corretamente três idiomas), se constituiu um dos maiores benfeitores daquela comunidade, que êle fez sua pelo coração e que lhe cultúa a memória com respeito e reconhecimento. Aquêlê ilustrado mestre, que alí exerceu sua meritória profissão durante mais de meio século, formando nas letras três gerações, em 1913 aposentou-se em suas funções. Passou, então, a ocupar a cadeira, a professora Maria Gonzaga Araújo. Esta cedeu lugar à professora Guiomar Costa Sousa, seguido-se-lhe, depois de seis meses, d. Suzana Gifoni da Silveira, nos meses de agosto a outubro de 1918. De então a dezembro de 1921, ocupou a cadeira, a professora Júlia Adélia Cordeiro, filha do Professor Nicácio, a qual, em janeiro de 1923, foi substituída por d. Francisco Alzira da Silveira. Esta cedeu lugar à professora Maria Florinda dos Santos, que alí exerceu o magistério até o dia 29 de agosto de 1949, quando se aposentou no cargo.

Simultaneamente foram abertas, naquele distrito, duas outras escolas estaduais: uma em Prata, regida pela professora Raimunda de Sousa Fernandes, de 1 de fevereiro de 1938, até quando foi substituída pela

professôra Maria do Socorro Vasconcelos, em 1953. Esta lecionou naquela povoação até o dia 30 de novembro de 1965, quando foi transferida para Sobral, e a cadeira não mais foi ocupada. Em 1940, instalou-se no arraial Bom Sucesso, outra escola estadual regida pela sra. Adelaide Marques de Sousa, que se aposentou em 1966, ficando a cadeira vaga.

Na então vila de Bela Cruz, a 13 de Setembro de 1942 instalaram-se as Escolas Reunidas, criadas, naquela data, por ato do Interventor Francisco de Meneses Pimentel. Esse estabelecimento de ensino passou a funcionar com as professoras Geralda Lopes Araújo. Maria de Lourdes Pinto e Maria Iracema Pinto (esta municipal), sob a direção da professora Maria Florinda dos Santos, até 1949, quando foi substituída por sua filha, d. Maris Neuma de Vasconcelos Carvalho. Esta, por sua vez, foi substituída no cargo pela professora Maria Filomena Silveira Lousada, em 1966. Atualmente as Escolas Reunidas de Bela Cruz contam em seu Corpo Docente, 11 professoras, sendo 10 diplomadas.

Desde a sua instalação, as Escolas Reunidas funcionaram em prédios particulares, até que a 1.º de julho de 1955, o Prefeito Geraldo Benoni Gomes Silveira, adquiriu um prédio à Rua Nicolau Peixoto, prédio que, em janeiro de 1956, foi convenientemente adaptado, pelo Subprefeito Mário Lousada. Ali funcionaram as Escolas Reunidas até 1964, quando foram mudadas para a Escola Rural, a qual, inaugurada a 20 de dezembro de 1948, foi sensivelmente melhorada, com a construção de mais duas salas de aula, em 1964.

Finalmente, as Escolas Reunidas, são o único estabelecimento estadual de ensino existente no município de Bela Cruz, o que absolutamente não justifica.

Aliás, em 1937 a 1942 e de 1960 a 1964, funcionaram naquela cidade alguns Cursos de Ensino Supletivo, mantidos pelo Estado.

ENSINO MUNICIPAL

A instrução municipal teve início com uma escola instalada em Várzea Feia e regida pelo professor José Jorge de Vasconcelos, de 1924 a 1935, e outra em Lagoa do Mato, regida pelo professor Raimundo Araújo Costa, de 1920 a 1930. Outras escolas foram sendo criadas, e, a 2 de fevereiro de 1938, instalou-se naquela vila uma escola municipal regida pela professora Geralda Lopes Araújo, a qual em 1943, passou ao magistério estadual, integrando o corpo docente das Escolas Reunidas, onde lecionou até 1965, quando aposentou-se no cargo.

Com o correr dos anos, outras escolas foram se abrindo, pelo poder

municipal, e, em 1959 e 1960, respectivamente, foram instaladas as Escolas Reunidas de Chapadinha, na sede, e as Escolas Reunidas São João Bosco, em Araticuns, pelo então Prefeito Mário Lousada, sendo que as de Araticuns funcionavam em prédio cedido pela Paróquia.

O Prefeito Expedito Derocí de Vasconcelos, no objetivo de que o ensino municipal mostrasse um padrão enquadrado dentro da pedagogia moderna, promoveu, de 7 a 29 de janeiro de 1964, um Curso de aperfeiçoamento entre tôdas as Professôras da Prefeitura. Mencionado Curso foi ministrado por 3 Supervisôras da Secretaria de Educação, e produziu magníficos resultados.

Em 1965, o mesmo Prefeito Derocí Vasconcelos, em convênio da Secretaria de Educação, construiu três Grupos Escolas, sendo um na sede Municipal, um na vila de Prata e o outro em Araticuns. Todos três estão funcionando e quase trinta escolas municipais espalham seus benefícios em diferentes pontos do território municipal. sendo das melhores a intenção do atual Prefeito José Ludgero da Silveira, no que diz respeito a instrução popular.

ENSINO PARTICULAR

No setor de ensino particular, podemos dizer que Bela Cruz andou a passos de gigante, do ano de 1942 a esta parte.

Ao nosso conhecimento o ensino particular, em Bela Cruz, teve início com um Curso de Português e Francês alí aberto, em 1914, pelo saudoso Professor Nicácio Barbosa Cordeiro, auxiliado pela sua digna filha d. Júlia Adélia Cordeiro. Anos depois, isto é, em 1918, o velho Manoel Carneiro mantêve naquela povoação um outro curso, onde estivemos durante dois meses.

Posteriormente, em 1937, outro Curso alí foi mantido, durante 3 anos, pelo Professor José Jorge de Vasconcelos, com sua filha, srta. Apolônia Rios de Miranda.

Entretanto, assumindo, em Bela Cruz, o seu ministério, o Pároco Pe. Odécio Loiola Sampaio, que é um grande entusiasta da instrução do povo, iniciou um trabalho realmente grandioso, na difusão do ensino. É assim que, logo em 1945, inaugurou o Centro Catequético Pio XII, para evangelização e instrução primária. Em seguida, a 17 de fevereiro de 1947, inaugurou o Instituto Imaculada Conceição, confiando-o à emérta educadora Cecy Regino Holanda. Aquêlê modelar estabelecimento de ensino, prosseguiu sua obra, servido por três professoras, e logo a 8 de dezembro de 1948, conferiu

o Certificado de Curso Primário à 1.a Turma, da qual foi Parainfante o Pe. Odécio, e Oradora a conluente Maria Berenice Vasconcelos.

A 1.o de fevereiro de 1947 foi aberta a Escola Vicentina, mantida pela Conferência de São Vicente de Paulo, e que funcionou até 1966, quando suas professoras, que então eram pagas pela Prefeitura, passaram a compôr o Corpo docente do Grupo Escolar Municipal na sede.

O tempo continuou em sua marcha que a gente não pode deter, enquanto aquele Vigário trabalhava por que Bela Cruz viesse a contar com um estabelecimento de ensino médio. Até que, a 14 de fevereiro de 1960, aconteceu a inauguração do Patronato Imaculada Conceição, dirigido pelas Filhas de São Vicente, com os Cursos Primário, Ginásial e Normal, e que encampou o Instituto Imaculada Conceição.

Abriram-se, desta maneira, novos e largos horizontes para a juventude belacruzense.

O Patronato é um prédio enorme, cuja construção foi disposta dentro dos princípios da moderna pedagogia. Abrange uma área de 8.455m², com uma área coberta de 2.143m². Por êstes dados pode-se avaliar a amplitude do prédio, que possui oito salas de aula, e a leste tem dois pavimentos. Todas as salas de aula estão mobiliadas com bom gosto e eficiência. Conta um grêmio lútero-esportivo, com biblioteca para os alunos e um Parque Infantil, doado pelo Governo Virgílio Távora, em 1965. Possui uma linda capela consagrada à Nossa Senhora das Graças e um vasto salão para representações teatrais e sessões cívicas, etc. Possui quadra de futebol de salão e Clube Agrícola.

Dezoito professoras passaram a integrar o Corpo Docente, ou Corpos Docentes, daquele conceituado estabelecimento de ensino, que, a 30 de novembro de 1963, entregou à Bela Cruz a primeira Turma de Humanistas, e a 11 de dezembro de 1966, conferiu o Diploma de Professora à primeira Turma de Normalistas, o que representa um benefício realmente inestimável.

No dia 1.o de janeiro de 1966, ainda foi fundado pela Paróquia, sob a direção da nobre e dinâmica Irmã Brasileiro, Superiôra da Casa, o Externato Santa Luiza de Marillac, o qual funciona, provisoriamente, no majestoso prédio destinado Ginásio Imaculada ao Conceição.

A 13 de março de 1967, a Associação Educacional e Esportiva Belacruzense fundou o Instituto Dom Valfrido, para o Curso Primário, que está funcionando normalmente, com duas professoras.

QUADRO ATUAL DO ENSINO NO MUNICÍPIO DE BELA CRUZ

<i>Entidade Mantenedora</i>	<i>Alunos matriculados</i>
<i>Ensino Estadual</i>	
– Escolas Reunidas de Bela Cruz	192
<i>Ensino Municipal</i>	
– Grupo Escolar Municipal Dep. Sarasate	290
– Grupo Escolar Municipal de Parta	90
– Grupo Escolar Municipal de Araticuns	100
– 24 Escolas Municipais no interior Município	840
<i>Ensino Particular</i>	
– Patronato Imaculada Conceição	225
– Externato Santa Luisa de Marilac	102
– Instituto Dom Valfrido	40
<i>Extra-primário Particular</i>	
– Patronato Imaculada Conceição	130
– Escola Normal Imaculada Conceição	26

RELAÇÃO DAS FILHAS DE BELA CRUZ, DIPLOMADAS,

- 1 – Ana Maria de Carvalho, diplomada pela Escola Normal de Bela Cruz, a 11-12-1966.
- 2 – Ana Rita Vasconcelos, diplomada pela Escola Normal de Bela Cruz, a 11-12-1966.
- 3 – Catarina de Jesus Lopes, diplomado pela Escola Normal de Acaraú, a 05-12-1954.
- 4 – Francisca das Chagas Vasconcelos, diplomada pela Escola Normal de Bela Cruz, a 11-12-1966.
- 5 – Geralda Lopes Araújo Adriano, diplomada pela Escola Normal de Acaraú, a 30-11-1952
- 6 – Maria Neuma de Vasconcelos Carvalho, diplomada pela Escola Normal de Acaraú, a 27-11-1949.
- 7 – Maria Perpétuo do Socorro Carvalho, diplomado pela Escola Normal de Acaraú, a 27-11-1949.
- 8 – Maria Neuda de Vasconcelos Silva, diplomada pela Escola Normal de Acaraú, a 28-11-1951.
- 9 – Maria Inez de Carvalho Araújo, diplomada pela Escola São Rafael de Fortaleza, a 14-12-1951.
- 10 – Maria Rocilda de Vasconcelos Ramos, diplomada pela Escola Normal de Ipú, a 30-11-1952.

- 11 – Maria de Lourdes Pinto, diplomada pelo Instituto de Educação Justiniano de Serpa, a 20-12-1952.
- 12 – Margarida Maria de Vasconcelos, diplomada pela Escola Normal de Acaraú, a 5-12-1954.
- 13 – Maria Adalgiza Pinto, diplomada pelo Instituto de Educação Justiniano de Serpa, de Fortaleza, a 14-12-1957.
- 14 – Maria Selma de Carvalho Muniz, diplomada pela Escola Normal Rural de Acaraú, a 15-12-1957.
- 15 – Maria Marlena Lopes, diplomada pelo Instituto Justiniano de Serpa, de Fortaleza, a 14-12-1962.
- 16 – Maria Filomena da Silveira Lousada, diplomada pela Escola Santa Izabel, de Fortaleza, a 8-12-1963.
- 17 – Maria Oneida Fonteles, diplomada pela Escola Normal Rural de Pacotí, a 5-12-1964.
- 18 – Maria Dalva Pinto, diplomada pelo Centro Educacional do Ceará a 17-12-1964.
- 19 – Maria de Lourdes Araújo, diplomada pela Escola Normal Imaculada Conceição, de Bela Cruz, a 11-12-1966.
- 20 – Maria Alice de Vasconcelos, diplomada pela Escola Normal Imaculada Conceição, de Bela Cruz, a 11-12-1966.
- 21 – Maria de Jesus Maranhão, diplomada pela Escola Normal de Bela Cruz, a 11-12-1966.
- 22 – Maria Nazaré da Silveira, diplomada pela Escola Normal de Bela Cruz, a 11-12-1966.
- 23 – Maria Stela Pinto, diplomada pela Escola Normal Imaculada Conceição, de Bela Cruz, a 11-12-1966.
- 24 – Margarida Vasconcelos, diplomada pela Escola Normal Imaculada Conceição de Bela Cruz, a 11-12-1966.
- 25 – Teresa de Jesus Sena, diplomada pela Escola Normal Justiniano de Serpa, de Fortaleza, a 21-12-1947.
- 26 – Teresinha de Jesus Araújo Rocha, diplomada pela Escola Normal de Juazeiro do Norte, a 15-12-1962.
- 27 – Terezinha Magalhães Rocha Vasconcelos, diplomada pela Escola Normal Imaculada Conceição, de Bela Cruz, a 11-12-1966.

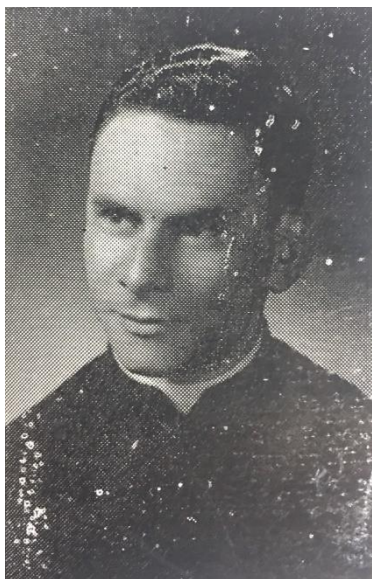
FILHOS ILUSTRES DE BELA CRUZ



*PE. BENEDITO VALTER
ARAÚJO*



*DR. JOÃO AMBRÓSIO DE
ARAÚJO FILHO*



Pe. João Delmonte de Carvalho



*DR. EXPEDITO ALBANO DA
SILVEIRA*

SEXTO CAPITULO

SITUAÇÃO ECONÔMICA

AGRICULTURA

Malgrado as intempéries climatológicas que, vez por outra, estão flagelando o Ceará e o Nordeste; malgrado a quase nenhuma assistência dos poderes públicos; malgrado os processos rotineiros com que, infelizmente, ainda vem sendo praticada, a agricultura constitui a principal base econômica do município de Bela Cruz, como o tem sido desde os seus primórdios.

Causa pena a derribada do mato, para abertura de novos roçados, ocasionando a devastação sistemática de nossas já precárias reservas florestas. Todavia, graças ao preço que a castanha de cajú vem obtendo, os nossos agricultores vêm promovendo o reflorestamento dos terrenos agricultados, com o plantio de cajueiros, cujo número de pés, no município de Bela Cruz já se estima em mil indivíduos.

No que concerne às providências de caráter governamental ou particular, tomadas no sentido de amparar e fomentar, o trabalho do homem do campo, em Bela Cruz podemos mencionar diversas, porém, tôdas elas fracassaram, por carência de incentivo e de assistência oficial.

É assim que a 8 de julho de 1956, foi fundada, naquela cidade, a Sociedade Ruralista de Bela Cruz, da qual foi aclamado Presidente o sr. Anselmo Celso de Vasconcelos. Essa sociedade, no entanto, deixou de funcionar com menos de três anos de existência. Seguiu-se-lhe a Associação Rural de Bela Cruz, de que é Presidente o Sr. Francisco Chagas Silveira, instalada a 19 de março de 1957. Essa, nos dois primeiros anos, graças a pequenas verbas que recebeu do govêrno, fêz aquisição de alguns extintores de formiga e inseticidas, prestando alguns benefícios aos lavradores. Todavia, a ajuda oficial logo faltou e, em consequência, ela vai tendo a mesma sorte de sua co-irmã.

A 20 de março de 1960, a Secretaria de Agricultura do Estado abriu ali um Pôsto de Revenda de implementos agrícolas, sementes de plantas, inseticidas, etc. Mas, distribuídas as primeiras remessas, a Secretaria suspendeu o fornecimento, e o Pôsto foi fechado. Já no dia 15 de fevereiro de 1966, nôvo Pôsto de Revenda foi aberto em Bela Cruz, Este, como o outro foi, confiado ao sr. Benedito Lopes da Silveira. Acontece que o governo, até agora, não lhe forneceu uma enxada sequer. Apenas a Residência Agropecuária de Acaraú, por intermédio de seu Chefe, dr. José Adaudo Filgueiras Bastos, vem fornecendo alguns sacos de milho e feijão, para revenda aos lavradores.

Entretanto, em 1965, quando o Instituto de Reforma Agrária (IBRA) promoveu o cadastramento das propriedades rurais, naquele município foram cadastradas 647 propriedades.

E a produção agrícola do município, no ano de 1966, pelos seus principais produtos, foi assim estimada:

Algodão	370.000 kls.
Castanha de cajú	1.000.000 kls.
Farinha de mandioca	3.500.000 kls.
Feijão de corda	800.000 kls.
Goma de mandioca	700.000 kls.
Milho	800.000 kls.

PECUARIA

Depois da agricultura, é a pecuária que se apresenta como fator de real preponderância na balança econômica do município de Bela Cruz, o que vem sucedendo há mais de dois séculos. Aliás, em Bela Cruz a lavoura e o pastoreio são exercidos quase sempre conjuntamente, mesmo porque uma é complemento do outro, pois os produtos da lavra é que alimentam os rebanhos. Citamos alguns dos principais pecuaristas e agricultores em Bela Cruz. Em 1732: Nicolau da Costa Peixoto, Bernardo da Silveira e Inácio de Almeida. Em 1780: João da Silveira Dutra, Vicente Lopes Araújo Costa e Diogo de Freitas. Em 1850: Albano José da Silveira, Manoel Faustino de Maria, Miguel Ferreira Fonteles, João Ferreira da Rocha, Patrício José Ribeiro, José Romão de Carvalho e Florêncio José de Moraes. Em 1900: João Batista Fonteles, José Lopes da Silveira, José Fonteles da Silveira, Antônio Faustino de Maria, Manoel Pereira da Silveira, José Florêncio de Vasconcelos e Miguel Abílio da Costa.

E, nêste século, são bem numerosos os que exercem a lavoura e a criação simultâneamente, faltando, porém, o amparo do govêrno, para o seu incremento. Todavia, apesar dos flagelos climatéricos que atingem de preferência os rebanhos, conquanto não tenhamos um recenseamento

positivo sôbre a pecuária de Bela Cruz, está ela computada pelas cifras abaixo:

Bovinos	7.000	cabeças
Equinos	1.200	“
Asininos	1.000	“
Muares	400	“
Suínos	4.000	“
Lanígeros	1.600	“
Caprinos	2.000	“

COMÈRCIO

Por motivos que ninguém deve estranhar, ignoramos o início do movimento comercial em Bela Cruz.

Ao que fomos informados, no entanto, aí pelo último quartel do século XVIII, o sr. João Lopes de Araújo abriu uma pequena loja de tecidos e miudezas, na hoje Rua Cap. Miguel Lopes. Antes dêsse tempo, a compra de tecidos era feita no comércio de Acaraú ou aos mascates que de raro em raro por ali apareciam.

Pouco depois, o sr. João Batista da Silveira instalou outra loja, na rua que tem o seu nome, local onde está em construção a sede da Associação Alvorada Clube. Alguns anos após, a "Formosa Santacruzense", de Miguel Lopes de Araújo, no prédio onde reside o sr. Raimundo Magalhães Rocha, e a casa comercial de Francisco Romão de Carvalho, no prédio que o Pe. Odécio Loiola comprou para sede do Centro Catequético. E assim por diante.

Nêsse tempo as transações comerciais de Bela Cruz eram realizadas unicamente com a praça de Acaraú, de onde as mercadorias eram transportadas em carros de boi, no verão, e em canoas, no inverno.

Com o andar do tempo veio o desenvolvimento da terra e das coisas. A população foi aumentando e novos estabelecimentos comerciais foram sendo abertos. Os carros de bois foram substituídos pelos comboios de burros e jumentos, os quais, mais tarde, cederiam lugar aos caminhões, ao mesmo tempo em que as relações e os negócios do comércio de Bela Cruz iam se estendendo às praças de Sobral, Fortaleza, Recife, e outras.

Atualmente o comércio daquela cidade é um dos mais prósperos e conceituados desta região do baixo Acaraú.

INDÚSTRIAS

Em quase todos os municípios cearenses o labor industrial teve começo com o "Aviamento", para a fabricação de farinha de mandioca, Vindo, em seguida, a extração da cêra de carnaúba, a qual começou a ser fabricada para o comércio exportador, aí pelo ano de 1900.

Pois bem: Bela Cruz não podia se esquivar à regra geral, iniciando sua vida industrial com a farinha de mandioca, aí pelo meado do século XVIII.

Entretanto, em 1900, ao tempo em que se iniciou ali a extração de cêra de carnaúba, foi instalada, naquela localidade, isto é, no lugar "Córrego de Pereira", um engenho de madeira, destinado à moagem de cana, para o fabrico de rapaduras, de propriedade do sr. Manoel Pereira da Silveira. Dois anos depois, o engenho de madeira foi substituído por um outro de ferro. O plantio da cana aumentou, e, em 1908, o sr. Francisco Romão de Carvalho montou outro engenho, para fabricação de rapaduras e aguardente, no "Correguinho", hoje subúrbio da cidade de Bela Cruz. Êsses engenhos eram acionados por bolandeiras de madeira, puxadas a bois, e funcionaram até 1918, quando a escassez da cana determinou a extinção daquela pequena indústria.

Em 1910, o sr. João Batista da Silveira instalou a chamada "Bolandeira", também puxada a bois, para descaroçar algodão, com prensa de madeira e fuso de ferro, para enfardamento d lã. A "Bolndeira" iniciou seu funcionamento no local onde se acha a casa residencial do sr. Lopes Araújo, na hoje Rua Major João Albano. Ali trabalhou dois anos, sendo transferida para o "Vaquejador", onde trabalhou outros dois anos, cessando, então, aquela indústria, em Bela Cruz, como haviam cessado as de rapadura e aguardente.

O tempo passou, e a indústria de Bela Cruz, afora a farinha e a cêra cingia-se a pequenas olarias, padarias, etc. Todavia, a 10 do fevereiro de 1965, o sr. José Potiguara da Silveira, instalou um Moageira para café, à Rua da Aurora, s/n, a qual continua fornecendo ótimo produto.

E a 1.º de setembro do mesmo ano de 1965, uma sociedade constituída dos srs. Manoel Jovino de Vasconcelos, Manoel Jácome Teófilo, Manoel Jaime Neves Osterno e a firma Quirino Rodrigues, de Sobral, sob a razão social de Indústria e Agricultura Castanha Óleo, Ltda. (IACOL), fundou uma fábrica para extração de amêndoa da castanha de cajú. Mencionado estabelecimento industrial, que se acha localizado à Rua Padre Odécio, s/n, já possui uma área coberta de 2.250m², contando duas possantes caldeiras, e está eficientemente aparelhado para uma vultosa produção, pois conta 100 máquinas de cortar

castanha e 300 operários diversos. Sua inauguração oficial realizou-se no dia 28 de novembro de 1966, com a bênção da maquinária, pelo Exmo. Sr. Bispo D. Valfrido Teixeira Vieira, e a presença de Deputados, Prefeitos Sacerdotes e altas figuras da sociedade belacruzense.

E acresce que a firma tem um vasto programa organizado, no sentido de ampliar a ação da fábrica, aproveitando os subprodutos, como extração do óleo da castanha e fabricação de sabão.

Como se vê, a IACOL abriu uma nova era no setor industrial de Bela Cruz, prometendo muito para o seu futuro econômico pois pretende montar uma outra fábrica, para o aproveitamento do caju, na industrialização.

A 18 de junho de 1967, o sr. Manoel Teixeira Albuquerque abriu, ali, uma estamparia de tecidos, que vai tendo boa aceitação em Bela Cruz e cidades vizinhas. Seu equipamento veio da capital de São Paulo.

ARTESANATO

Com referência ao artesanato, Bela Cruz não se acha aquém de suas co-irmãs, já pela variedade de artigos; já pelo vulto de sua produção.

Com efeito, naquele município se confeccionam rêdes de dormir, em fio e tucum; cordas de tucum e chapéus de palha; tarrafas de fio de algodão, rêdes de espera em nylon; rendas e labirintos, bordados à mão à máquina, móveis, tamancos, e outros.

Entretanto, os produtos artesanais que realmente representam algo de peso na balança econômica do município, vêm a ser louça de barra e os sacos de palha de carnaúba. A fabricação da louça, ao que fomos informados, teve início, naquela comuna, há coisa de um século. A confecção de sacos de palha, porém, é muito recente e, há uns vinte anos, apenas, começou a dar ocupação a centenas de famílias da cidade e da ribeira.

E o que é fato é que existem, na sede municipal 40 fornos para louça, com a produção de 140.000 vasilhas diversas que, ao preço unitário de 170 somas 23.800.000 cruzeiros velhos, ao passo que a produção de sacos de palha atinge a cifra de 230.000 unidades anualmente, que, ao preço unitário de 100, somam 23 milhões de cruzeiros velhos.

TRANSPORTE

Taqualmente aconteceu em numerosos pontos do Ceará, o primeiro meio de transporte com que contou Bela Cruz, para carga, foi o moroso carro de bois.

Aliás, o saudoso Dom José Tupinambá da Frota, em sua "História de Sobral", escreve, à página 31: "Era incessante o trânsito entre a vila de Sobral e o pôrto de Acaraú, e o meio de transporte era, geralmente, o carro de bois. Não menos de 900 carros trafegavam continuamente nos meses de verão".

Pois bem: Bela Cruz desde que teve o seu comércio mais intenso, também utilizou carros de bois, sendo o sr. João Albano da Silveira, o primeiro a possuir um desses tradicionais veículos. Isto aí por 1910. Era puxado por 4 juntas de bois e fazia a linha para Acaraú, semanalmente. Trazia preso aos frueiros enorme chifre contendo sêbo com carvão pisado. Aquela pasta era posta no eixo do carro e tinha duas vantagens: evitava o desgaste da madeira pelo atrito das peças e fazia o carro *cantar*, o que constituía o gôsto do careiro, que era o velho Manoel Secundo.

Passada a época dos carros, vieram os comboios de burros e, finalmente, o caminhão tomou conta das estradas.

No que se refere a estradas, a única que servia aquela povoação era a chamada Estrada Grande, que vinha de Sobral para Acaraú e passava pelo "Várzea Comprida", a 3 quilômetros a leste. Aconteceu, todavia, que, em 1920, o então Prefeito de Acaraú, sr. Manoel Albano da Silveira, achou conveniente que aquela estrada passasse pela povoação de Santa Cruz, para melhor servir à população. Com essa providência, porém, não concordaram muitos comerciantes da vizinha povoação de Marco, alegando que o percurso ficava mais longo. Então quase que sucedia um sério conflito entre as duas povoações. É que a estrada foi obstruída em diversos pontos, e algumas vêzes desobstruída pelos interessados, passando então a ser guardada por homens armados.

Felizmente, quando a chamada "Questão da Estrada" estava em ponto alto, reuniram-se em Bela Cruz autoridades de Acaraú e Santana, Marco e Bela Cruz, e o caso foi solucionado pacificamente, sendo então interdita a velha carroçável.

Nêsse ano o Prepôsto do Prefeito de Acaraú, sr. Manoel Damião Silveira, mandou abrir uma estrada, em linha reta, da povoação de Santa Cruz ao "João de Lima", à margem do rio, facilitando o trânsito já bem movimentado.

As carroçáveis que atualmente servem à Bela Cruz, são as seguintes: Bela Cruz a Acaraú – Bela Cruz a Marco – Bela Cruz a Prata – Bela Cruz a Cruz – Bela Cruz a Lagoa do Carneiro, e dois ramais de Malassombrado e de Lagoa do Mato para a rodovia de Cruz.

A estrada para Lagoa do Carneiro, construída pelo Vigário de Paróquia, em cooperação com a Prefeitura de Acaraú, foi inaugurada a 24 de setembro de 1950.

Ô ramal partindo da rodagem Acaraú - Itapipoca para o rio, em rumo de Bela Cruz, foi iniciado pelo DAER, em 1956, continuando, com intermitências em 1957. Nos anos de 1960|61 construíram 3 pontilhões no mesmo ramal, dois dos quais já ruíram, com a fôrça das águas. E a obra ficou paralizada.

Em 1958, o então Governador Paulo Sarasate mandou construir uma estrada de emergência, ligando a vila de Bela Cruz ao rio Acaraú. Naquela obra trabalharam 3.000 homens, durante 4 meses, sob a direção do engenheiro dr. Ilto Correia Lima. E, embora tenha surtido muito pouco resultado da providência, têve ela a vantagem de amenizar a fome de numerosas famílias pobres de Bela Cruz, e adjacências. E sucede que a 15 de junho de 1962, foram iniciadas as obras darte na estrada Marco – Bela Cruz, no território belacruzense, inclusive o ramal começado em 1958. Diversos boeiros e pontilhões foram construídos, inclusive uma ponte sôbre o Riacho Bôca do Córrego, ficando, porém, nêsse ponto.

A 16 de setembro de 1959, a Empresa Redenção, de Fortaleza, inaugurou a primeira linha de ônibus Fortaleza – Bela Cruz, com 3 viagens semanais. Posteriormente a mesma linha de ônibus foi estendida às Vilas de Cruz e Aranaú e ao povoado de Gijoca, no município de Acaraú.

A carroçável ligando Bela Cruz à Vila de Prata foi inaugurada a 30 de setembro de 1960, pelo Prefeito Mário Lousada, o qual também adaptou a chamada Estrada do Govêrno ao tráfeço de veículos, possibilitando trânsito para Cruz, no inverno.

No dia 10 de julho de 1964, O Departamento Nacional de Obras Contra as Sêcas e a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, deram comêço aos trabalhos de construção de uma rodovia, ligando as cidades de Bela Cruz e Marco, por um nôvo traçado, que atinge a linha da mta até Araticuns. Referida obra, em que foi aproveitada a ponte do "Bôca do Córrego", têve sua inauguração a 14 de janeiro de 1967, sendo presentes o Ministro do Interior, o Superintendente da SUDENE e outros.

Atualmente a cidade de Bela Cruz conta 8 Jipes, 2 Camionetas e 12 Caminhões.

CAMPOS DE POUSO – Em 1949, o então Prefeito Manoel Duca da Silveira mandou construir um Campo de Pousos, em Bela Cruz, medindo 700 x 70 mts., inaugurado a 10 de setembro do mesmo ano, pelo Subprefeito Mário Lousada. E em 1966, o então Prefeito Derocí Vasconcelos adquiriu um terreno de 1.210 mts. de comprimento por 150 de largura e, aproveitando os operários do DNOCS, efetuou serviço apreciável, de modo que é possível,

no próximo ano, a inauguração de um campo vasto e bem localizado.

Para finalizar, um registro curioso: o primeiro carro a motor que visitou Bela Cruz, o fêz a 10 de setembro de 1922. Era um automóvel Ford, em que viajavam os srs, Manoel Albano e Lesko Araújo, um filho de Bela Cruz e outro filho de Acaraú.

SÉTIMO CAPÍTULO

ASPECTO SOCIO-CULTURAL

VIDA CULTURAL

Apesar de Bela Cruz ser uma comuna constituída de um povo inteligente e amigo das letras, paradoxalmente pouco temos a registrar no tocante ao seu desenvolvimento cultural.

Todavia, sabemos que a atividade intelectual e pedagógica do saudoso Professor Nicácio Barbosa Cordeiro, deu início ao gôsto pelas coisas do espírito, naquela parcela cearense, sendo êle considerado o pioneiro da cultura belacruzense. Eram representações teatrais, eram serões de arte, em casas de família, com números de canto e declamação, e a sociedade de Bela Cruz ia adquirindo foros de amor à cultura.

Passou o tempo, passaram os anos, pensou-se e falou-se ali na fundação de um jornalzinho. E, no dia 15 de maio de 1933, circulava o mensário ALVORADA, impresso em Acaraú e dirigido por J. Venceslau Araújo, Pedro A. Silveira, que em agosto foi substituído por Manoel Fonteles, e Nicodemos Araújo. Essa fôlha circulou pontualmente durante 18 meses, isto é, de 15 de maio de 1933 a 15 de novembro de 1934. Em sua sede, que funcionou 6 meses em uma casa vizinha à Casa Paroquial e um ano em casa pertencente ao sr. Miguel Arcanjo de Vasconcelos, na hoje Rua Cap. Miguel Lopes, n. 626, foi instalado um modesto salão de leitura, o qual era bem frequentado, pela juventude belacruzense.

A 26 de agosto de 1950, o sr. Mário Lousada inaugurou os Serviços de Autofalantes "A Voz de Bela Cruz", que ainda funcionam contando atualmente 1.200 discos e constituindo, pelos seus programas, um eficiente veículo de cultura.

A extinção do jornal "Alvorada" não extinguiu o amor à imprensa entre o povo de Bela Cruz. E tanto isto é verdade que, a 10 de agosto de 1956, circulou ali o jornal "Correio de Bela Cruz," também impresso em

Acaraú, e sob a direção do poeta João Damasceno Vasconcelos, integrando seu corpo diretor: dr. José Mozart Araújo, José Maria Lousada, Benedito Lopes e d. Neuma Vasconcelos Carvalho. Infelizmente, em virtude de dificuldades facilmente compreensíveis, tivemos apenas o 1.º número daquela bem feita publicação.

Outro fato ligado ao movimento cultural de Bela Cruz, foi a inauguração, a 1.º de janeiro de 1957, do Monumento de Fátima, localizado à Rua Humaitá. Mandou construí-lo o Pe. Odécio Loiola, com a cooperação do poder municipal, como lembrança da visita, àquela cidade, da Virgem Peregrina de Fátima, a 5 de novembro de 1953. O monumento constitui-se de artístico arco de cimento, de 10 metros de altura, sustentado por 4 colunas de alvenaria e cimento, abrindo 4 enormes portadas. Sobre o arco ergue-se uma escultura de Virgem de Fátima, medindo 3,40 metros de altura. A primorosa imagem foi esculpida pelo sr. João Venceslau Araújo, auxiliado pelo sr. Djalma Lopes de Carvalho, ambos filhos de Bela Cruz.

A 16 de março de 1957, deu-se a instalação da "Amplificadora Paroquial" adquirida pelo Pároco, a qual possui uma excelente discoteca com 260 discos.

Com a abertura dos cursos de ensino médio no Patronato Imaculada Conceição, foi fundado, a 27 de setembro de 1960, o "Grêmio Littero musical esportivo Imã Brasileiro", que vem fomentando entre os alunos o gosto pelas letras, contando uma biblioteca com 600 volumes, entre livros de formação e romances selecionados.

Relativamente ao cinema, também já se tentou qualquer coisa, porém, sem resultado prático, não sabemos porque. Efetivamente, em 1965, os jovens José Tarcísio Araújo e João Batista Costa instalaram um cinema, à Rua 11 de Janeiro, 39, porém, sua duração foi apenas de oito meses.

VIDA SOCIAL

Passamos, agora, a registrar alguns fatos da vida sócio-diversional daquela urbe. E damos início com os bailes familiares que vieram do século XVIII, e vamos ao salão de "Alvorada", onde se realizaram saraus e concursos de beleza, com grande aceitação do escolar social belacruzense.

Depois, durante o período de 15 de agosto de 1956 a 22 de fevereiro de 1960, funcionou, na Rua Humaitá, nº 455, o Clube Recreativo Belacruzense, fundado pelo sr. Afonso Celso Araújo e um pugilo de jovens. Aquela entidade diversional promoveu diversas reuniões e festas dansantes, concursos, etc.

A 23 de junho de 1960, o jovem José Maria Lousada, inaugurou, á Praça Mário Lousada, uma Quadra, construída de alvenaria e cimento, destinada ás festas carnavalescas e juninas, e que tem sido bastante frequentada.

Últimamente, porém, a sociedade belacruzense tomou mais gosto pela vida social da terra. É assim que, a 22 de agosto de 1965, foi fundada a Associação Alvorada Clube, tendo como Presidente o sr. José Mário Lousada. Esta agremiação adquiriu, por doação do Predo Prefeito Expedito Deroci Vasconcelos, um ótimo terreno localizado á Rua Major João Albano, para construção de sua sede, cujos trabalhos já estão iniciados, com vivo entusiasmo por parte dos associados.

.E, a 23 de junho de 1967, foi inaugurada, no bairro de Brasília, uma Quadra bem construída, destinada a festas populares. A obra foi dirigida pelos srs. João Osmar Araújo e José Piragibe Rocha.

VIDA ESPORTIVA

O interesse pela vida esportiva, em Bela Cruz, teve origem com o futebol, que é mesmo o esporte das multidões, em nosso Brasil. Assim é que, em 1940, foi adaptado para um *campo*, o terreno onde hoje se localiza a Praça 23 de Fevereiro, sendo o *GÓO* do lado sul erguido exatamente onde se acha a casa comercial do jovem desportista João Bonfim Vasconcelos. Ali houve partidas bem concretizadas, até mesmo com equipes de Acaraú.

Em 1948 outro *campo* foi aberto na Rua Humaitá, onde houve jogos até 1953. Deu-se, então, um hiato de 3 anos, para, em 1957, ser aberto um outro *campo*, no bairro Chapadinha, onde se realizam frequentes pejejas esportivas, havendo intercâmbio com equipes dos municípios vizinhos, inclusives Itapipoca e Massapê, etc.

No dia 7 de setembro de 1965, um grupo de jovense inaugurou, no Patronato, uma Quadra para Futebol de Salão, tendo-se efetuado amimadas partidas.

A 24 de abril de 1966,, foi rsetaurada a Associação Educacional e Esportiva Belacruzense, que em 1964 havia sido fundada pelo sr. Afonso Celso Araújo. Assumiu a Presidência o Vereador João Bernardino Pontes, e em cuja Diretoria figuram desportistas da fibra de José Maria Lousada e outros. Esta agremiação, que está muito bem organizada e sediada á Rua 7 de Setembro n. 128, em 1966, adquiriu, por doação da Paróquia, um terreno

medindo 180m de comprimento por 120 de largura, e onde será construído o futuro Estádio de Bela Cruz. Fêz mais: a 13 de março de 1967, fundou uma escola para os filhos dos sócios, a qual foi instalada em prédio contíguo á sede do grêmio, sob a direção da Professora Maria Glacimar de Carvalho.

Desta maneira, mais largos horizontes estão se abrindo para a vida esportivas da vizinha cidade de Bela Cruz.

OITAVO CAPÍTULO

ASPECTO ASSISTENCIAL

ASSISTÊNCIA SOCIAL

Damos comêço ao presente capítulo de nossa modesta obra, pelos serviços de assistência social, porque a primeira entidade assistencial fundada em Bela Cruz, foi a Conferência Vicentina, a 8 de dezembro de 1932. A solenidade foi presedida pelo saudoso Monsenhor Sabino de Lima, então Vigário de Acaraú. A primeira Diretoria da Conferência ficou assim constituída: Gabriel Florêncio de Vasconcelos, Emílio Fonteles da Silveira, Mário Domingues Lousada, Francisco Chagas Silveira, Vicente Lopes da Silveira e Manoel Nicodemos Araújo.

Essa agremiação religiosa continuou sua marcha lenta, mas segura, através dos anos. Afora o serviço assistencial e beneficente de seu programa, ela construiu, sob a direção de João Venceslau Araújo, uma capela consagrada ao seu Patrono. É uma igreja bem localizada, na Rua Humaitá e que alí permanece, muito branca e muito linda, olhando para o Patronato Imaculad Conceição. E, na continuidade de sua obra altamente meritória, a Conferência prossegue, hoje sob a Presidência do sr. Francisco de Sales Pinto, com João Venceslau Araújo, Vicente Lopes da Silveira, Manoel Messias da Silveira e outros vicentinos igualmente dedicados.

A 19 de abril de 1959, foi fundado um Lactário sob a direção do sr. Afonso Celso Araújo, para distribuição de leite do FISI, o qual funcionou normalmente, no prédio n. 455, da Rua Humaitá, até o ano de 1962, quando passou á direção do sr. João Geves Araújo, mais alguns anos depois, deixou de dar assistência, porque faltou o leite. Seguiu-se o Pôsto de Puericultura de Bela Cruz, fundado pelo Subprefeito Mário Lousada, a 1.º de setembro de 1959, sob os auspícios da Legião Brasileira de Assistência, inscrevendo,

de início, 20 gestantes e 120 crianças. Todavia, por falta de assistência da LAB, poucos anos após deixou de funcionar.

Com a chegada ali das Irmãs de Caridade, o serviço assistencial tomou nova feição, com mais amplos benefícios para a classe pobre do município. É assim que logo em setembro de 1960, era fundada a Associação Santa Luiza de Marillac, integrada de alunas do Patronato, para dar assistência a dezenas de velhinhas pobres. Esta benfazeja agremiação ainda continua sua obra. Aliás, a obra assistencial em Bela Cruz ampliou-se consideravelmente desde que a Cáritas Brasileira, fundada em 1956, pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, ali deu início à sua missão beneficente, em seu gigantêscio labor, distribuindo, por intermédio da Paróquia, os gêneros alimentícios ofertados pela América do Norte. O Pe. Odécio Loiola houve por bem confiar às Irmãs do Patronato a distribuição dos mesmos gêneros. Eis porque ali estão inscritos centenas de famílias pobres, as quais recebem, regularmente, o seu quinhão. É um trabalho de autêntica caridade que reflete o verdadeiro sentido cristão, e que constitui o apanágio daquelas legionárias do Bem, que tanto e tanto hão trabalhado em benefício de Bela Cruz e de sua gente.

No dia 11 de março de 1963, também sob a supervisão das Filhas da Caridade, foi fundado naquela cidade o Clube das Mães, associação assistencial que já vai desempenhando um papel relevante, na execução de seu programa de ação social.

ASSISTÊNCIA DENTÁRIA

Relativamente à assistência dentária, sabemos que, em agosto de 1937, o odontólogo Moacir Braga montou um consultório dentário na então vila de Bela Cruz, porém demorou ali apenas um ano. Em seguida outro consultório foi ali instalado, pelo dr. Ciriaco Barbosa Damasceno, o qual exerceu a profissão durante alguns anos, integrando-se na família belecruzense, em virtude de haver contraído matrimônio com uma distintíssima filha de Bela Cruz. Seguiram-se os srs. Geraldo Majela Oliveira e Francisco Andrade, igualmente com pequena duração, como o dentista José Saldanha que ali trabalhou alguns meses, em 1964.

Veio depois o sr. José Gerardo dos Santos, o qual também consorciou-se com uma jovem belecruzense, retirando-se, alguns anos depois, para Santana de Acaraú.

Finalmenet, no ano de 1963, o jovem João Bernardino Pontes, filho de Bela Cruz, instalou um consultório dentário á Rua Humaitá, n. 315, onde ainda se encontra, com numerosa clientela.



*CURIOSIDADE VEGETAL
CARNAUBEIRA DE 20 GALHOS, EXISTENTE
EM LAGOA DO MATO*

ASSISTÊNCIA MÉDICO-SANITÁRIA

No que alude á saúde pública, é de estranhar que a cidade de Bela Cruz, com uma população de 3.500 habitantes somente em sua zona urbana, conte apenas com um Subpôsto de Saúde, e que ali foi inaugurado a 20 de março de 1960, graças aos apêlos do Prefeito Mário Lousada e á boa vontade do dr. Nelson de Andrade Sales, então Diretor do Departamento de Saúde Pública do Estado, e que fez questão de se fazer presente á solenidade inaugural daquela subunidade sanitária.

Mencionado Subpôsto de Saúde, funciona em virtude de um convênio firmado entre a Secretaria de Saúde e a Prefeitura Municipal de Bela Cruz. Consoante estabele o mesmo Covênio, aquela Secretaria fornece os medicamentos necessários, e a Prefeitura contribui com o pagamento do médico, funcionários, aluguel de prédio, transporte, etc.

Presentemente o dr. Manoel Airtton Neves dá assistência áquela subunidade, duas vêzes por semana, porém o faz com dedicação e eficiência, auxiliado pelas snrtas. Ana Rios Araújo e Ana Glória da Silveira, achando-se o Subpôsto instalado á Rua Humaitá, n. 330.

Foi o seguinte o movimento registrado naquela subunidade sanitária, durante o ano de 1966:

Assistência médica	1.404
Comparecimentos	8.684
Iluminações	3.031
Injeções aplicadas	2.944
Curativos	600

NOVO CAPÍTULO

ÓBRAS E REPARTIÇÕES PÚBLICAS

CEMITÉRIOS

Em tempos que já vão longe, havia o costume de sepultar-se os mortos nas igrejas. Por êste motivo a capela de Bela Cruz não pôde escapar ao hábito, sendo nela inhumados diversos cadáveres. E sucede que entre os mortos ali sepultados, se acha Manoel Vaz Carrasco, tronco genealógico de quase todas as famílias que habitam esta região.

Para corroboração do que afirmamos, transcrevemos, data vênia, do livro "História de Sobral", pgs. 57/58, de autoria de Dom José Tupinambá da Frota, os trechos seguintes:

"As Sete Irmãs. Ana – Britos – Inez – Maria de Goes – Maria Madalena – Rosa – Sebastiana.

• • •

"Manoel Vaz Carrasco, filho de Francisco Vaz Carrasco e de D. Britos de Vasconcelos, veio nos começos do século 18, para a ribeira do Acaraú, onde era geralmente conhecido pelo pai das Sete Irmãs, das quais procedem muitas famílias de Sobral, Licânia e Acaraú'.

.....

"NOTA – Manoel Vaz Carrasco faleceu em Acaraú, como consta no Livro 3.º de Óbitos de Sobral, á fl. 5: "Aos vinte e trez de Novembro de mil setecentos e cincoenta e trez falleceo da vida presente, de doença que Deus lhe deo, Manoel Vaz Carrasco, homem casado, branco, de idade de oitenta annos, pouco mais ou menos, ab intestado, com todos os Sacramentos e foy envolto em habito franciscano, sepultado na Capella de Santa Cruz, encomendado de minha licença pelo Padre Felis de Azevedo, do que fiz este termo em que me assino. – Antonio de Carvalho e Albuquerque – Cura de Acaraú".

Após 19 anos do fato acima registrado, isto é, em 1872, quando ali esteve, em missão, o célebre Padre Ibiapina, sob a direção do mesmo, foi construído, ao sul da povoação, um pequeno cemitério cercado de madeira.

Passou o tempo e o pequeno campo santo foi se tornando insuficiente, até que, em 1904, o operoso sacerdote, Pe. Joaquim Severiano de Vasconcelos, então Coadjutor do Vigário de Acaraú, mandou construir, sob sua direção, um outro cemitério, cercado de muros de alvenaria, e bem mais amplo, aproveitando parte do terreno do primeiro. Entre os que trabalharam na obra, podemos destacar: José Fonteles da Silveira, Miguel Lopes de Araújo, Raimundo Nonato da Silveira, José Lopes da Silveira e Antônio de Moraes.

Em 1917, como já fôsse muito elevado o número de mortos ali sepultados, foi construído um outro cemitério, ao poente da povoação, no local onde ainda hoje se conserva. Mencionado cemitério foi cercado de madeira especial, e nele trabalharam os srs. João Batista da Silveira, Gabriel Florêncio de Vasconcelos, Antônio Romão de Carvalho, Antônio Fernandes da Silveira, Emilio Fonteles da Silveira, e outros.

Com autorização do Exmo. Sr. Bispo Diocesano, em 1928, o antigo cemitério foi cercado e ladrilhado de tijolos, sendo erguido um cruzeiro no centro. Em 1968 aquêle terreno foi utilizado metade para completar a área destinada ao Patronato e a outra metade passou a interarr a praça hoje denomind 23 de Fevereiro.

No ano de 1937, o então Prefeito de Acaraú, Manoel Duca da Silveira adquiriu apreciável quantidade de tijolos destinados à construção de cemitério, em alvenaria. E em 1938, e então Prefeito Raimundo Rocha, fêz aquisição do restante do material necessário, e aquêle campo santo teve as cêrcas substituídas por muros. Referido trabalho foi dirigido pelo Sub-Prefeito Benedito Carvalho, que ampliou o cemitério mais 30 metros, ao poente. E em 1950, o então Subprefeito Mário Lousada mandou reconstruir uma parte das muros que ameaçava ruir.

Aliás, dois terços desse cemitério estão localizados no meio da Rua Cap: Migúuel Lopes. Entretanto, o Prefeito José Ludgero da Silveira, que está procedendo a perimetração da Zona Suburbana da sede municipal, e abrindo novas ruas e praças, conseguiu, do Pe. Odécio Loiola Sampaio, a doação do quarteirão vizinho, onde será construído um nôvo e mais amplo cemitério, incluindo parte do atual e para onde serão transferidos os restos mortais dos corpos inhumados nos dois terços mencionados.

CARTÓRIO DO REGISTRO CIVIL

O Cartório do Escrivão de Paz, para registro de Nascimentos, Casamentos e Óbitos, foi criado na povoação de Santa Cruz, pela Lei provincial n. 1.896, de 7 de março de 1888. E o primeiro Juiz de Paz que ali funcionou foi o sr. João Lopes de Araújo, tendo como Escrivão Manoel Cesário, o qual serviu dois anos, sendo substituído por João Teixeira Pinto, que funcionou até 1903.

De 1903 a esta parte, serviram como Juizes de Casamentos, em Bela Cruz, os seguintes cidadãos: Francisco Romão de Carvalho, de 15 de agosto de 1903 a 22 de setembro de 1912 – Miguel Lopes de Araújo Costa, de 26 de outubro de 1912 a 20 de janeiro de 1914 – Manoel Lopes do Prado Leão, de 1.º de agosto de 1914 a 17 de julho de 1919 – Antônio Fernandes da Silveira, de 20 de julho de 1919 a 14 de outubro de 1920 – Manoel Damião da Silveira, de 12 de agosto de 1921 a 12 de agosto de 1927 – Anselmo Celso de Vasconcelos, de 17 de dezembro de 1927 a 27 de janeiro de 1936 – Raimundo Ibiapino de Vasconcelos, de 25 de novembro de 1936 a 14 de abril de 1947 – Vicente Lopes da Silveira, de 12 de maio de 1947 a 9 de abril de 1951 – Raimundo Ibiapino de Vasconcelos, de 22 de julho de 1951 a 12 de março de 1955 – José Maria Silveira Lousada, de 19 de maio de 1956 a 22 de fevereiro de 1959 – João Geves Araújo, que assumiu as funções a 25 de maio de 1959 e ainda se acha no exercício do cargo.

• • •

Os Escrivãos e depois Oficiais do Registro Civil, no mesmo período, foram os seguintes: Domínio Bernardino de Albuquerque, de 15 de agosto de 1903 a 6 de setembro de 1906 – Francisco das Chagas Araújo Sobrinho, de 6 de setembro de 1906 a 27 de fevereiro de 1909 – Domingos Fonteles Araújo, de 19 de agosto de 1909 a 20 de janeiro de 1914 – Francisco das Chagas Araújo Sobrinho, de 1.º de agosto de 1914 a 30 de junho de 1917 – Domingos Fonteles Araújo, de 1.º de setembro de 1917 a 14 de fevereiro de 1927 – Manoel Nicodemos Araújo, de 17 de fevereiro de 1927 a 1.º de dezembro de 1934 – José Jorge de Vasconcelos, de 12 de fevereiro de 1935 a 20 de agosto de 1955 – Pedro Augusto da Silveira, de 17 de setembro de 1935 a 4 de fevereiro de 1936 – Clodoaldo Pinto, de 14 de dezembro de 1936 a 25 de agosto de 1937 – Simão Severiano Ramos, de 22 de setembro de 1937 a 25 de janeiro de 1938 – José Jorge de Vasconcelos, de 28 de abril de 1938 a 3 de agosto de 1945 – Afonso Celso Araújo, de 6 de agosto de 1945 a 3 de maio de 1947 – João Damasceno Vasconcelos, de 9 de abril de 1947 a 5 de junho de 1954 – José Anchieta Vasconcelos, de 7 de julho de 1954 a 22 de setembro de 1955 – José Maria Pinto Vasconcelos, de 27 de setembro

de 1955 a 18 de maio de 1959 – Afonso Celso Araújo, que assumiu a 18 de maio de 1959 e ainda se encontra no exercício do cargo.

CATAVENTO A CACIMBAS PÚBLICAS

O serviço do abastecimento d'água, para o consumo público, em Bela Cruz, teve começo com o chafariz que a Inspeção Federal de Obras Contra as Secas, (hoje DNOCS), mandou construir ali, no ano de 1912. Isto é, os trabalhos de abertura do poço, em que trabalhou uma perfuratriz enorme que veio até aquela povoação sobre um carro puxado por 4 juntas de bois, começaram em 1912, porém, terminaram somente em fins de 1913. Os encarregados daquele serviço foram os Paivas. Era uma família de homens trabalhadores e alegres que, durante esse tempo, tomaram parte ativa em todos os movimentos sociais de Bela Cruz. Chamavam-se: Raimundo, Benedito, José, Francisco e Cícero.

Pois bem; cavado o poço e erguido o alto catavento, por cujo nome ficou sendo denominado aquele benefício público, foram construídos Chafariz e Caixa D'água. E a população começou a abastecer-se do precioso líquido. Aquilo, na verdade, foi um serviço de mais alta relevância. O Catavento foi entregue à Prefeitura de Acaraú que nomeou seu Zelador o sr. Manoel Francisco Fonteles. Este serviu até 1918, quando foi substituído pelo sr. João Ornel de Carvalho, até 1923, quando o Catavento deixou de funcionar. O salário do Zelador era de 120 mil reis por ano, ou seja, no cruzeiro novo, um centavo por mês.

Entretanto, como era natural, anos depois a maquinaria passou a sofrer a ação destruidora do tempo, até que o Catavento foi paralizado. E, em vez de ser convenientemente reparados para que continuasse a prestar benefício ao povo, o que resolveu aquela Inspetoria (hoje DNOCS) foi mandar derribar catavento, caixa d'água e tudo, conduzindo o respectivo material de volta ao local de onde viera. Esse feito patriótico se deu no ano da graça de 1928.

O tempo prosseguiu em sua marcha imperturbável, até que, em 1949, o então Subprefeito Mário Lousada, mandou abrir uma cacimba no recinto interno do Mercado Público, destinada não só ao consumo daquele Mercado, mas também às pessoas que porventura necessitassem. E em 1954, o mesmo Subprefeito mandou construir um outro poço, para serventia pública, na hoje Praça 23 de Fevereiro, onde se pretendia instalar um chafariz, o que não foi efetuado, porém, o poço ali permanece ainda, servindo à população pobre de Bela Cruz.

Em 1964, a Secretaria de Minas e Energia construiu um poço artesiano, no povoado de Matriz, o qual foi aberto e concluído, mas ainda está faltando a respectiva bomba, para que o povo matrizense venha a fruir aquêlê marcante benefício público.

MERCADO PÚBLICO

A verba para construção do primeiro Mercado Público, na povoação de Bela Cruz, foi criada pelo Decreto Municipal n. 4, de 30 de dezembro de 1922, do então Prefeito de Acaraú, sr. Manoel Albano da Silveira. A obra foi construída, de maneiras que o ato inaugural daquele próprio municipal teve realização no dia 12 de março de 1923.

Damos a palavra ao jornal "A Comarca", de Acaraú, em sua edição de 15 do mês referido: "Com assistência da quase totalidade das pessoas gradas da terra, sendo presente o sr. Anastácio Pinto, representante do Prefeito Manoel Albano, teve lugar no dia 12 do fluente, a inauguração do Barracão do Mercado Público da povoação de Santa Cruz, de cuja construção incumbiu-se o habil profissional Manoel Francisco Fonteles que, mais uma vez, poz em relevo a sua capacidade artística. O Barracão assenta sôbre 8 colunas laterais e uma central, e mede 40 palmos por 35 de largura'.

Em tôrno do mencionado Barracão foram construídos 36 quartos para comércio e outros misteres. Sucede que os portões do referido Mercado eram de madeira e, em 1933, como os mesmos estivessem estragados, e então Interventor Municipal de Acaraú, sr. Manoel Alvaro Sales, mandou substituí-los por dois sólidos portões de ferro que haviam servido á cadeia pública de Acaraú. Nessa ocasião o piso de tijolos também foi substituído, sendo a direção dos trabalhos confiada ao sr. João Damasceno Maranhão, Propôsto do Interventor naquele distrito, e cuja inauguração realizou-se a 3 de novembro do mesmo ano.

No ano de 1942, e então Subprefeito Benedito Meneros de Carvalho, mandou proceder uma ampliação no Mercado. E em 1955, quando já o movimneto comercial de Bela Cruz acusava um desenvolvimento digno de registro, o então Subprefeito Mário Lousada, com o apoio do Prefeito Manoel Duca da Silveira, mandou efetuar uma reforma total em todo aquêlê Mercado, ou, melhor, mandou edificar um peixe e cereais. A inauguração dêsse melhoramento teve lugar a 28 nôvo Mercado, dispondo de 16 compartimentos, para venda de carne, de setembro daquele ano, presentes os srs. Prefeito Manoel Duca da Silveira, Juiz de Direito, dr. Renato Silva, dr. Ciríaco Damasceno. Diretor do Tiro de Guerra e outras autoridades de

Acaraú e de Bela Cruz. E em 1966, o Prefeito Expedito Vasconcelos mandou calçar o recinto interno do Mercado, compreendendo a área descoberta entre o Mercado e os quartos do comércio, e cuja inauguração realizou-se a 30 de maio do mesmo ano.

MATADOURO MUNICIPAL

O Matadouro público de Bela Cruz teve início com um cercado de madeira beneficiada, localizado ao pé de uma oiticica, um pouco ao sul do cruzamento da hoje Rua Cel. Duca com a Rua Nicolau Peixôto, em 1933. Aludido serviço foi realizado pelo sr. João Damasceno Maranhão, então representante, ali, do Interventor de Acaraú, sr. Manoel Alvaro Sales.

Em 1949, no entanto, o então Subprefeito Mário Lousada deu comêço á construção de um Matadouro digno da vila que experimentava um grande sôpro de progresso. E, no dia 24 de setembro de 1950, efetuou-se o seu ato inaugural, com a presença do Prefeito Duca Silveira, Pe. Odécio Loiola, Vigário da Paróquia, Deputado Gomes Sales e outras autoridades. É um prédio alto e sólido, de bonitas linhas, possuindo salas para Administração, Almoxarifado, Matança, Exposição de carne, Lavadouro, Banheiro e Privada, construído de alvenaria com piso de cimento. E está encravado á Rua Pedro Odécio, n. 36.

AGÊNCIA POSTAL-TELEFÔNICA

Em Bela Cruz o serviço postal-telefônico não foi instalado conjuntamente. Em primeiro lugar veio o Pôsto Telefônico, que foi inaugurado a 23 de novembro de 1924, ao passo qu a Agência Postal veio sómente com a Portaria n. 246, de 11 de setembro de 1933, de então Diretor dos Correios e Telégrafos, dr. Romeu Gouveia.

Relativamente á inauguração da Estação Telefônica, conseguida pelo sr. Damião Silveira, com a influência política de outro belacruzense ilustre, o sr. Manoel Albano da Silveira, então Prefeito de Acaraú, transcrevemos, a seguir, como documento histórico, a Ata da sessão de inauguração do serviço telefônico de Bela Cruz.

"Aos 23 do mês de novembro de 1924, na povoação de Santa Cruz, do município e comarca de Acaraú, ás 12 horas, na casa da Estação Telefônica, presentes o dr. João Pompeu Magalhães, Inspetor e Representante do Chefe do Distrito nêste Estado, Luiz dos Santos Coêlho, Encarregado da Estação de Sobral, Inspetor Fausto Magalhães, Augusto Djalma Silva, Encarregado de Acaraú, Cel, Manoel Albano da Silveira, Prefeito de Acaraú, Prof, Nicácio Barbosa Cordeiro, dr. Edgar Miranda

Pessoa, Juiz municipal e dr. Arnaud Baltar, Juiz da Comarca, Teófilo Alves Ferreira, Heitor Ferreira Gomes, Edmundo Bonfim Machado, José Jorge de Vasconcelos, Manoel Damião da Silveira e Manoel Cosme da Silveira, foi, pelo dr. Pompeu Magalhães, que tomou a presidência da mesa, declarada aberta a sessão que tem por fim dar posse ao Encarregado Euclides Ferreira Júnior, e instalar a respectiva Estação Telefônica. Em seguida o dr. João Pompeu deu a palavra ao jovem Nicodemos Araújo que, em discurso, falou a respeito do ato. Em seguida o Professor Nicácio Cordeiro pediu a palavra que lhe foi dada, falando ele com o brilhantismo e a proficiência que lhe são peculiares a cerca desta inauguração, dizendo que ela acarreta para esta localidade um progresso e benefício de que mesma ha muito carecia. Declarou mais, o dr. Pompeu que, tôdas as pessoas que se quisessem comunicar com o Poder Oficial, congratulando-se por esta ocorrência, podiam faze-lo, independo de pagamento da taxa telefônica. Terminando, o dr. Pompeu congratulou-se com as pessoas presentes por êste auspicioso acontecimento, que vem trazer inestimaveis benefícios a esta localidade, dando, em seguida, a palavra ao Inspetor Fausto Magalhães que fez brilhantes comentários a respeito da solenidade. Em seguida o Prof. Nicácio pediu que se consignasse na ata voto de louvor e reconhecimento á Bancada Cearense no Congresso Nacional, ao dr. Elesbão Veloso, Chefe do Distrito e mui particiularmente ao ilustre cearense, Deputado Joaquim Costa Sousa. Nada mais havendo a tratar foi, pelo Presidente, dr. João Pompeu, encerrada a sessão, do que lavrei a presente ata que assino e vai por tôdos subscrita. Manoel Nicodemos Araújo – Secretário". Seguem-se as assinaturas das pessoas presentes.

A Estação Telefônica ficou instalada em um prédio contiguo á residência do sr. Emílio Fonteles da Silveira. Alí permaneceu até 1942, quando foi transferida, juntamente com a Agência Postal, para o prédio n. 42, da Rua 7 de Setembro, onde permanece.

Quanto á sequência de funcionários, naquele serviço federal, foi a seguinte: Maria Odete da Silveira Lousada ocupou a chefia da Estação até o dia 31 de outubro de 1957, seguindo-se Edmundo Soares, que desempenhou mesmas funções de 3 de novembro de 1957 a 14 de março de 1958. Assumiu, então, o sr. Deusdedit Pinheiro de Freitas a 20 de março de 1958 até o dia 29 de agosto de 1964, quando entregou ao atual Chefe da Estação, João Damasceno Vasconcelos, que ali trabalha, tendo o mesmo Deusdedit Freitas como Carteiro e o jovem José Maria Silveira Lousada, como Auxiliar do Tráfego. Serve alí como Condutor de malas, o sr. João Eudes Adriano, lotado em Morrinhos.

PÔSTO FISCAL E COLETORIA ESTADUAL

O trabalho de arrecadação das rendas estaduais, no município de Bela Cruz, teve início com a instalação de um Posto Fiscal, em 1948, sendo nomeado para superintendê-lo o sr. Francisco Chagas Silveira, em cujas funções permaneceu até fins de 1949, quando passou a ocupa-lo o sr. Ibério Murilo Zacas, até o dia 22 de agosto de 1954.

Por ato do Governador Stênio Gomes da Silva, datado de 10 de agosto de 1954, foi criada uma Coleroai Estadual, em Bela Cruz, cuja jurisdição abrangia aquele distrito e o de Itarema, o qual foi desligado em 1961.

Os cidadãos que até agora têm exercido o cargo de Coletor em Bela Cruz, são os seguintes: Amadeu Ferreira Gomes, de 23 de agosto de 1954 a 24 de março de 1959 – Geraldo Gifoni da Silveira, de 15 de abril de 1959 a 6 de setembro de 1964 – Felix Flávio Martins, de 1.º de julho de 1964 a 30 de outubro do mesmo ano, quando ficou respondendo pelo expediente o Escrivão Raimundo Nonato Araújo- 28, o sr. Antônio Laerte Guedes. Aí passou a ocupar as funções como

Eis porque, eleito chefe do Executivo belacruzense, o sr. Mário jo, até 14 de fevereiro de 1965, data em que exerceu o cargo, d 15 a Coletor o sr. Raimundo Nonato Araújo, de 1.º de março a 8 de agosto de 1965, quando assumiu o sr. José Eduardo Moreira, a 9 de agosto de 1965, e que ainda se acha no cargo, tendo como Escrivão o sr. Agripino Bias da Silveira e como Fiscais: Raimundo Eneas de Vasconcelos e Milton Gomes da Chagas.

Registramos abaixo o movimento de Receita e Despesa, da Coletoria de Bela Cruz, durante o último triênio:

ANOS	RECEITA	DESPESA
1964	NCr\$ 23.708,90	11.291,60
1965	NCr\$ 26.954,30	31.447,90
1966	NCr\$ 63.907,50	45.172,30

ILUMINAÇÃO ELÉTRICA

A campanha por que Bela Cruz tivesse um serviço de iluminação pública e domiciliária, teve início ha mais de vinte anos.

A primeira tentativa concreta nêste sentido, deu-a o Prefeito de Acaraú, em 1951, sr. João Jaime Ferreira Gomes, consignando no orçamento daquele exercício, a importância de 80 mil cruzeiros velhos, para compra deu m conjunto de energia elétrica, para aquela vila. Sucedeu, todavia, que a Câmara municipal achou aquela quantia insuficiente para aquisição de um motor condizente com as necessidades de Bela Cruz, e negou aprovação á matéria.

Seguiu-se o dr. Geraldo Benoni Gomes da Silveira, que, na Prefeitura de Acaraú, teve a melhor boa vontade de solucionar o problema, chegando, mesmo, a pleitear um empréstimo ao Banco do Nordeste, porém, por incrível que pareça, o município de Acaraú não está incluído no famoso Polígono das Sêcas e, por isto, a operação não pôde ser realizada.

Lousada fixou nesse problema uma de suas maiores preocupações. E assim é que, logo em 1959, fez ele aquisição de um conjunto elétrico, o qual custou, naquela época, Cr\$ 1.200.000, e ali chegou a 1.º de dezembro.

Seguiram-se os trabalhos de instalações e, em data de 11 de dezembro de 1960, a cidade realizava, em festas, a inauguração de sua iluminação elétrica. Entre os presentes às solenidades, notavam-se os deputados Manoel Gomes Sales e Luciano Magalhães, Cel. Duca Silveira, dr. Júlio de Queiroz Machado, Pe. Odécio Loiola, Prefeito Mário Lousada e diversas outras autoridades. Além da compra do conjunto elétrico, a Prefeitura mandou construir uma Casa de Força muito bem aparelhada e que se localiza à Rua Prof. Nicácio, n. 296.

Entretanto, com a continuação do uso, as máquinas foram se ressentindo da ação destruidora do tempo, de modo que o Prefeito Deroci Vasconcelos, nos anos de 1964 e 1965, teve de mandar reformar um gerador e comprar outro. Aliás, até agora nenhum Prefeito recusou especial atenção ao serviço de iluminação daquela cidade.

Com o advento da administração Virgílio Távora, Bela Cruz, pelo seu Prefeito e pela sua Câmara de Vereadores, na conformidade do diploma legal que regulamenta o assunto, foi um dos primeiros municípios a firmar convênio com a Companhia de Eletrificação do Nordeste (CENORTE), adquirindo ações da Companhia, no valor de 40 milhões de cruzeiros velhos, para eletrificação da sede municipal, cujos trabalhos de instalação, com 186 postos, estão concluídos desde janeiro de 1966, aguardando a energia do Açude Araras. Sua inauguração, no entanto, sómente teve lugar no dia 25 de março de 1967, isto é, inauguração das instalações com energia de um gerador de 110 KVA, montado pela CENORTE na cidade de Marco, para servir às duas cidades. Infelizmente o motor se tornou insuficiente para atender as duas urbes, e o Prefeito José Ludgero da Silveira, mandou ligar novamente com a antiga posteação, até que se resolva o impasse.

PRAÇAS, RURAIS E AVENIDAS

No interior do Ceará é comum denominar-se de Avenidas as praças ajardinadas ou apenas servidas de bancos, passeios e instalações elétricas especial.

E é por isto que a cidade de Bela Cruz, cujo emplacamento de ruas e praças foi autorizado por Lei municipal n. 142, de 26 de novembro de 1956, e inaugurado a 30 de dezembro do mesmo ano, pelo então Prefeito Geraldo Benoni Gomes da Silveira, conta duas Avenidas. A primeira se localiza na Praça 23 de Fevereiro, e teve sua construção começada em 1953, pelo sr. João Venceslau Araújo. Todavia, o serviço feito á custa de contribuições particulares, teve de demorar até que, em 1959, com a instalação do município, aquêlê cidadão, que desde 25 de março de 1963, exerce as funções de Vice Prefeito de Bela Cruz, entregou a Avnida, antes de terminar, ao Prefeito Mário Lousada. Êste concluiu a obra, que foi inaugurada a 30 de janeiro de 1961. No entanto, assumindo a Prefeitura, o sr. José Anselmo de Araújo houve por bem melhorar aquêlê logradouro. E assim entendendo, mandou construir, para o mesmo, duas dúzias de bancos de marmorito, dotando-o, também, de instalação elétrica embutida, sendo assim reinaugurada a 10 de dezembro de 1962. Entrementes, o Prefeito Mário Lousada construiu outra avenida, na praça que hoje tem o seu nome, á qual deu a denominação de Avenida Cel, Duca Silveira, e que foi festivamente inaugurada a 11 de dezembro de 1960.

Alem dessas avenidas, o Prefeito Expedito Vasconcelos construiu uma praça denominada Praça Deputado Manoel Rodrigues, dotada de bancos, arborização e iluminação a mercúrio, e cuja inauguração realizou-se a 25 de março de 1967.

Como acontece em tôda parte, várias ruas e praças de Bela Cruz já tiveram outras denominações. Por exemplo: a praça principal da cidade chamou-se Quadro da Igreja ou simplesmente Quadro, até que a 14 de novembro de 1939, por ato do Prefeito de Acaraú, passou a denominar-se Praça Marechal Deodoro, denominação que foi mudada para Praça Mário Lousada, pela Lei municipl n. 50, de 9 de abril de 1962. A Praça 23 de Fevereiro chamou-se Praça, S. Geraldo. A Rua Nicolau Peixôto denominava-se Rua da Estrada ou Estrada do Barro. A Rua Humaitá era conhecida por Rua Dona Izabel, e nem sabemos porque lhe mudaram a denominação. A Rua Prof. Nicácio, chamava-se Rua do Alto, Rua da Aurora, e afinal o nome que hoje tem. A Rua Cap. Miguel Lopes era conhecida por Rua do Funil, e a Rua 7 de Setembro chamava-se Bêco Novo. O famoso Alto da Genuveva, dêste fins do século XIX vem sendo conhecido por Alto do Velho Manozinho em virtude de ter alí construído sua residência nosso tio Manoel Lopes da Silveira. E a Rua Padre Odécio, denominou-se de Rua das Flores e depois Bêco do Lotéro, porque alí residia o Antônio Eletério Pontes, um camarada espirituoso e alegre, mas tão alegre, que, zombando de sua grande pobreza, gostava de perguntar aos desocupados: Quer ir se empregar lá em casa, para contar dinheiro?

O CALÇAMENTO EM BELA CRUZ

Na cidade de Bela Cruz os trabalhos de calçamento nas ruas e praças, teve início em fins de 1965 até 1966, com o Prefeito Expedito Derocí Vasconcelos. Foram assentados 1.524m² de meio-fio e construídos 7.502m² de calçamentos, beneficiando as ruas Humaitá, Cap. Miguel Lopes, 11 de Janeiro, Cel. Duca e Nicodemos Araújo e cujas despesas somaram NCr\$ 14.003,50.

CENTRO TELEFÔNICO DE BELA CRUZ

O Centro Telefônico de Bela Cruz, cuja finalidade é a comunicação telefônica inter-urbana, foi instalado a 10 de dezembro de 1966, e está localizado á Rua 7 de Setembro, s/n.

É dirigido por uma sociedade particular, sob a presidência do sr. Raimundo Jovino de Vasconcelos, conta 20 aparelhos instalados, tendo como Operador o Sr. Pedro Erasmo Vasconcelos.

DELEGACIA DE POLÍCIA

A manutenção da ordem em Bela Cruz, está confiada a uma Delegacia de Polícia, e tem como Delegado Militar o Sargento Antônio Leandro da Silva e Delegado Civil o sr. Pedro José da Silveira. Funciona á Rua Humaitá, n. 566.

Aliás, uma das necessidades daquela cidade é a construção de uma Cadeia Pública, condizente com as suas condições sociais.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELA CRUZ

Deixamos para encerrar o presente capítulo com os registros relativos à Prefeitura Municipal, isto é, sôbre a sede da Prefeitura e sua instalação.

Assumindo o cargo de Prefeito Municipal, a 25 de março de 1959, o sr. Mário Lousada instalou a Prefeitura no prédio n. 36, da Rua Nicodemos Araújo, e, em nome da justiça, ressaltamos que aquela Prefeitura foi muito bem equipada de máquina de escrever, cofre, fichários e estante de aço, magnífico mobiliário, farto material de expediente. Mas, como os compartimentos fossem pequenos, um nôvo prédio foi adptado, e a sede do Poder Executivo para alí foi transferida, ficando ótimamente localizada á Rua Humaitá, s/n. Entretanto, ao assumir a Prefeitura, o sr. José Anselmo Araújo instalou-a á Rua 11 de Janeiro, n. 36,, onde esteve até a posse do

Prefeito Expedito Vasconcelos, que a fêz voltar ao prédio da Rua Humaitá, até o dia 25 de março de 1967, quando o Poder Executivo foi instalado em sua sede própria, á Praça 23 de Fevereiro, s/n.

Relativamente á construção de Paço Municipal, em 1960, e então Prefeito Mário Lousada adquiriu, do sr. Vicente Lopes da Silveira, um prédio que existia na esquina leste-norte da então Praça Marechal Deodoro, e que se localizava alguns metros alem da rua, para o centro da praça, formando uma excrescência destoante no conjunto e um aleijão urbanístico. Porisso, aquêlê Prefeito mandou demolir dito prédio, destinando o terreno á construção do Paço Municipal, que então seria encravado na linha da hoje Rua Major João Albano. É assim que alí foi fincado um poste com uma placa contendo os dizeres 'Edifício da Municipalidade'.

Todavia, seu sucessor na Prefeitura, sr. Expedito Deroci Vasconcelos, houve por bem doar mencionado terreno á Associação Alvorada Clube, para construção de sua sede social, mandando edificar o Paço Municipal na Praça 23 de Fevereiro, em virtude ficar assim mais próximo do comércio, e por isto, ser de mais fácil acesso aos contribuintes.

As sim pensando, iniciou a construção em 1965. É um edificio de boa construção, isolado, com dois andares, dominando a praça, dispondo de 13 compartimentos, sendo o andar térreo destinado á Prefeitura e á Câmara Municipal, e o segundo andar destinado ao Poder judiciário.

Em consequência da escassês de recursos financeiros, ainda não pôde ser terminada a construção, porém alí já foi realizada a cerimônia de posse do atual Prefeito, sr. José Dudgero da Silveira e da atual Câmara de Vereadores, podêres que estão funcionando normalmente naquele prédio.

RENDA MUNICIPAL DO ÚLTIMO TRIÊNIO

Registramos abaixo o montante da arrecadação efetuada e da despesa realizada, pela Praefeitura Municipal de Bela Cruz, durante o triênio 1964/1966:

ANO	RECEITA	DESPESA
	NCr\$	NCr\$ n
1964.....	7.616,78	7.553,44
1965.....	24.033,08	23.942,10
1966.....	38.530,10	38.523,76

AGÊNCIA MUNICIPAL DE ESTATÍSTICA

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística ainda não instalou uma sua Agência na cidade de Bela Cruz, e aquele município ainda se acha jurisdicionado á AME de Acaraú, que, desde a sua criação, vem efetuando os trabalhos estatísticos naquela unidade do Ceará.

Todavia, pela Lei municipal n. 13, de 23 de julho de 1959, o então Prefeito Mário Domingues Lousada, com aprovação da Câmara Municipal de Bela Cruz, ratificou o Convênio Estatístico entre o IBGE e aquele município, que, assim, está apto a receber a mencionada Agência, e ter sua vida normalizada nêsse importante setor da pública administração.



MONUMENTO DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA



*Aos lados se vê o denso carnaubal que faz a riqueza do solo belacruzense.
ESTRADA DE RODAGEM DE BELA CRUZ A MARCO*

DÉCIMO CAPÍTULO

DISTRITO DE PRATA

Superfície: – 300 kms² – População: (Recenseamento de 1960) – 4.721 habitantes.

Sede: – Vila de Prata – População da sede: 200 habitantes.

Criação de distrito: Lei estadual n. 4.439, de 30 de dez. de 1958.

Elevação à Subprefeitura: – Lei municipal n. 43, de 24 de maio de 1961.

Limites: Ao Norte, os distritos de Cruz e Jericoacoara, do município de Acaraú; ao Sul, o distrito sede do município de Bela Cruz, a Leste, o Rio Acaraú; e ao Oeste, ao município de Camocim.

Situação Econômica: A base econômica do distrito assenta na agricultura, em virtude de ser êle localizado em terreno propício, e a lavoura ser exercida pela quase totalidade de seus habitantes.

Indústria: No setor industrial o distrito de Prata deixa muito a desejar, porque existe ali sòmente a indústria da farinha e da goma de mandioca, e cêra de carnaúba.

Vida Religiosa: A primeira capela construída naquêle distrito, foi a de N. S. do Livramento, na Vila de Prata. Essa igreja teve sua construção iniciada a 3 de agôsto de 1936, sendo inaugurada, pelo Pe. Sabino de Lima, a 14 de dezembro de 1940. A bênção da imagem de sua Padroeira, foi dada, pelo mesmo sacerdote, a 15-12-1940. Seguiu-se a Capela de São Miguel, no Riacho da Prata, construída pelo Pe. Odécio Loiola e por êle inaugurada a 12 de novembro de 1961. Veio, em sequência, a Capela de N.S. de Fátima, em Correguinho, cuja construção deveu-se também ao Pároco de Bela Cruz, sendo por êle inaugurada a 18 de novembro de 1966.

E aqui uma das mais significativas datas na história religiosa daquele distrito: foi a 1.^a missa de Frei Aureliano, no século chamado Estanislau Ramos de Vasconcelos, filho do casal Raimundo Nonato de Vasconcelos – d. Paulina Ramos de Vasconcelos. Êsse jovem religioso nasceu no sítio Pai José, do distrito de Aranaú, a 21 de agosto de 1933, ordenou-se sacerdote,

na capital da Bahia, a 12 de abril de 1959, e celebrou sua 1.a. missa na capela de Prata, a 22 de julho do mesmo ano. Hoje reside em Buniqui, na Alemanha.

Instrução: A primeira escola de Prata, foi criada pelo govêrno do Estado e ali instalada a 1.o de fevereiro de 1938, com a professôra Raimunda de Sousa Fernandes, a qual, 15 anos depois, foi substituída pela professora Maria do Socorro Vasconcelos até 30 de novembro de 1965. Desde então não mais funcionou. Seguiram-se duas escolas municipais, dirigidas pelas professoras de curso, Maria Vilaní Vasconcelos e Maria Vanilda Vasconcelos. A 23 de fevereiro de 1966, foi inaugurado naquela vila um Grupo Escolar Municipal, pelo Prefeito Expedito Derocí Vasconcelos, o qual está funcionando com 3 professoras municipais. No interior do distrito existem escolas municipais em: Correguinho, Lagôa de Belém, Riacho da Prata, Lagoa do Nazário, aBixio e Solidão.

Mercado Público: Diversos interessados no comércio, em 1965, iniciaram a construção de 32 quartos de negócio, dispostos em quadro, para que no centro seja construído o Mercado Público, pela Prefeitura de Bela Cruz. Mencionados prédios de comércio desde fins de 1966 estão concluídos, aguardando-se a construção do Mercado da Prefeitura, que certamente não ha de demorar.

Cartório: O Cartório do Registro Civil, para Nascimentos, Casamentos e Óbitos, foi instalado no dia 1.o de Janeiro de 1960, sendo Oficial do Registro o sr. Edésio Medeiros de Vasconcelos, e Juiz de Casamentos o sr. Francisco José de Vasconcelos.

Cemitérios: O primeiro cemitério que serviu no distrito de Prata, foi construído pelo povo, em 1956. Entretanto, como o mesmo se tornasse insuficiente para atender àquela zona, Prefeito Mário Lousada mandou construir um outro, de alvenaria, mais amplo, qual foi inaugurado a 25 de dezembro de 1961.

Assistência Social: No dia 16 de julho de 1961, foi instalada, na vila de Prata, pelo Prefeito Mário Lousada, a Sociedade de Amparo à Maternidade e à Infância, contando-se com a ajuda da Legião Brasileira de Assistência. Esta, porém, falhou, e aquêle utilíssimo serviço assistencial está paralizado.

Subdelegacia de Polícia: A manutenção da ordem pública, no distrito de Prata, vem sendo efetuada por uma Subdelegacia de Polícia, ali instalada em 1959, e hoje tendo como Subdelegado o sr. João Capistrano de Vasconcelos.

LEI N.º 4.439, DE 30 DE DEZEMBRO DE 1958

Cria, o distrito denominado Prata, no município de Bela Cruz e dá outras providências.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ

Faço saber que a Assembléia Legislativa decretou e eu sanciono e promulgo a seguinte lei:

Art. 1.º – Fica criado no município de Bela Cruz, o distrito denominado Prata, com os limites territoriais a seguir especificados, o qual terá a sua sede elevada à categoria de vila.

a) – Ao sul, com o distrito sede:

Parte da casa principal da Fazenda Santo Izidio, nas proximidades dos limites intermunicipais com Camocim; segue daí para alcançar o travessão divisório das terras de propriedade de José de Paula Pessoa e Manuel Vieira: segue pelo mesmo travessão até o lugar São Geraldo, onde termina: daí segue por uma reta até encontrar o travessão divisório entre as terras de Miguel Dias e João Lopes Sobrinho pelo qual segue até o término; segue daí até encontrar o rio Acaraú.

b) – Ao nascente, ainda com o distrito sede:

Parte do rio Acaraú, no lugar onde ele recebe o riacho Canema: desce o rio Acaraú até alcançar os limites intermunicipais entre Acaraú e Bela Cruz.

Art. 2.º – O distrito ora criado por esta lei deverá ser incluído na primeira Lei de Organização Administrativa Territorial do Estado que se seguir no lugar correspondente, integrando o município de Bela Cruz.

Art. 3.º – Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio do Governo do Estado do Ceará, em Fortaleza, aos 30 de Dezembro de 1958.

FLÁVIO MARCILIO

Bento Costa Lima Leite de Albuquerque

Lei Municipal n. 43, de 24 de maio de 1961

Cria uma SubPrefeitura no Distrito de Prata dêste Município de Bela Cruz, com sede na Vila do mesmo nome e dá outras providências

Faço saber que a Câmara Municipal de Bela Cruz, decretou e eu sanciono e promulgo a seguinte lei:

Art. 1.o – Fica criada no Distrito de Prata dêste Município de Bela Cruz, com sede na Vial do mesmo nome, uma Sub-Prefeitura, na forma da primeira parte do Art. 37, da Lei Estadual n. 227, de 14 de julho de 1948.

Art. 2.o – O titular do cargo de Subprefeito, será de livre nomeação do Prefeito Municipal, e terá as suas atribuições conceituadas no Art. 85 e seus itens I, II, III e IV da Lei Estadual n. 227, de 14 de julho de 1948, acima referida.

Art. 3.o – O Subprefeito no exercício de seu cargo, receberá das suas funções administrativas, a percentagem de 15% (quinze por cento) sôbre a arrecadação efetiva do Distrito.

Art. 4.o – Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço da Prefeitura Municipal de Bela Cruz, 24 de maio de 1961.

Mário Domingues Louzapa
Prefeito Municipal

LEI MUNICIPAL N. 14, DE 23 DE JULHO DE 1959

Delimita os quadros urbano e suburbano da vila de Prata, do Município de Bela Cruz

Faço saber que a Câmara Municipal de Bela Cruz decretou e eu sanciono e promulgo a seguinte lei:

Art. 1.o – Ficam delimitados os quadros urbano e suburbano da cidade de Bela Cruz e da Vila de Prata, dêste município.

II – Vila de Prata

a) Perímetro urbano: Partindo do ponto em que fica situada a casa

residencial de Israel Graciano da Silveira, até a residência de Geraldo Hermeto de Sousa, ao Norte; ao Sul, desde a residência de Sebastião Malaquias do Nascimento, até a casa de morada de Esaú Francisco Malaquias; ao Nascente, a Rua Leste do Mercado Público, ainda em construção, ao Poente, desde a casa residencial de Raimundo Nonato de Vasconcelos, até a residência de Geraldo Pereira Brandão.

b) Perímetro Suburbano: Trezentos metros em tórno do Quadro Urbano, descrito no ítem a.

Paço da Prefeitura Municipal de BelaCruz, em 23 de maio de 59

Mário Domingus Lousada

Prefeito Municipal

João Damasceno Vasconcelos

Secretário da Prefeitura

UNDECIMO CAPÍTULO

AS SECAS E AS ENCHENTES

Corre por aí, faz muito tempo, um dito popular afirmando que "o que sobra não faz mal".

Entretanto tal anexim não se ajusta ao excesso de sol, que chamamos sêca e ao excesso de água, que denominamos enchentes, nos grandes invernos.

Na verdade, tanto o sol demasiado, quanto a água excessiva, constituem verdadeiros flagelos, embora que, mil vezes, prefiramos a demasia de água ao excesso de sol.

E, como o município de Bela Cruz, parcela que é, do solo cearense, não pode eximir-se a essas duas calamidades, vamos relacionar algumas das secas e algumas das enchentes maiores registradas naquela comuna.

A S S E C A S

O escritor Mozart Monteiro descreve a sêca desta maneira: "A crise é forte e reduz a terra a um pedaço de inferno, onde o homem, os animais, as plantas, as águas correntes, tudo sofre num ambiente de catástofre, e uma gente parece que vai morrer, cercada de coisas mortas".

Pois bem: o município de Bela Cruz, desde os seus primórdios, há experimentado os desastrosos efeitos das intempéries climatéricas, que, de quando em quando, traz o seu cortejo de misérias e horrors a êste Nordeste sofredor e heróico.

É por isso que guardamos no pensamento e no coração a descrição magistral de Gustavo Barroso: "Na natureza não desabrocha um sorriso; o céu não derrama uma lágrima; o sol refulge sempre; e a copa verde de um juazeiro ao longe, perdida nas catingas esqueléticas, tem um tom de raridade e de heroísmo. O sertão fica sêco, nu, inéspito, quase negro; estende-se em ondulações desnudas, apontadas de mirrados capões. O céu é árido, sem

manchas, como se fôra varrido por um vento de maldição".

E o município de Bela Cruz, localizado apenas a 24 quilômetros do mar, além de seus flagelados, que são realmente numerosos, recebe sempre a visita das massas advntícias, os retirantes que buscam o litoral, na esperança de adquirir, com menos dificuldade, os parcos meios de subsistência.

Tal fato, além de aumenta a miséria reinante, vez por outra, provoca epidemias de que não vítimas indefesas êsses infelizes patrícios a quem a natrueza impõe, não sabemos porque razão, um castigo de tão vastas proporções.

Embora dando apenas um registro incompleto sôbre o assunto, pois, apesar do nosso paciente trabalho de pesquisa, não conseguimos tanto como desejávamos, passamos a enumerar as sêcas verificadas em Bela Cruz, como no Ceará, a partir dos albores do século XVII, antes, mesmo, de ser conhecido o "Alto da Genuveva".

Segundo Gustavo Barroso, as primeiras sêcas de que se tem notícia, foram as de 1603 a 1606, quando morreram de fome e sêde os filhos de Péro Coelho de Sousa, em sua heróica e trágica retirada para o Rio Grande do Norte.

Em sequência, tivemos as sêcas de 1614, 1692, 1711 e 1721. Sôbre essas calamidades, conforme diz o professor Filgueiras Sampaio, em sua "História do Ceará", "as notícias são esfumadas pela passagem dos anos".

E, com intervalo de apenas 4 anos, o Ceará foi marcado pela sêca de 1725 a 1727. Relativamente a essa terrível calamidade, lemos no livro "Município de Santana", pg 44: "A sêca de 1725, que durou 4 anos, assolando quase todo o norte do Brasil, se fêz sentir no Ceará de um modo fatalíssimo aos seus habitantes, pela completa escassez de gêneros alimentícios e pela mortalidade de gados. Êsse fato deu lugar a emigrações, sucedendo que muitas famílias se viram obrigadas a refugiarem-se na ibiapaba e outras serras, afim de se furtarem aos rigores do cruel flagelo".

No ano de 1736 nova estiagem assolou o Ceará, acompanhada de sua companheira inseparável – a peste. E os anos de 1745 e 1754 também foram assinalados por escassez quase absoluta de chuvas.

Depois de 23 anos veio a célebre sêca de 1777, cognominada de Sêca dos Três Setes. Diz João Brígido ter reduzido à 8.a parte do gado da Capitania.

Essa calamidade foi assim descrita por um escritor patrício: "Seguiu-se o ano de 1777, época fatal para o Ceará: Uma terrível sêca assolou os povos, fêz emigrar grande quantidade de índios e reduziu consideravelmente os gados da Capitania. Entretanto, o Vale do Acaraú, ao que parece, não padeceu muito dos deploráveis efeitos dêsse flagelo".

Outra sêca de tremendas consequências registrou-se no Ceará, em 1792, sendo mais acentuados os seus efeitos, porque o ano de 1791 fôra scasso de chuvas. Um cronista cearense fêz êste comentário sôbre a sêca de 92: "A sêca de 1792, foi tão rigorosa na Ribeira, que algumas senhoras ainda mesmo abastadas, dando a luz nêsse tempo (ou nêsse ano), se viram obrigadas a manter-se com alimentação de cajú, mel de abelha e carne de veado, na ausência absoluta de cereais,, galinhas e outras carnes tragáveis". E em 1809 tivemos nova estiagem.

Em 1816 registrou-se mais uma estiagem, porém de caráter parcial,

A ampulheta do tempo continuou o seu trabalho e, em 1823 a 1825, nova sêca veio trazer a fome e a miséria a esta terra. Sôbre a chamada Sêca do 25 alguém escreveu esta dolorosa notícia: "Os estragos foram imensos; e lamentável o sofrimento da população que, impelida pela fome, se entregava a tôda sorte de rapina, encontrando a morte na repressão e em bárbaros castigos que a direção estúpida dos governadores ainda inspirava".

Quatro lustros depois, isto é, em 1845, mais uma sêca visitou o Ceará, porém seus efeitos foram muito pouco sentidos nesta ribeira. J. Brígido afirma que "não se deram óbitos de fome", nêsse ano.

O tempo correu e decorreu e, nos anos de 1877 e 1879 outra horrorosa calamidade climática se abateu sobre o Ceará e o Nordeste, atingindo, em cheio o vale do Acaraú. Entretanto, graças à magnanimidade e ao espírito caridoso de D. Pedro II, o govêrno da Nação tomou as providências necessárias, afim de poupar a esta gente mártir, tanto quanto possível, das garras da miséria que a ameaçava. O império gastou, então, 75 mil contos, com assistência aos famintos.

Foi então que o Ceará, o Brasil e o mundo ouviram, edificados, a frase histórica e santa do grande Imperador: "Venda-se o último brilhante da Coroa, mas não se deixe nenhum cearense morrer de fome".

E' assim que foram nomeadas Comissões de So corros e Obras, para quase todos os municípios, e enviada s,regularmente, grandes quantidades de gêneros alimentícios, farinha de Mandioca e carne do sul, para distribuição entre os flagelados.

Na cidade de Acaraú, municípios a que Bela Cruz sempre pertenceu, funcionava uma dessas Comissões, sob a presidência do Sr. João Augusto de Castro Moura. De modo que grande número de flagelados daquela povoação alistou-se para receber seu quinhão de alimentos, e que, em verdade, amenizou, sensivelmente, as agruras da miséria que os aguardava.

Em 1900 registrou-se mais um ano escasso de chuvas. Todavia, suas consequências foram facilmente suportadas, como o foram no ano de 1905,

quando as chuvas foram muito poucas.

Dez anos após, isto é, no ano de 1915, registrou-se uma grande seca no Ceará, cujos efeitos foram profundamente experimentados em Bela Cruz. Igualmente danosa foi a seca de 1919, cujas dolorosas consequências nós sentimos na própria carne. Assumiu proporções de terrível calamidade, abrindo uma vasta lacuna na economia cearense e nordestina, e proporcionando grandes sofrimentos à gente desta região periodicamente martirizada por essa anormalidade mesológica.

O ano de 1932, como o de 1936, também foi marcado pela estiagem, porém, aqui no baixo Acaraú não se verificaram prejuízos de alta monta, embora que a população pobre tenha curtido profundas agruras.

Em 1942, – início de uma série de invernos fracos, – mais uma seca ocorreu no Ceará, com vultosos prejuízos para a lavoura e a pecuária e dolorosos sofrimentos para o povo menos favorecidos pela sorte. Igualmente no ano de 1951, outra era de estiagem foi registrada. No entanto, o govêrno do Ceará mandou construir a rodovia que liga Acaraú à Itapipoca, em razão do que foi grande o número de famílias pobres que tiveram os sofrimentos suavizados, graças aos trabalhos pagos com gênero alimentícios. De Bela Cruz muita gente colocou-se na Estrada, amenizando, assim, a miséria que lhe rondava o lar do pobre.

Do mesmo modo aconteceu na última seca, registrada em 1958. Então o govêrno mandou construir a estrada ligando a cidade de Bela Cruz ao Rio, possibilitando trabalho a mais de 3.000 pessoas, que, destarte, escaparam a maiores rigores de flagelo climatérico.

AS ENCHENTES

As cheias ou enchentes, como aqui denominamos, muitas vêzes assumem proporções de verdadeira calamidade, constituindo-se um flagelo como as secas, embora de maneira estagônica, e apenas em sua zona de ação – a ribeira.

Sim, porque as grandes inundações ocasionam maiores trastornos às populações ribeirinhas, com prejuízos enormes para a pecuária e a lavoura das várzeas e beiras dos rios.

E, Bela Cruz, pela sua posição topográfica, localizada que se acha. no litoral, apenas a quatro léguas da praia, tem sido frequentemente e duramente castigada pelas cheias.

Como apontamentos para a história daquele município, vamos enumerar as enchentes que, durante os últimos três quartos de séculos, chegaram ao ponto de atingir a hoje zona urbana da sede municipal.

As cheias alí começam o seu trabalho de invasão pela Ipueira, que serve de limite suburbano da cidade. A Ipueira transborda para a "Lagoinha" e invade as ruas mais baixas. A "Lagoinha" é uma ligeira depressão de terreno, entre as ruas Nicolau Peixoto e Humaitá, e que tem início na rua Cel. Duca, descendo até as proximidades da Lagoa de Santa Cruz, formando a "Lagoinha" na rua João Albano.

Pois bem: começamos nossa relação pela cheia de 1894, que invadiu algumas ruas da povoação no dia 3 de maio, para logo em 1895 outra enchente, verificada em março, causar grandes prejuízos; talvez maiores dos que ocasionara a precedente.

No ano de 1899 ocorreu talvez o maior inverno de que se tem lembrança em Bela Cruz, de modo que nos meses de março, abril e maio, não faltaram enchentes, e tôdas as plantações da ribeira se perderam.

Em 1905 o inverno constou somente de 15 dias de chuvas, porém choveu demais, ocorrendo uma grande enchente, cujo ponto culminante verificou-se a 5 de março.

Em 1910 também uma enchente invadiu certa área da povoação, mais foram pequenos os danos. Ao passo que em 1912 os belacruzenses tiveram duas cheias de enormes proporções.

No dia 22 de maio de 1913, novamente as águas do Rio Acaraú, invadiram as ruas de Bela Cruz, E em 1917, outra grande enchente castigou aquele povo. Dessa, que teve seu ponto máximo a 17 de março, temos bem nítida lembrança, pois sofremos seus efeitos qqu nos fizeram mudar da hoje rua Major João Albano para o Alto da Genuveva.

Em 1921 ocorreram três enchentes, com um registro curioso: é que mesmas enchentes atingiram o máximo tôdas no mês de maio. e em três domingos consecutivos, 14, 21 e 28.

Nos anos de 1924, 1926 e 1927, também o Rio Acaraú transbordou, inundando ruas de Bela Cruz, especialmente em 1924, a qual lhe custou enormes transtornos e prejuízos.

A 27 de maio de 1935, novo castigo de água sofreu Bela Cruz e seus habitantes ribeirinhos, para, em seguida, experimentar um repouso de 26 anos, porque, nas eras de 40 e 50, nenhum transbordamento do Rio Acaraú atingiu as ruas de Bela Cruz. Em 1962, entretanto, ocorreu uma enchente que fêz atingir a "Lagoinha".

Uma das maiores enchentes ocorridas em Bela Cruz, deu-se em 1963. Aliás foram duas enchentes. A primeira teve seu ponto mais elevado a 1.º de março, e a outra a 8 de abril. Então os prejuízos foinestimáveis. Ruíram 23 casas somente na cidade, afora as que caíram nas várzeas, e os muros que desabaram. Felizmente o govêrno mandou idenizar alguma coisa.

Em 1964, também registrou-se alí uma cheia de grandes proporções,

que durou de 30 de abril a 8 de maio. Então desabaram 11 prédios da cidade, e as plantações da ribeira quase tôdas se perderam. E logo em 1965, mais uma enchente invadiu a parte baixa da cidade de Bela Cruz, tendo sua elevação máxima no dia 27 de abril. Entretanto, os flagelados da enchente receberam 70 sacos de feijão, arroz e açúcar, mandados pela SUDENE, e que ali chegaram a 30 de abril, e 1.200 quilos de feijão que a LBA ofereceu, a 10 de maio.

Nêste ano graça de 1967, um dos grandes invernos que tivemos, 4 vezes o Rio Acaraú inundou a ribeira, sendo que a cheia de maior proporção atingiu a cidade de Bela Cruz no dia 14 de maio.

Inenarráveis se tornam, muitas vezes, as cenas de aflições verificadas por ocasião das enchentes nos Lares pelas águas, com perda total de tudo o que neles existe. As vezes, – e isto sucede frequentemente, – a invasão se dá noites escuríssimas de inverno, e com o desabamento da casa sôbre o seu conteúdo. Então é o pânico, são os lamentos lacinantes que se ouvem, no meio da varzea, às horas mortas, fazendo côro com o murmúrio soturno e trágico das águas. A galinha de pintos, o caixote de farinha, o pote de goma para as tapiocas da manhã, as garrafas de feijão para o plantio da vazente, a almofada de renda, os rolos de trança para o fabrico de sacos de palha, tudo fica sepultado sob os escombros que as águas vão arrastando, como arrastando vão também a cabra de leite das crianças, bem como, o canteiro de cebola e coentro, e as panelas plantadas de hortelã, de erva cidreira, de arruda e de malva-do-reino, que constituíam a horta e a farmácia da família. E, enquanto a mulher e a filharada miuda se acomodam ou se incomodam sôbre um jirau de carnaúbas, no terreiro, o dono da casa, com o dedo ao ouvido, põe-se a gritar desesperadamente até chegar a balsa ou a canoa de salvamento. A êste trabalho dá-se a denominação de – *desilha*. E desilha também se chama a retirada dos rebanhos para os lugares mais altos, longes dos perigos da enchente.

Em Bela Cruz, além dêsses transtornos, ha também a dificuldade no transporte de mercadorias, que vêm do outro lado do rio. E esta dificuldade dura todo o período do inverno. Se a ribeira encontra-se invadida pela cheia, tem-se de atravessar tôda ela, navegando mais de uma légua, para chegar á cidade. Se não se acha tomada pela enchente, tem-se de transpor quase uma légua de lamaçal e atoleiros, com enormes despesas e danos.

E acontece que, à medida que a cidade progride, o movimento vai-se intensificando forçosamente. É assim que até 1960, os pontos utilizados para a passagem do rio era "Entrame do Rio" e "João de Lima", com uma só canoa em cada um. De então para cá passou a ser usado o chamado "Porto do João Diôgo", em o qual, êste ano, estacionam oito canoas, para o transporte de passageiros e carga.

E assim, a população belacruzense vai sofrendo esta situação vexatória e de tão alto preço, até que o governo se digne mandar concluir o ramal da rodovia Acaraú-Itapipoca á Bela Cruz, com a construção das obras darte respectivas.

No bem elaborado plano de obras do sr. José Ludgero da Silveira, atual Prefeito de Bela Cruz, figura um paredão a ser construído, pela Rua Nicolau Peixoto, desde o aterro da estrada de "João de Lima" até á rodagem que liga Bela Cruz a Marco, na Lagoa do Correguinho. Será uma obra de alta envergadura, para a qual o operoso edil belacruzense conta com a cooperação do Estado e da SUDENE. E, se for realizada, evitará a invasão da cidade, pelas enchentes, e constituirá, por isto mesmo, um dos mais relevantes benefícios que poderão advir à cidade de Bela Cruz.

DUODÉCIMO CAPÍTULO

IMAGENS DO PASSADO

Com o título acima, aliás um pouco romântico, passamos a lembrar algumas das diversões e das festas que, em nosso tempo de criança, mais interessavam à população belacruzense, desde os elementos de atuação social até às mais modestas camadas populares.

São retalhos de saudade, pedaços de reminiscência de um passado realmente feliz para nós, porque naquele tempo tudo era perfumado de inocência, pois estávamos na alvorada da vida, quando "o mar é lago sereno, o céu – um manto azulado; o mundo – um sonho dourado, e a vida – um hino de amor", tal como cantou o imortal Cassimiro de Abreu. São ocorrências do início deste século, e que ficaram em nossa lembrança, retratando uma quadra encantadora que a gente esquece nunca.

A FESTA DA PADROEIRA

Começamos pela festa que, ainda hoje, é celebrada na Matriz de Bela Cruz, em honra de Nossa Senhora da Conceição, que é a Padroeira da Paróquia, nos dias 28 de Novembro a 8 de Dezembro.

Naquêles tempos, porém, tudo era diferente desta época, em plena vigência das reformas operadas pelo Concílio Ecumênico Vaticano II.

Sim, naquêlé tempo, uma semana antes do início dos festejos, começavam a ser construídos, ali a hoje Rua Capitão Miguel Lopes, partindo do córrego da lagoinha até a estrada, os "Ranchos", para bodegas, pensões, cafês etc... Eram feitos de estacas e varas de *pau-do-rio* e cobertos com ramos de mufumbo *orêlha-de-onça*. De modo que, no dia do Alvorado, tudo estava pronto. Não faltavam as bodegas de: João Silveira, Mundó, Xico Silveira com seu violão, e outros. Não faltavam as velhas Gertudes e Maria Eugênia, que iam de Acaraú vender café com bôlo de milho e grude. Não faltavam as laranjas e os bôlos *pé-de-muleque*, que vinham da serra. Não

faltava a Terêza do Vidal, dizendo besteiras, nem o Mão-de-Sôco, pedindo esmolas.

No dia 28 chegava a banda do Mestre Xico Monteiro, para *Alvorado*, que se fazia com o povo desfilando pelas ruas, em coluna por dois, tôdos empunhando lanternas coloridas. Aquilo era o nosso encanto de menino pobre que "se assanhava, prá ver a banda passar". Mestre Xico Monteiro no contra-baixo; Zé Gifoni no pistom; Néco Passos no clarinete; José Chaves no bombardino; Domingo Otaviano no saxofone; Vicente Pará no baixo; Chico Alemão na trompa; Zé da Pêdra no bombo e o Balica na caixa.

Os encarregados eram: Cap. Miguel Lopes, João Albano, Gabriel Florêncio, Francisco Romão e outros. E o Vigário, que era o Pe. Antônio Tomás, se hospedava em casa do velho Manoel de Araújo, um casarão em preto, com um lindo flamboiã na porta, que se erguia alí na Rua da Aurora. As cerimônias eram extraordinariamente concorridas. Não faltavam os foguetes de seu Neco Prado, Juiz. E, na última novena, havia um grande leilão apregoado pelo velho Manezim Araújo, o qual morava alí no local onde se acha a Quadra que o Zé Maria Louzada mandou construir, para as festas juninas.

E tudo decorria em perfeita ordem, com muita alegria e muita fé, apanágio daquela gente imensamente boa.

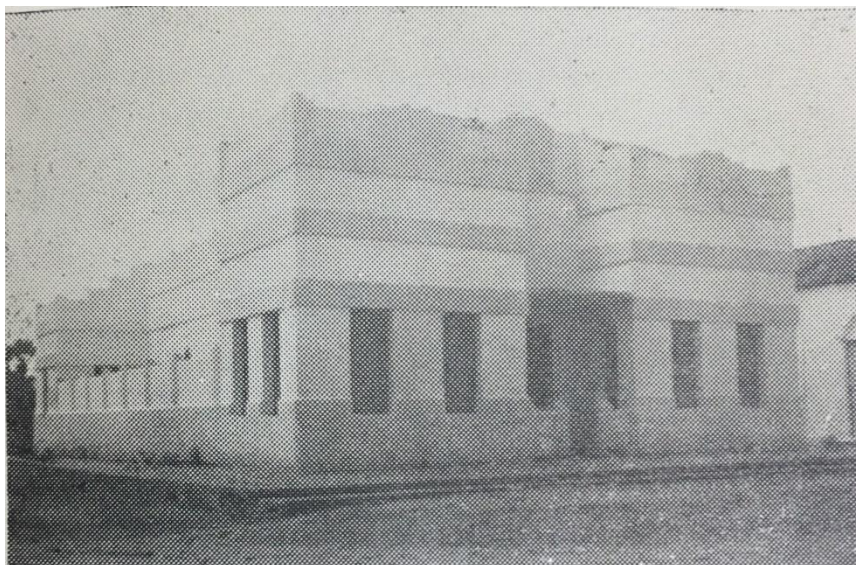
OS FESTEJOS MARIANOS

Passamos agora às novenas de maio que, naquela época, eram realizadas com muito brilhantismo e grande concorrência de fiéis.

Preliminarmente se escolhiam os *noitários*, isto é, os encarregados de cada noite, e que disputavam entre si o maior brilho de sua novena. Quase tôdas as noites o velho João Reinaldo vinha, com seu pífaro de taboca, e o Raimundo Fortunato com a caixa, e tocavam á porta da capela duas ou mais horas, conforme o entusiasmo do *dono* da noite. E os foguetes de Seu Neco não faltavam. E sucede que o velho conhecia os segrêdos da pirotécnica, e fabricava fogos diversos, como foguetes de lágrimas soltados em cordas, que iam da casa do Sr. Francisco Chagas à casa do Sr. Cardoso Lima, atravessando a praça. O Prof. Nicácio rezava a novena, enquanto o côro entoava lindos cânticos em honra da Virgem. O côro era constituído das snrts. Zézinha Neves, Sinhá Araújo, Cunhanzinha Cordeiro, Elpídia Neves, Luizinha Prado e outras. O altar festivamente ornado de maravilhas dobradas, Zinhas, rosas, cravos, cravinas e uma infinidade de flores, saturava o ambiente de um perfume suavíssimo. Na última novena cantava-se o hino "Mêz Mariano", como despedida, cuja última estrofe é esta: "Permití, Senhora.



CENTRO CATEQUÉTICO PIO XII



SEDE DO GINÁSIO DE BELA CRUZ

Que ainda para o ano
Cantemos louvores
No mêz Mariano".

E lá em baixo, no patamar, tendo ao lado um pau fincado no chão, onde era colocado um farol quadrado, em cujo centro bruxeleava uma vela de cêra de carnaúba, estava a velha Mariana do Bernardo, de tamancos de mulungú e chapéu de peba. Uma velha pandorga de côr clara e olhos cinzentos, tendo sôbre as pernas uma gamelinha cheia de brôas de goma, que ela vendia a vintém cada uma, e que constituia a nossa delícia, naqueles ditosos tempos "que os anos não trazem mais".

O CARNAVAL

Sim, o carnaval dos albores dêste século, em Bela Cruz. As principais figuras eram: Opério Silveira, Laurindo Lopes, Cosme Silveira, José Bernardino Araújo, Tobias Silveira, José Estanislau, Leorne Silveira, Minervino Lopes e outros. Todos mascarados, segundo o papel que representavam. As máscaras, porém, eram confeccionadas pelo Juca Lopes, em fôrmas especiais, trabalhadas em bom material. As fantasias eram feitas em sêda. E o *bloco* viajava a cavalo até Marco; passeiava pelas ruas e, à noie, realizava-se animado baile, em casa do Sr. Manezim Araújo ou do Sr. Xico Chagas. Não havia, então, nem a "Cabeleira do Zéze", nem "O rebolado que ela faz", nem "O que é teu é meu", nem "A onda é dos Cabeludos". Não. Nada disto. Era somente o Zé Pereira velho de guerra, e a tradicional Quadrilha, marcada pelo Juca Lopes. E era tão bom! E a orquestra? Bem, a orquestra era mesmo a harmônica velha do Antonio Canuto que alí, naquele tempo, cartou mais alto do que o conjunto do Ivanildo.

Dona Felizmina *fabricava* "Laranjinhas" coloridas, de parafina. Tinham o formato e o tamanho de um ôvo de pata, e eram cheias de água cheirosa. A gente comprava-as a tostão, para atirar nas pessoas amigas. Era assim o entrudo daquêle tempo. Era tudo muito simples e muito risonho, como aquela época.

CAVALOS BRALHADORES

Uma diversão que, não sabemos porque, fazia, então o gosto de muitos rapazes, eram os passeios, a cavalo de bralha, aos domingos, ao redor da capela, ou melhor, junto às casas do *Quadro*. Entre os que possuíam bons animais e usavam êste esporte, estão: Costa Mendes, João Firme Vasconcelos, Jota Carvalho, Manoel Rocha, Gabriel Vasconcelos e Raimundo Rocha. O mestre dos cavalos era o nosso saudoso amigo Antônio

Romão de Carvalho, um velho alto e corado, de olhos azuis e rosto perenemente alegre, revelando uma consciência limpa e um coração boníssimo. Era membro de tradicional família de Bela Cruz, e faleceu a 18 de novembro de 1941.

O REISADO DO MANÉ VICENTINA

Na verdade, o Reisado do Mané Vicentina era o bando que ali *trabalhava*, com maior preferência. O chefe Mané Vicentina fazia o papel de "Velho", o Sr. Zé Xerez fazia o papel de "Velha", com mais uns 3 *maskarados* de couro de mambira, com enormes barbas de tucum. O Xico Fortunato dansava o Boi e o Xico Helena dansava a Burrinha e Cabeçudo. Eram essas as únicas figuras daquêlê Reisado. Posteriormente vieram aparecendo outras, como Cabeça-de-Fôgo, a Ema e o Bode. O dono da casa era tratado por Capitão, e as músicas eram tocadas pelo Alexandre Xiquinha.

Ao aproximar-se o Bando, a casa era fechada. E então cantavam versos como êstes :

Ô de casa ! Ô de fora !
Manjerona, quem está aí?
– Foi o cravo que chegou
E a rosa não quer sair.

Esta casa está bem feita
Por dentro, por fora não :
Por dentro cravos e rosas;
Por fora manjerição.

Então a porta era aberta, e a função começava com um sapateado, para depois virem as *figuras*, sucessivamente, o Boi, a Burrinha e o Cabeçudo. As *figuras* eram recebidas com versos como êste:

Ô meu boi bonito
Que vei do sertão,
Tú faz uma venia

Pro meu Capitão. E o boi aproxima-se do dono da casa e fazia um aceno de cabeça. As páginas tantas, o "Velho" matava o Boi. Então todos os mascarados, após fazer a divisão do animal, faziam-no reviver, com versos assim:

Alevanta Boi,
Bem de vagazim,
Que o meu Capitão

Vai te dá capim. O capim ali era uma bôa lapada de cana que fazia reanimar o bovino improvisado.

Saindo o Boi, entrava a Burrinha, quando se cantavam versos como êste: "Minha burra, minha burra/ Da serena madrugada,/ Bota a cela, acocha a cilha,/ Vamo vê a namorada". Depois saia a Burrinha e vinha o Cabeçudo, que não tinha versos especiais. E terminava o Reisado com êstes versos: "Lá se vai um passo muito avuado. Até para o ano, se nós vivo fôr". Então o Capitão distribuía a última ração de "água que passarinho não bebe", e a turma retirava-se, enquanto o Alexandre (Xiquinha ia tocando e cantando a "Casas Branca da Serra" ou o "Pescador da Barquinha". E o Reisado era, e ainda é, uma atração do Folclore cearense e nordestino.

AS SERENATAS

As serenatas daquele tempo ficaram em nossa memória, e são guardadas com muito carinho.

Os violões eram tocados pelo Juca Lopes e pelo Lopes Araújo. Êste gostava de cantar "Talentos e Formosura" o "Fruto de um Pomar Etéreo". O Jota Romão cantava "Gigante de Pedra" e "Romeu e Julieta", enquanto o Aprígio Prado gostava de "Vem ver o Belo Luar" e "Por Deus, a Vida é Um Sonho". Carlos Pinto não perdia "A Vaga" ou "Sôbre as Ondas", ao passo que o Tobias cantava "Danço Bem" e "Ês minha Estrela". Coló Pinto gostava de "Beijo Fatal" e "Conchinha de Prata"; o Clóvis cantava "Vamos, Eugênia", e declamava "Os Cisnes", ao passo que o Benedito Carvalho *expandia-se* em "Flor Desbotada" e "Sonhei". E o nosso saudoso Professor Nicácio, que gostava muito dos rapazes, seus alunos, às vêzes acompanhava e tomava parte, cantando "Por entre as Trevas da Noite" ou "Amor e Mêdo". E, vez por outra ali se ouvia a voz – sentimento do saudoso poeta Lauro Menêzes, grande amigo de Bela Cruz, cantando o "Verde Ingazeiro" Ou Cambarás em Flôr.

Alguns anos depois, outra turma veio encher as ruas de lindas modinhas, acompanhadas aos violões de Joca Araújo, João Maranhão e Afonso Araújo, que gostava de "Ser noivo é ser Ditoso", enquanto o Doca Araújo entoava "Maria é Como a Flor", e João Maranhão cantava "As Filhas do País do Sul". Então não faltava o Venceslau Maranhão, mandando á lua "A Cabôcla do Sertão", enquanto o João Sena cantava "Vamos, meu amor, que a Noite é Calma", João Júnior cantava "Macidade e Morte", e Célso

Carvalho fazia ouvir "Se alguém Te Perguntar". (os três últimos já foram chamados para a outra vida, deixando aqui famílias, amigos e uma profunda saudade).

Aquelas serestas, realizadas ao meio da noite e sempre ao clarão de um luar de prata e veludo, constituíam uma diversão para os moços e um encanto para as donzelas, muitas das quais identificavam naquelas poesias, aquilo que seu apaixonado não lhe poderia dizer em casa, devido a presença da mamãe cuidadora e vigilante.

TIPOS DA NOSSA INFÂNCIA

Não queremos encerrar êste capítulo de lembranças sem mencionar alguns dos tipos mais ou menos originais, que viveram na vetusta Santa Cruz, aí pelos idos de 1910.

Homens e mulheres que, por qualidades físicas, psicológicas ou intelectuais, se destacaram no meio da população. Tôdos êles, no entanto, gozaram da estima de seus contemporâneos.

Eis uma relação que organizamos, dentre muitos outros patrícios nossos:

ZÉ REINALDO – O velhinho Zé Reinaldo era caçador de tatú peba e tamanduá, e morava lá no Córrego do velho Manoel Pereira, e alí tinha um roçadinho de milho e mandioca. Era um velho bom, casado com D. Maria Joaquina, a qual fabricava umas brôas de ótima qualidade, para vender na "Feira", onde possuía um café. Uma particularidade do velho Zé Reinaldo: viveu 106 anos, pois nasceu a 18 de março de 1850 e faleceu a 15 de dezembro de 1955, deixando 16 filhos, 90 netos e 234 bisnetos. É o caso de a gente exclamar: Puxa, vida !

ELIAS ENOQUE – Seu nome inteiro era Elias Enoque dos Santos. Era casado com a velha Rita e morava, com uma boa cambada de filho, numa casinha localizada exatamente onde se acha a residência do Sr. Valdemar Lopes Araújo, ali na rua Prof. Nicácio, a qual naquêlo tempo era denominada Rua do Alto.

A choupana tinha ao lado um pé de mulungú que no verão se cobria de flores encarnadas. Elias, que exercia a profissão de sapateiro de 3.^a classe, era paraplégico, coitado. Assim mesmo, de cócoras, êle ia ao comércio comprar o material para a sua arte. E muitas vêzes tomava umas canas por lá, e voltava em *ponto alto*. Fomos dos que gostaram de Elias, porque, apesar de sua pobreza, e de sua quase paralia, não lhe faltavam pilherias, nem aquela santa alegria dos que se conformam com a vida que Deus lhes deu.

FELIZMINA PINGÃO – Era uma cunhã velhota e atarracada, que morava alí na Ipueira. Não era doida, mais também não tinha juízo. De maneiras

que a Felizmina Pingão juntava o cabelo, fazia um grosso cocó que enfeitava com enorme cacho de flores de acácia ou resedá. Depois fazia uma mistura de goma de mandioca com água e bezuntava o rôsto, parecendo uma coruja rasga-mortalha. Assim arrumada, na convicção de que estava bonita, ela *ganhava*, à rua, procurando um esposo que nunca conseguiu arranjar.

MANÉ CABRA – Era o velho Manoel Faustino. Velho direito e que falava pouco. Era lavrador e plantava na Baixa Nova, mas possuía uma "Casa de Farinha", no local onde fica o "BAR BELA CRUZ". Ali estivemos dois meses na escola do velho Manoel Mestre, que era bem rigoroso no exercício de sua sublime profissão. Gostávamos do Velho Mané Cabra, que, apesar de calado, contava a história da "Pega da Onça". E sua esposa, a velha Celestina, fazia umas palmas de goma, que eram boas demais. E o preço então...

O JUCA – Juca Lopes era um rapaz bem maduro que viveu em Bela Cruz durante muitos anos. Era muito branco e sem sangue, e por isto, poseram-lhe o apelido de *Defunto Lavado*. Entretanto, o Juca era muito inteligente. Pintava casas, desenhava, confeccionava máscaras de carnaval, tocava violão e cantava e declamava bem. Era, afinal, de grande utilidade no arranjo de festas e reuniões sociais, e muito serviu à sociedade belacruzense.

JOÃO TINTINA – O velho Manoel Bernardo, sério, de grande óculos com aros de chifre, que morava numa casinha no local onde hoje está assentada a casa de Sebastião Olegário, à Rua Humaitá, e que fazia tijolos e telhas lá no "Poço de Zé Longo", criava, um seu irmão, velhote, chamado João Tintina. Pois bem; o João Tintina quando andava ia estalando a junta do calcanhar. E estalava alto. Aquilo era autêntico *calcanhar de Aquiles*. De modo que a gente menos caridosa ria daqueles estalos. Ria, sim, porém recebia em trôco meia dúzia de desaforos. E era bem feito. Coitado, ele sofria um reumatismo que nunca o deixou.

ZÉ FORTUNATO – Era um velho de estatura média, porém, gordo e pesadão. Usava a profissão de pedreiro e morava na hoje Praça 23 de Fevereiro. Tinha a fala atrapalhada e era muito espirituoso. Gostava de "meter umas e outras", que naquele tempo se chamava "matar o bicho". Era muito estimado, pelos seus ditos engraçados. Faleceu a 14 de junho de 1927, de um ataque de angina. Assistimos seus últimos instantes de vida. Instantes de grande aflição, naquela dispnéia fulminante que lhe roubou a vida ainda tão necessária à sua família.

MANÉ REINADO – Seu nome todo era Manoel Reinaldo da Costa, Era um cabôclo velho de estatura média, que morava no "Vaquejador", na Ipueira. Pescava curimatã e caçava mambira e tatú peba. Em fim, "vivía da caça e da pesca", como os nossos avós tabajaras. Em casa ele fazia tarrafas de fio de algodão, com agulha de pau. Pois bem; a especialidade de Mané

Reinaldo era tomar umas *pingas* e andar pela rua dizendo rifões, como êstes: Cobra que não anda não engole sapo – Quem geme é quem sente a dor – Saco cheio não se dobra e saco vazio não se põe em pé – Cachorro que anda muito cria rabugem. E assim por diante. Também recitava quadras como esta:

De home, seu Antonio,
De muié, dona Fransquinha,
De cabôco, seu Reinaldo,
De cunhã, só a Saninha.

Saninha, era a velha Ana Pires, alta, magra e clara, esposa dêle Mané Reinaldo. A velha exercia a profissão de parteira prática e rezava para dor de dentes, e era muito querida pelo povo de Bela Cruz.

ZÉ BENÍCIO – Era um velhote pálido, de mediana estatura, que todos os meses demorava uma semana em Bela Cruz. Não sabemos de onde êle vinha. Sabemos, porém, que era um charlatão que vendia garrafadas de purga de leite, de raiz de tiú, pílulas de leite e tisanas diversas. Sucede que o Zé Benício era doido por cachaça e, compenetrado de sua profissão, quando queria beber, usava um termo farmaceutico: – me dá uma *dose*. E depois de meia dúzia de doses êle começava a recitar versos do folclore ou cantar saudosas modinhas de seu tempo de moço. Lembramo-nos bem de uma sextilha assim :

– Sê conhece êste cabôco
de guarda-peito e gibão,
chinelas de sola-e-vira,
espora do rosetão?
Eu tenho desconfiança
que êste cabôco é ladrão.

NOTAS GENEALÓGICAS

No objetivo de oferecer qualquer subsídio para os anais genealógicos de Bela Cruz, e prestar um tributo de justiça ao trabalho e atuação daqueles que mais eficientemente hão cooperado para o engrandecimento e o bom nome daquela comuna cearense, passamos a relacionar os nomes de alguns cidadãos que, naquêle município ou em outro qualquer ponto do território nacional, se têm destacado além da esfera comum.

Quatro deles não são filhos de Bela Cruz, pelo bêmço. Todos, porém, o são pelo amor e pela dedicação demonstrados áquela comunidade. E, pelo esforço, pela inteligência, pela cultura ou por outros quaisquer atributos, constituíram ou constituem motivos de gratidão e orgulho para a terra que os viu nascer ou que fizeram sua pelo coração.

Eis a relação organizada, por ordem alfabética:

AMÉRICO ADIODATO DA ROCHA – Nascido em Bela Cruz, muito moço passou a residir na cidade de Acaraú, onde fêz carreira política, tendo exercido os cargos de Prefeito Municipal e Coletor Estadual por muitos anos. Nasceu a 9 de Fevereiro de 1894 e faleceu a 19 de setembro de 1960.

PE. AURELIANO DIAMANTINO DA SILVEIRA – Exerce presentemente o cargo de Pároco no município de SIMÃO DIAS, no Estado de Sergipe. Sacerdote portador de sólida cultura, nasceu a 2 de abril de 1929 e ordenou-se a 8 de dezembro de 1956.

PE. BENEDITO VALTER ARAÚJO – Culto e virtuoso sacerdote da ordem dos Lazaristas, exerce o seu ministério na Capital de São Paulo, Nasceu a 2 de setembro de 1931 e ordenou-se a 15 de fevereiro de 1959.

IRMÃ BRASILEIRO – no século Catarina Clara Brasileira, recebeu o hábito de Filha da Caridade, a 31 de maio de 1940. Pouco depois foi

designada Superiôra da Casa da cidade de Pacotí, onde esteve até 1960, quando veio superintender a Casa de Bela Cruz. Ali integrou-se na vida belacruzense, onde vem desempenhando um papel da mais alta importância no setor educacional e assistencial, na prática do verdadeiro apostolado cristão.

CAP. DIÔGO LOPES DE ARAUJO COSTA – Um dos nomes mais conhecidos desta região, em seu tempo; exerceu com proficiência a profissão de médico, em Lagoa do Mato, e foi o chefe da numerosa família Lopes Araújo N. 1765. Faleceu em 1839.

DR. EXPEDITO ALBANO DA SILVEIRA – Formado pela Faculdade de Direito do Ceará, portador de brilhante cultura jurídica, exercendo o cargo de Assistente Jurídico do Ministério da Aeronáutica, no Rio de Janeiro. Nasceu a 26 de julho de 1926 e formou-se a 8 de dezembro de 1950.

FRANCISCO ROMÃO DE CARVALHO – Foi um dos baluartes do engrandecimento de Bela Cruz, onde foi comerciante proprietário. Nasceu a 6 de abril de 1865 e faleceu a 15 de abril de 1949.

PE. FRANCISCO OLINTO DE ARAUJO LEITÃO – Sacerdote culto e virtuoso, exerce o paroquiato no Estado da Guanabara. Nasceu a 17 de abril de 1912 e ordenou-se a 21 de setembro de 1935.

FRANCISCO DE ASSIS MAGALHÃES ROCHA – Coursou os seminários de Sobral e Fortaleza e concluiu o Curso Superior em Afogados de Ingazeira, em Pernambuco, onde dirige o Movimento de Educação de Base. Nasceu a 11 de outubro de 1940.

PE. FRANCISCO DE ASSIS LOPES – Ilustrado e operoso, exerce o cargo de Pároco de Cariré. Nasceu a 8 de dezembro de 1929 e ordenou-se a 24 de outubro de 1955.

DR. FILOMENO ALBANO DA SILVEIRA – Formado pela Faculdade de Farmácia de São Paulo, reside, há muito anos, naquela Capital, onde exerce o magistério. Nasceu a 9 de outubro de 1889.

PROFESSOR FRANCISCO FONTELES TEIXEIRA – Conclui a Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Ceará e é Professor do Instituto de Educação Justiniano de Serpa. Nasceu a 26 de maio de 1940.

DRA. GIZELDA DE MEDEIROS ALBUQUERQUE – Formada pela Faculdade de Filosofia da Universidade do Ceará, ocupa, por concurso, uma Cadeira no Instituto de Educação Justiniano de Serpa. Colou grau a 16 de dezembro de 1964.

GABRIEL FLORÊNCIA DE VASCONCELOS – Foi sempre um grande lutador pelo progresso de Bela Cruz. Nasceu em 1866 e faleceu a 20 de setembro de 1939.

GERALDO GIFONI DA SILVEIRA – É alto funcionário da Fazenda, tendo exercido o cargo de Coletor Estadual em Bela Cruz, Ibiapina e atualmente em S. Benedito. Nasceu a 11 de janeiro de 1926.

DR. HILDEFONSO NAVARRO LEITÃO – Ilustre diplomata, tendo representado o Brasil em vários países. Nasceu em Bela Cruz, a 11 de fevereiro de 1890.

JOÃO BATISTA DA SILVEIRA – Chefe político de grande evidência em seu tempo. Comerciante e proprietário, foi um dos batalhadores pela grandeza de Bela Cruz. Nasceu a 12 de março de 1834 e faleceu a 28 de março de 1918.

JOSÉ LOPES DA SILVEIRA – Proprietário e chefe de numerosa família, foi um dos devotados amigos de sua terra. Nasceu em 1855 e faleceu a 2 de março de 1943.

PE. JOAQUIM DIOMAR DE ARAÚJO – Dono de sólida cultura, exerce o magistério no Seminário de Olinda-PE. Nasceu a 15 de abril de 1923 ordenou-se a 30 de outubro de 1955.

JOÃO VENCESLAU ARAUJO – Rara inteligência, executa, com perfeição, a Escultura e a Música. Em 2 legislaturas eleito Vice Prefeito de Bela Cruz. Nasceu a 27 de janeiro de 1906.

DR. JOSÉ HUMBERTO ARAÚJO – Formado pela Escola de Administração e pela Faculdade de Filosofia da Universidade do Ceará, é Diretor do Departamento de Pessoal da Prefeitura de Fortaleza e Professor do Instituto de Educação. Nasceu a 23 de dezembro de 1938 e colou grau a 16 de dezembro de 1965.

CAP. JOSÉ GERARDO MARANHÃO – Brilhante oficial do Corpo de Bombeiros, cursa a Faculdade de Direito do Ceará. Nasceu a 3 de novembro de 1933.

DR. JOSÉ MOZART ARAÚJO – Formado pela Faculdade de Direito do Ceará, é Assistente Jurídico do IAPETC e Secretário Geral da Federação de Trabalhadores Cristãos do Ceará. Nasceu a 15 de julho de 1933 e formou-se a 30 de dezembro de 1962.

DR. JOÃO AMBRÓZIO DE ARAUJO FILHO – Formando pela Escola de Agronomia da Universidade do Ceará, faz presentemente um estágio de especialização de 18 meses na Universidade de Túcson, na América do Norte. Nasceu a 10 de dezembro de 1941 e colou grau a 16 de dezembro de 1965.

JOÃO DAMASCENO VASCONCELOS – Poeta e jornalista, autor de dois livros publicados, é dos grandes propugnadores pelo progresso de Bela Cruz (que dignamente representou na Câmara de Acaraú), e onde exerce o cargo de Chefe da Estação postal-telefônica. Nasceu a 13 de agosto de 1924.

TENENTE JOSÉ MÁRIO PINTO – Bela cultura, com alguns cursos de aperfeiçoamento na América do Norte. Na 2.ª Grande Guerra serviu com muita dedicação à Armada Brasileira. Nasceu a 24 de novembro de 1924.

PE. JOÃO DELMONTE DE CARVALHO – Exerce o paróquio na cidade de Martinópolis, desta Diocese. Nasceu a 23 de novembro de 1931 e

ordenou-se a 3 de dezembro de 1961.

IR. JOSÉ ARIMATEIA FREITAS FILHO – Jovem culto, exerce o magistério em Maceió, no Estado de Alagoas. Nasceu a 5 de fevereiro de 1943 e ingressou na Ordem Marista a 8 de dezembro de 1964.

IR. JOSÉ GETÚLIO DA SILVEIRA – Também como o procedente, é portador de boa cultura e exerce o magistério na Capital de Alagoas. Nasceu a 11 de agosto de 1935 e ingressou na Ordem Marista a 2 de fevereiro de 1958.

MANOEL DUCA DA SILVEIRA – Filho e grande amigo de Bela Cruz, que lhe deve assinalados benefícios, sendo o seu maior proprietário. Chefe político de alto prestígio, administrou o Município de Acaraú, por duas Legislaturas, realizando uma profíqua administração. Nasceu a 11 de janeiro de 1895 e faleceu a 8 de agosto de 1962.

MÁRIO DOMINGUES LOUSADA – Filho de Acaraú, em 1930 fixou residência em Bela Cruz, consorciando-se com uma jovem belacruzense e integrando-se na vida daquela comuna, que êle fêz sua pelo coração e pelos grandes serviços que lhe prestou, como Subprefeito e como Prefeito Municipal. Nasceu a 15 de agosto de 1904 e faleceu a 19 de dezembro de 1961.

MANOEL ALBANO DA SILVEIRA – Político de alta evidência de seu tempo, ocupou o cargo de Prefeito de Acaraú, durante mais de dez anos, realizando uma grande obra administrativa. Reside em Fortaleza, e nasceu a 29 de julho de 1889.

MANOEL DAMIÃO DA SILVEIRA – Irmão do procedente, também foi político de relevante prestígio, tendo exercido o cargo de Coletor Federal de Acaraú, durante 36 anos. Nasceu a 23 de fevereiro de 1896. É grande amigo de Bela Cruz.

DRA. MARIA DO CARMO MEDEIROS – Formada pela Faculdade de Farmácia e Bioquímica da Universidade do Ceará, exerce as funções de Assistente da Cadeira de Química Analítica da mesma Faculdade, depois de estagiar em São Paulo. Colou grau a 16 de dezembro de 1961.

..TEN. MIGUEL JORGE DE MIRANDA – Bríosa patente do Exército Nacional, exerce, também, as funções de Vereador pelo Município de Diadema, no Estado de São Paulo. Nasceu a 11 de fevereiro de 1913.

PROFESSORA MARIA FLORINDA DOS SANTOS – Exerceu o magistério público na cidade de Bela Cruz, durante 26 anos, com reais serviços àquela gente. Nasceu a 18 de novembro de 1904 e faleceu a 30 de setembro de 1965.

DRA. MARIA DE FÁTIMA FERNANDES MEDEIROS – Formada pela Faculdade de Farmácia e Bioquímica da Universidade do Ceará, é, atualmente, estagiária do Laboratório Bromatológico da mesma Universidade. Colou grau a

16 de dezembro de 1965.

MARIA ROCILDA DE VASCONCELOS RAMOS – Formada pela Escola de Enfermagem da Universidade do Ceará, com Curso de Especialização em São Paulo, ocupa as funções de Chefe das Enfermeiras da Faculdade de Medicina de Fortaleza. Colou grau a 7 de outubro de 1956.

PROFESSOR NICÁCIO BARBOSA CORDEIRO – Filho de Canindé, êsse ilustrado mestre exerceu o magistério público e particular em Bela Cruz, durante mais de meio século, prestando inestimáveis serviços àquela terra e àquêlê povo que êle fez seu irmão pelo coração, e de quem se constituiu um grande benfeitor. Nasceu a 14 de dezembro de 1852 e faleceu a 29 de março de 1940.

NICÁCIO CORDEIRO PINTO – Neto do procedente. Nasceu em Bela Cruz a 17 de novembro de 1898, e jovem ainda, viajou para Camocim, onde contraiu matrimônio e constituiu família. Formado em Contabilidade, transferiu sua residência para Fortaleza, onde passou a emprestar sua cultura e sua capacidade de trabalho à Universidade do Ceará, aposentando-se em 1964. Tem sua residência naquela Capital, porém, jamais deixou de ser amigo de sua terra.

PE. ODÉCIO LOIOLA SAMPAIO – Há mais de 25 anos exerce o seu sagrado ministério na Paróquia de Bela Cruz, de quem se tornou um dos maiores benfeitores de todos os tempos, mercê de sua marcante atuação no setor religioso, moral, educacional e social daquele município. Nasceu a 17 de fevereiro de 1916 e ordenou-se a 30 de novembro d 1941.

RAIMUNDO NONATO DE MORAIS – Filho de Bela Cruz, mudou-se para Fortaleza, onde ingressou na política, sendo eleito Vereador, por duas Legislatura, à Câmara Municipal daquela Capital. Nasceu a 13 de agosto de 1921.

DR. TARCISIO WILSON ARAÚJO – Formado pela Escola de Agronomia da Universidade do Ceará, exerce sua atividade na cidade de Tauá, como funcionário da ANCAR. Nasceu a 20 de maio de 1937 e colou grau a 13 de dezembro de 1964.

DRA. TERESA DE JESUS SENA – Diplomada pela Escola Normal Justiniano de Serpa, em Fortaleza e formada em Salvador, na Bahia, tem vários cursos de aperfeiçoamento no Brasil e no estrangeiro. Há desempenhado diversos cargos de alta responsabilidade em diferentes pontos do país, com participação, como membro efetivo, em muitos Congressos Brasileiros de Enfermagem no Brasil e no Exterior. É professôra de Enfermagem Psiquiátrica e de Higiene Mental da Escola Nacional Ana Néri, na Guanabara. Colou grau a 9 de dezembro de 1952.

INDICADOR DA CIDADE DE BELA CRUZ

Prefeito Municipal – *José Ludgero da Silveira*

Vice-Prefeito – *João Venceslau Araújo*

Vigário da Paróquia – *Pe. Odécio Loiola Sampaio*

Presidente da Câmara – *João Batista da Rocha*

Coletor Estadual – *José Edilardo Moreira*

Escrivão da Coletoria – *Agripino Bias da Silveira*

Oficial do Registro Civil – *Afonso Celso Araújo*

Juiz de Casamentos – *João Geves de Araújo*

Delegado Especial – *Sgt. Antônio Leandro da Silva*

Delegado de Polícia – *Pedro José da Silveira*

Chefe da Agência Postal-Telefônica – *João Damasceno Vasconcelos*

Diretor do Subpôsto de Saúde – *Dr. Manoel Airton Neves*

Diretora da Escola Normal – *Irmã Catarina Brasileiro*

Diretora das Escolas Reunidas – *Maria Filomena Silveira Lousada*

Diretora do Grupo Escolar Municipal – *Maria Alice de Vasconcelos*

Operador do Pôsto Telefônico – *Pedro Erasmo de Vasconcelos*

DENTISTA:

João Bernardino Pontes

ASSISTENTE:

Maria Altair Regadas Carvalho

LOJAS DE TECIDOS:

Casa Mário Lousada Ltda

Expedito Deroci Vasconcelos

João Venceslau Araújo

José Milton Oliveira

ARMARINHOS:

Francisco Linhares Fonteles

José Olinto Araújo

Manoel Messias da Silveira

Pedro Marques Araújo

Raimundo Artur Vasconcelos

Sandoval Silveira Araújo

MERCEARIAS

Francisco Cirineu das Chagas

Geraldo Majela Rocha

José Edimar da Silveira

José Nestor da Silveira

Manoel Cunha

Roque Aristides de Moraes

Vicente Lopes Araújo

BARES E SEMELHANTES:

Benedito Edimar de Maria

Benedito Lopes da Silveira

Edimar Pires de Araújo

João Bonfim de Vasconcelos

José Piragib Rocha

José Maria de Meneses

José Maria de Meneses

HOTEIS:

Joana Eulina da Silva

Zilma Marques Teixeira

CAFÉS:

João Romão de Carvalho

José Lopes Araújo

José Adiodato de Moraes

Miguel Arcanjo Freitas

AÇOUGUES:

Erasmio Moura

Manoel Severiano Ramos

Manoel Messias Moura

Raimundo Livino da Silveira

PADARIAS:

Sebastião Luiz da Costa

Venceslau Damasceno Maranhão

MOAGEIRA:

José Potiguara da Silveira

DROGARIA:

Socorro Farmacêutico Mário Lousada

ATELIER DE COSTURA:

Guarací Prado Freitas

SERVIÇOS FOTOGRÁFICOS:

José Epitácio Moraes

CONSERTOS DE RÁDIO

José Tarcísio Araújo

José Epitácio Moraes

BARBEARIAS:

Cesário de Oliveira Lima

Francisco Patrocínio de Carvalho

José Maurício Pontes

José Florêncio da Rocha

POSTOS DE GASOLINA ÓLEOS E PEÇAS

Manoel Quariguazi Araújo

Valdemar Lopes de Carvalho

MARMORISTA:

Djalma Lopes de Carvalho

AGRIMENSOR:

Rubião Fonteles Leitão

OFICINA MECÂNICA:

Anísio Rodrigues Ribeiro

SAPATARIAS E REMONTES:

Manoel Oscar Sousa

Paulo Mariano da Silva

MERCENARIAS:

José Arimatéa Freitas

Milton Braga Dutra

CARPINTARIAS:

Artur Reinaldo da Costa

Manoel Leandro de Sousa

FERREIROS:

José Lucas Arcelino

Manoel Quirino de Almeida

FLANDEIRO:

João Batista Romão

PEDREIROS:

Agostinho Fortunato da Paixão

André Secundo Carneiro

Francisco das Chagas Vasconcelos

Laurindo Neri da Costa

Manoel Lino dos Santos

Raimundo Vicente Teixeira

PINTURA PREDIAL:

Francisco das Chagas Nascimento

José Edimar de Araújo

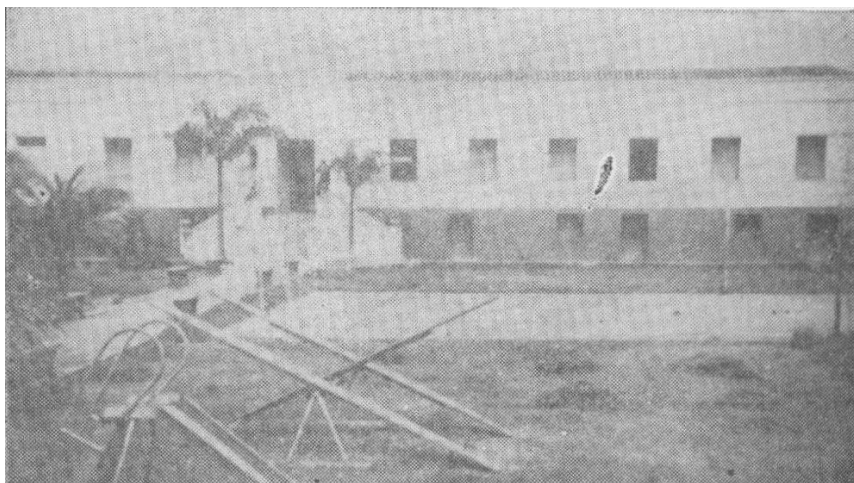
José Odécio Vasconcelos

ÍNDICE

DUAS PALAVRAS	9
ALTO DA GENUVEVA	11
CIDADE DE BELA CRUZ	12
PRIMEIRO CAPÍTULO – Bela Cruz e seus primeiros povoadores	15
SEGUNDO CAPÍTULO – Dados Gerais do Município	19
TERCEIRO CAPÍTULO – Formação Religiosa	25
QUARTO CAPÍTULO – Formação Política	57
QUINTO CAPÍTULO – Ensino e Educação	69
SEXTO CAPÍTULO – Situação Econômica	75
SÉTIMO CAPÍTULO – Aspecto Sócio-Cultural	83
OITAVO CAPÍTULO – Aspecto Assistencial	87
NONO CAPÍTULO – Obras e Repartições Públicas	91
DÉCIMO CAPÍTULO – Distrito de Prata	105
UNDÉCIMO CAPÍTULO – As Sêcas e as Enchentes	111
DUODÉCIMO CAPÍTULO – Imagens do Passado	119
NOTAS GENEALÓGICAS	127
INDICADOR DA CIDADE DE BELA CRUZ	133

ERRATAS

- No 1.º Capítulo, onde se lê TROTÔNIMO, leia-se, TOPÔNIMO.
- Na pág. 11, onde se lê cumacú, leia-se – *cumarú*
- No Capítulo 2.º, em OS MISSIONÁRIOS, onde se lê Ancriêtas, leia-se – *Anchiêtas*.
- No 7.º Capítulo, em ASSISTÊNCIA DENTÁRIA, onde se lê mateu, leia-se – *montou*
- No 11.º Capítulo, em AS ENCHENTES, onde se lê estagônica, leia-se – *antagônica*
- No 12.º Capítulo, em CAVALOS BRALHADORES, onde se lê fôsto, leia-se – *rosto*.



PATRONATO IMACULADA CONCEIÇÃO

Majestoso edifício do Patronato Imaculada Conceição, construído pelo Vigário de BELA CRUZ e inaugurado a 14 de fevereiro de 1960. Cobre 8.455 m² com uma área construída de 2.143 m². Conta 8 salas de aulas, uma capela e um vasto auditório, afora os demais compartimentos necessários ao perfeito funcionamento da Comunidade e de todos os cursos ali ministrados. Possui Parque Infantil, Quadra de Futebol de Salão, Clube Agrícola e Grêmio lútero-esportivo, constituindo um prédio que honra a cidade de BELA CRUZ.
